

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIOCIÊNCIAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA AMBIENTAL



RICARDO DOS SANTOS ESTEVES

**PERCEÇÃO AMBIENTAL EM UMA COMUNIDADE
EVANGÉLICA: A CONTRIBUIÇÃO DA IGREJA
PRESBITERIANA BETÂNIA DE PIRATININGA PARA A
CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL**

Niterói

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

RICARDO DOS SANTOS ESTEVES

**PERCEPÇÃO AMBIENTAL EM UMA COMUNIDADE
EVANGÉLICA: A CONTRIBUIÇÃO DA IGREJA
PRESBITERIANA DE PIRATININGA PARA A
CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Ciência Ambiental.

ORIENTADOR: JÚLIO CESAR DE FARIA ALVIM WASSERMAN

Niterói

2006

RICARDO DOS SANTOS ESTEVES

PERCEPÇÃO AMBIENTAL EM UMA COMUNIDADE
EVANGÉLICA: A CONTRIBUIÇÃO DA IGREJA
PRESBITERIANA BETÂNIA DE PIRATININGA PARA A
CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Ciência Ambiental.

Aprovada em janeiro de 2006

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Júlio César de Faria Alvim Wasserman – Orientador
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Orlando Alves dos Santos Junior
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Alexandre Davignon
Coppe - UFRJ

Niterói
2006

E79 Esteves, Ricardo dos Santos

Percepção ambiental em uma comunidade evangélica: a contribuição da igreja presbiteriana betânia de Piratininga para a conscientização ambiental/

Ricardo dos Santos Esteves. – Niterói : s. n., 2006.

156 f.

Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Universidade Federal Fluminense, 2005.

1. Meio ambiente. 2. Ensino religioso. 3. Educação ambiental. 4. Igreja Presbiteriana Betânia (Niterói, RJ). I. Título.

CDD 574.5

DEDICATÓRIA



Àos meus filhos Mateus e Lucas, pela beleza, poesia, pureza e paz que encontro neles e pela força que me dão para continuar lutando por um mundo bem melhor.

AGRADECIMENTOS

Quando se finda cá no mundo uma vida humana, pode-se escrever na lousa do sepulcro: “Cinzas”. É o corpo um punhado de cinzas que se atira à terra para com ela se confundir na profunda humilhação das coisas sem valor. Mas não é cinza a alma que se transplanta viva para a vida sem fim da eternidade, de onde voltará a buscar o corpo na última tarde do mundo. Nem são cinzas os atos humanos, os atos livres e conscientes do homem. Eles procedem da alma que não morre e com ela participam da imortalidade. São um punhado de sementes que se atiram à terra fecunda da história para germinarem em exemplos.

Que precioso punhado de sementes que é a vida de Jesus Cristo. Seu exemplo, principalmente de perdão, me levou a desfazer as cargas desnecessárias que carregava, das quais me paralisavam diante da vida.

Ao humilde Galileu carpinteiro minha gratidão por ter mudado a história do mundo conjuntamente com a minha.

Ao meu pai e minha mãe que sempre me socorreram nas horas de aflição, quando todas as portas fechavam, encontrando abrigo seguro e acolhedor. À minha irmã que nunca deixou de me incentivar e ajudar. À minha esposa e filhos que suportaram minha ausência nas horas em que estive envolvido nesse trabalho. Ao amigo irmão Carlos Roberto Alves pela orientação segura e sábia, sem a qual não poderia obter essa vitória. E finalmente ao meu orientador Júlio Cesar de Faria Alvim Wasserman pela dedicação, paciência, perseverança e por fazer brotar uma pequenina semente plantada há quinze anos atrás.

POLUIÇÃO

Senhor amado,
a Tua palavra me ensina
que, tendo criado o mundo,
nele o homem colocaste.
Deste-lhe um sono profundo
E dele a mulher formaste
- sua companheira de sina.

Por morada – o paraíso,
com rios de água pura,
cristalina como o riso!
Deste-lhe frutas e flores,
o canto dos passarinhos,
na alegria das cores,
no aconchego dos ninhos.

Tudo era belo e puro:
o sexo sem perversão;
o céu era mais azul,
e havia comunhão.

Então surgiu o pecado.
O concerto foi anulado
e começou a poluição.

Hoje há óleo nos mares
e chumbo na água dos rios;
fumaça de indústria nos ares;
no peito, corações frios.
Divórcios quebrando os lares,
crianças desamparadas
e pelos canhões assustadas!

E agora, Senhor?
Somente com a Nova Terra
veremos reinar o amor
e não se ouvirá mais de guerra?

Mas, eu Te rogo, Senhor,
ordena ao homem, agora,
que prescindia de cloro a água,
que tire do peito a mágoa,
e ponha no afeto, calor!

LIXO LIMPO

Coisa de Ecologia.
Os universitários encabeçaram
a campanha.
Para preservar a Natureza,
para educar nossa gente.
A comunidade aceitou o desafio.
- Vamos separar o lixo limpo:
garrafas, plásticos e jornais;
isopor e outras coisas mais
que a Natureza não aceita
para em humo transformar.

O refugo será reaproveitado e vendido.
O dinheiro, pra assistência social.
O pobre será beneficiado.

Toda a comunidade se envolveu.
Galões e galões de lixo limpo...
A cooperação foi espontânea.
Muita coisa se recolheu.

As mulheres da comunidade
prepararam uma festa de aniversário.
Num dia em que ela – a dona da festa –
Se sentia frustrada e vazia.
Decepcionada consigo mesma.
Incapaz de as coisas conciliar,
de a todos satisfazer.

Festa linda de cooperação!
Mesa grande com toalha branca.
Mulheres como formigas em carreiro entrando
com bolos confeitados
a velinha já acesa
e mais doces e salgados
que enchiam toda a mesa!

Depois da festa ela comenta com a amiga,
com um nó na garganta:
- Por que tudo isto?
Sinto-me como um lixo...

-...Lixo Limpo – a outra completa.
Valorizando. Comprando.
Por preço adquirido
para ser reaproveitado!

E o sorriso voltou...
- É verdade – ela se lembra.
Assim diz o salmista
em um salmo de louvor:
-“Quem há semelhante
ao nosso Deus, ao Senhor?”.

“Que inclina para ver
o que se passa no céu
e sobre a terra também?

Carta escrita no ano de 2070

A indústria está paralisada e o desemprego é dramático.

As fábricas dessalinizadoras são a principal fonte de emprego e pagam-te com água potável em vez de salário.

Os assaltos por um bidão de água são comuns nas ruas desertas.

A comida é 80% sintética.

Pela ressequidade da pele uma jovem de 20 anos está como se tivesse 40.

Os cientistas investigam, mas não há solução possível.

Não se pode fabricar água, o oxigênio está degradado por causa da destruição do fitoplâncton, causado pelo aquecimento global, o que diminui o coeficiente intelectual das novas gerações.

Alterou-se a morfologia dos espermatozoides de muitos indivíduos, como consequência há muitos meninos com insuficiências, mutações e deformações.

O governo até nos cobra pelo ar que respiramos: 137 m³ por dia por habitante e adulto.

A gente que não pode pagar é retirada das “Zonas Ventiladas”, que estão dotadas de gigantescos pulmões mecânicos que funcionam com energia solar. Não são de boa qualidade, mas pode-se respirar.

A expectativa de vida é de 35 anos.

Em alguns países ficaram manchas de vegetação com o seu respectivo rio que é fortemente vigiado pelo exército.

A água tornou-se um tesouro muito cobiçado, mais do que o ouro ou os diamantes.

Aqui não há árvores porque nunca chove, e quando chega a registrar-se precipitação, é chuva ácida.

As estações do ano tem sido severamente transformadas pelas provas atômicas e da indústria contaminante do século XX.

Advertia-se que deveríamos cuidar do meio ambiente e ninguém fez caso.

Quando a minha filha me pede que lhe fale de quando era jovem descrevo o bonito que eram os bosques, lhe falo da chuva, das flores, do agradável que era tomar banho e poder pescar nos rios e barragens, beber toda a água que quisesse, o saudável que era a gente.

Ela pergunta-me: “Papa! Porque se acabou a água?”

Então, sinto um nó na garganta; não posso deixar de sentir-me culpado, porque pertencço à geração que terminou destruindo o meio ambiente ou simplesmente não tomamos em conta tantos avisos.

Agora os nossos filhos pagam um preço alto e sinceramente creio que a vida na terra já não será possível dentro de muito pouco tempo, porque a destruição do meio ambiente chegou a um ponto irreversível.

Como gostaria de voltar atrás e fazer com que toda humanidade compreendesse isto quando ainda podíamos fazer algo para salvar o nosso planeta terra!

Documento extraído da revista biográfica “Crônicas de los Tiempos” de abril de 2002.

Vamos lutar para que esta carta nunca venha a ser postada.

SUMÁRIO

	Pg.
1 INTRODUÇÃO	19
2 METODOLOGIA	22
3 MEIO AMBIENTE, SUSTENTABILIDADE E SOCIEDADE	29
4 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA	47
4.1 A natureza como um recurso explorável e os caminhos tecnozóico e o ecozóico	47
4.2 Três filosofias aplicadas a educação: A tecnocrática, a progressista e a holística	49
5 ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS E MOVIMENTOS SOCIAIS	56
6 A ORIGEM DA IGREJA EVANGÉLICA E SEU CONTEXTO NA ATUALIDADE	65
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO	78
7.1 Interação Entre os Grupos Estudados	78
7.2 Conhecimento dos Membros e Não-Membros da Igreja sobre Práticas ambientalmente adequadas	80
7.3 Informações Sócio-Econômicas dos Grupos Estudados	90
7.4 Informações Extraídas do Jogo de Liga-Palavras	100
7.5 Concepção Ambiental dos Pastores, Membros e Não-Membros da Igreja	106
8 CONCLUSÃO	110
9 RECOMENDAÇÕES FINAIS	113
10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114

<u>ANEXOS</u>	122
<u>ANEXO 1 – Roteiro do formulário aplicado aos pastores da igreja</u>	<u>123</u>
<u>ANEXO 2 – Formulário diagnóstico aplicado aos membros da igreja</u>	<u>126</u>
<u>ANEXO 3 – Formulário diagnóstico aplicado aos não-membros</u>	<u>129</u>
<u>ANEXO 4 – Transcrição dos formulários aplicados aos pastores da igreja</u>	<u>132</u>
<u>ANEXO 5 – Transcrição dos dados gerados pelos formulários aplicados aos mem- bros da igreja</u>	<u>140</u>
<u>ANEXO 6 – Transcrição dos dados gerados pelos formulários aplicados aos não - -membros</u>	<u>157</u>
<u>ANEXO 7 – O Cânon Bíblico</u>	<u>169</u>

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	Pg.
Figura 01 – Localização da Igreja Presbiteriana Betânia e comunidade	26
Figura 02 - Religiões Evangélicas Pentecostais. Região Metropolitana do Rio de Janeiro	26
Figura 03 – Convívio dos não-membros com membros de igreja	79
Figura 04 – Visita dos membros da igreja estudada a outras igrejas	79
Figura 05 - Consumo de animais da região	83
Figura 06 - Gosto por caminhar na mata	83
Figura 07 - Preferência por árvores ou ambiente cimentado	84
Figura 08 – Modo de descarte do lixo	84
Figura 09 – Hábito de limpeza da caixa d'água	85
Figura 10 – Ocorrência de plantas frutíferas	85
Figura 11 – Ocorrência de animais	86
Figura 12 – Hábito de vacinar os animais	86
Figura 13 – Hábito de ter animais da região em cativeiro	87
Figura 14 – Participação de movimentos de preservação da Lagoa de Piratininga	87
Figura 15 – Frequência de votos para candidatos evangélicos	88
Figura 16 – Participação em programas de reciclagem de lixo	88
Figura 17 – Preferência pela mata	89
Figura 18 – Local de moradia	93
Figura 19 – Tempo de moradia dos membros da igreja	94

Figura 20 – Tempo de moradia dos não-membros	94
Figura 21 – Grau de escolaridade dos membros da igreja	95
Figura 22 – Grau de escolaridade dos não-membros	95
Figura 23 – Número de familiares dos membros da igreja	96
Figura 24 – Número de familiares dos não-membros	96
Figura 25 – Tipo de moradia	97
Figura 26 – Área de lazer	97
Figura 27 – Ocorrência de jardim	98
Figura 28 – Ligação de esgoto com a rede pública	98
Figura 29 – Disponibilidade de água tratada	99
Figura 30 – Tempo de freqüência na igreja	99
Figura 31 - Associações corretas das palavras com seus significados (membros da igreja)	102
Figura 32 -Associações corretas das palavras com seus significados (não-membro)	103
Figura 33 - Associações dos significados das palavras com a origem do conhecimento (membros da igreja)	104
Figura 34 - Associações dos significados das palavras com a origem do conhecimento (não-membros)	105

LISTA DE CENAS

	Pg.
Cena 01 - Comunidade dos membros que não freqüentam igrejas	173
Cena 02 - Comunidade dos membros que não freqüentam igrejas	173
Cena 03 - Comunidade dos membros que não freqüentam igrejas	174
Cena 04 - Comunidade dos membros que não freqüentam igrejas	174
Cena 05 - Comunidade dos membros que não freqüentam igrejas	175
Cena 06 - Igreja Presbiteriana Betânia de Piratininga	175
Cena 07 - Igreja Presbiteriana Betânia de Piratininga	176
Cena 08 - Membros da Igreja Presbiteriana Betânia de Piratininga	176
Cena 09 - Membros da Igreja Presbiteriana Betânia de Piratininga	177
Cena 10 - Membros da Igreja Presbiteriana Betânia de Piratininga	177

LISTA DE TABELAS

	Pg.
<u>Tabela 01 - Tempo de freqüência dos membros na igreja</u>	143
<u>Tabela 02 - Associações corretas das palavras com os seus conceitos (membros da Igreja)</u>	151
<u>Tabela 03 - Associações dos significados das palavras com as origens dos conhecimentos (membros da igreja)</u>	154
<u>Tabela 04 - Associações corretas das palavras com os seus conceitos (não-membros)</u>	163
<u>Tabela 05 - Associações dos significados das palavras com as origens dos conhecimentos (não-membros)</u>	166

RESUMO

O presente trabalho consiste numa investigação do nível de conscientização ambiental dos membros da Igreja Presbiteriana Betânia situada no bairro de Piratininga, cidade de Niterói. Objetiva-se analisar o conteúdo ambiental e filosófico da pregação e do ensino religioso de seus pastores. Durante o período de agosto de 2004 a fevereiro de 2005 foram aplicados questionários aos 50 membros da igreja, aos 3 pastores responsáveis pelo ensino religioso e 50 membros da comunidade local que não freqüentam igrejas evangélicas regularmente (população de controle). As entrevistas dos membros da igreja, seus pastores e dos não-membros foram comparadas e segundo a interpretação dos dados gerados pelos questionários não há objetivo explícito de passar uma mensagem ambiental para os membros da igreja pelas pregações dos pastores. Como consequência, foram sugeridas algumas modificações na transmissão da doutrina bíblica e nas estratégias de proclamação das mensagens através da Escola Bíblica Dominical e outros eventos internos da igreja. Este trabalho abre excelentes perspectivas para a inserção da conscientização ambiental nas comunidades evangélicas pobres do Brasil.

ABSTRACT

This study is intended to verify the level of environmental conscientiousness of the members of a Presbyterian Betânia Church, located in the neighborhood of Piratininga, in the Oceanic region of the city of Niterói. The work is aimed on the analysis of the environmental and philosophical contents of the gospel and the religious teaching of the shepherds. Besides. During August 2004 and February 2005, the author applied 50 questionnaires to a group of 50 members of the church and specific questionnaires to the three shepherds of the community. Further 50 questionnaires were applied to a control community that never participated of the Presbyterian Church. The interviews of the members of the church, of the shepherds and of the non members were compared and the interpretation of the results indicates that the biblical texts are not an explicit aim of the shepherds' gospels to transmit an environmental message. Therefore, it was suggested that some modifications on the transmission of the biblical doctrine would be profitable, which would be carried out through the Sunday's Biblical School and other events within the church. This work opens excellent perspectives for the insertion of an environmental conscientiousness for the poor evangelic communities in Brazil.

1 INTRODUÇÃO

As instituições religiosas são formadoras de opiniões, exercem influência sobre os valores sociais, sobre as percepções, atitudes e, especialmente, sobre a identidade cultural de cada ser humano, ocupando importante papel na sociedade (Musa, Oliveira e Vieira, 2006).

Passamos por uma época de frágil conscientização ambiental. Não há respostas suficientes diante do volume de problemas ambientais que se acumulam. Existe uma necessidade imperiosa de que todas as instituições participem desse processo de conscientização. A relação entre as religiões com as atitudes, comportamentos e com a preocupação ambiental tem sido demonstrada em algumas pesquisas (BOYD, 1999; DEKKER et al., 1997; SCHULTZ et al., 2000; TARAKESHWAR et al., 2001), na qual apontam para a importância desse tema.

O princípio básico da doutrina cristã que relaciona o homem ao meio ambiente é que ele é superior aos outros seres e é o mais importante deles, pois foi criado à imagem e semelhança de Deus (ALMEIDA, 1993). É o senhor sobre a natureza, sendo que o mundo está aí para fornecer alimento, bebida e abrigo.

Analisando, ao longo do tempo, as diversas denominações cristãs, podemos notar duas posturas distintas: alguns cristãos interpretam que o fato de Deus ter colocado o homem como senhor dos animais e plantas significa que as pessoas podem fazer o que bem entenderem deste mundo, ou cristãos que consideram o fato de Deus dar poder ao homem sobre os outros seres apresentar grande responsabilidade, devendo zelar, cuidar, amar a natureza e seus seres, bem como nosso próximo como se amássemos a nós mesmos (FERREIRA, 1992).

Neste contexto, a proposta dessa dissertação tem como objetivo caracterizar as percepções de meio ambiente dos líderes e membros da Igreja Presbiteriana Betânia de Piratininga, em Niterói. Buscou-se identificar a contribuição dessa igreja para a conscientização ambiental dos seus membros, por meio de seu conteúdo filosófico do ensino religioso, passado pela escola bíblica dominical e pelas mensagens de seus pastores, e propor o que seria necessário para aprimorar essa importante ferramenta de conscientização.

Especificamente, pretende-se detectar elementos que indiquem se a igreja estudada é agente transformador de consciência ambiental de seus membros, investigando o conteúdo ambiental nas pregações de seus pastores, analisando o grau de conhecimento e a prática da comunidade com relação aos aspectos ambientais e analisando as características socioambientais dos membros.

A base do estudo é identificar a percepção ambiental dos pastores, a aplicação dos aspectos positivos das passagens bíblicas regulares do tema proposto na igreja estudada, constituída de cinquenta membros, estimativa da incorporação desse conteúdo no dia a dia dos seus membros e a comparação com uma população de cinquenta moradores que não apresentam vínculos com igrejas, de um total de mil seiscentos e trinta e oito habitantes¹ do bairro de Piratininga.

Foram apresentados os conceitos de meio ambiente e desenvolvimento sustentável, em seguida foi desenvolvido uma pequena exposição sobre educação

¹Fonte: IBGE, contagem populacional 2000

ambiental e formação da consciência, tomando como base três filosofias aplicadas à educação: A tecnocrática, a progressista e a holística. Foram conceituados ONG e Movimento Socialmente Organizado, da qual a igreja é pertencente.

Finalmente, fechando o embasamento teórico, a origem da igreja evangélica e sua contextualização na atualidade.

Na conclusão desse trabalho houve uma discussão dos dados dos questionários aplicados aos pastores, membros da igreja e a população de controle, seguido de recomendações para otimizar a transmissão da mensagem ambiental aos seus membros.

2. METODOLOGIA

O trabalho teve como base de investigação o método fenomenológico, por tratar de percepção, na medida em que se objetivou desvelar o conteúdo ambiental em várias práticas da instituição selecionada, bem como o grau de conscientização ambiental efetivado para a comunidade.

Com esta abordagem pretendeu-se dar abertura suficiente para compreender o fenômeno analisado, isto é, a realidade, com orientação total para o objetivo do trabalho.

Os fenômenos a serem abordados estão relacionados ao cotidiano da congregação analisada, as conceituações dos membros acerca dos aspectos socioambientais e as representações que possuem sobre estas questões.

A pesquisa teve caráter qualitativo em função de ter se ocupado com a compreensão e a interpretação dos fenômenos e considerando as práticas relacionadas ao tema. Por outro lado teve, também, o caráter quantitativo, já que foram analisados os dados dos membros e não membros da instituição selecionada, buscando interpretá-los por meio de medidas objetivas.

Por se tratar de uma pesquisa sobre percepção definiu-se como melhor estratégia utilizar a observação direta, entrevistas e investigação bibliográfica como técnicas de coleta de dados.

Na observação direta procedeu-se a análise da comunidade relacionada à instituição estudada considerando-se não somente a dados e informações socioeconômicas, mas também aqueles relacionados a aspectos físicos e de infra-

estrutura do ambiente onde vive a comunidade.

Para as entrevistas escolheu-se formulário porque pode ser utilizado em toda e qualquer população, inclusive analfabetos; a presença do pesquisador pode esclarecer sobre a pesquisa, minimizando as incompreensões do pesquisado; pode flexibilizar a adaptação quanto às perguntas podendo ser reformuladas de acordo com a realidade; pode obter dados mais complexos e úteis; pode facilitar a aquisição representativa de informantes e uniformizar os símbolos utilizados. Por outro lado a escolha de formulário deve vir acompanhada do cuidado da presença do pesquisador não proporcionar menor liberdade de respostas, risco de distorção e insegurança, devido a ausência do anonimato, e prejudicar o pensamento do pesquisado, devido ao menor tempo para a resposta.

Primeiramente foram aplicados questionários na população estudada. Houve um baixo retorno e mudou-se para formulários e os mesmos foram aplicados no período de agosto de 2004 a fevereiro de 2005.

No formulário de apoio à entrevista para os membros e não membros da igreja estão incluídas sete categorias, as quais:

- 1) Interação entre os membros e não-membros: através da pergunta se o membro da igreja visita regularmente outras igrejas e se o não-membro tem algum vizinho de seu convívio que freqüenta igreja evangélica procurou-se identificar as influências que cada grupo sofre do outro.
- 2) Variáveis sociais: através das perguntas sobre o local de nascimento, grau de escolaridade, local de moradia, a quantidade de membros da família, se mora em casa ou apartamento, objetivou-se conhecer um pouco das condições socioeconômicas da

população estudada, já que o maior ou menor poder aquisitivo pode refletir no grau de conhecimento ambiental da pessoa.

3) Práticas religiosas: nas perguntas sobre o tempo de frequência de cultos, tipo de mensagem dos pastores o objetivo foi constatar alguma mensagem para a preservação do meio ambiente, destruição do mesmo ou simplesmente indiferença ao assunto proposto.

4) Relação meio ambiente e religião: nas perguntas feitas sobre se vota em candidato evangélico e se a mata é um ambiente de introspecção para a busca de Deus o objetivo foi saber se a pessoa estende o ensino religioso para o seu cotidiano ou se as práticas religiosas se restringem apenas ao templo.

5) Problemas ambientais: nas perguntas se tem participado de programas de reciclagem de lixo e se tem participado de movimentos de preservação da lagoa de Piratininga o objetivo foi saber o grau de envolvimento da população aos problemas ambientais locais.

6) Comportamento e atitude relacionada ao conhecimento sobre práticas ambientalmente adequadas: nas perguntas sobre se tem área de lazer, se tem jardim, se tem ligação de esgoto com a rede pública, a maneira como é descartado o lixo, se tem água tratada, se limpa a caixa d'água com frequência, se tem plantas frutíferas, se tem animais e se são vacinados, se tem animal da região em cativeiro e se os consome, se gosta de caminhar na mata, se gosta de um ambiente mais primitivo ou se concreta sua área ao redor de sua casa, o objetivo foi analisar o comportamento dos indivíduos diante de práticas ambientais corretas.

7) Conhecimento teórico: no jogo de liga-palavras e na pergunta relacionada ao

entendimento sobre meio ambiente o objetivo foi testar o grau de conhecimento sobre o assunto.

No formulário de apoio à entrevista para os pastores da igreja apenas a 1ª categoria não foi observada. Todas as demais foram incluídas na pesquisa.

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica através da consulta, em livros, dissertações, teses, artigos de revistas especializadas em bibliotecas, portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, sites especializados em artigos científicos da Internet sobre os temas relacionados a percepção, educação, religião e sobre a interação destes com o meio ambiente.

O trabalho foi desenvolvido mediante a análise do resultado das entrevistas realizadas com os pastores, membros de igreja e membros de comunidade que moram no mesmo bairro, porém não freqüentam igrejas.

A instituição selecionada foi a Igreja Presbiteriana Betânia de Piratininga, que apresenta cinquenta membros e a entrevista foi aplicada aos pastores, membros e não membros da igreja. A igreja foi escolhida por ser membro dela há vinte e dois anos e por conhecer suas bases doutrinárias e seu sistema de ensino.

Essa igreja e a comunidade em que moram os membros e não-membros estão situadas numa região da área metropolitana do Rio de Janeiro denominada Região Oceânica de Niterói, conforme mostra a figura 01.

A comunidade, onde se realizou essa pesquisa fica na região onde há a menor porcentagem de adeptos das religiões pentecostais na população total, conforme a figura 02, retirada do Censo demográfico IBGE 2000.

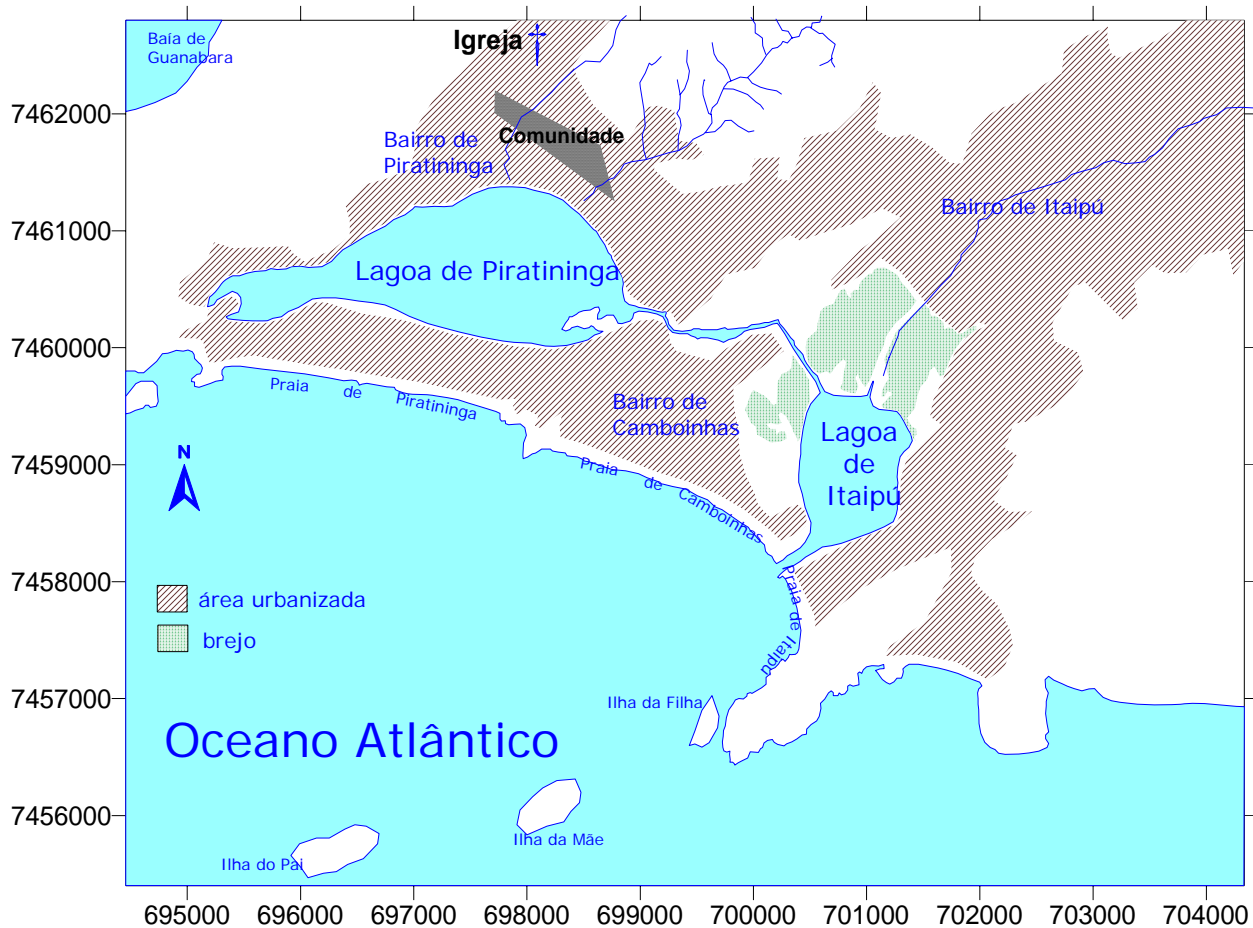


Figura 01 – Localização da Igreja Presbiteriana Betânia e comunidade

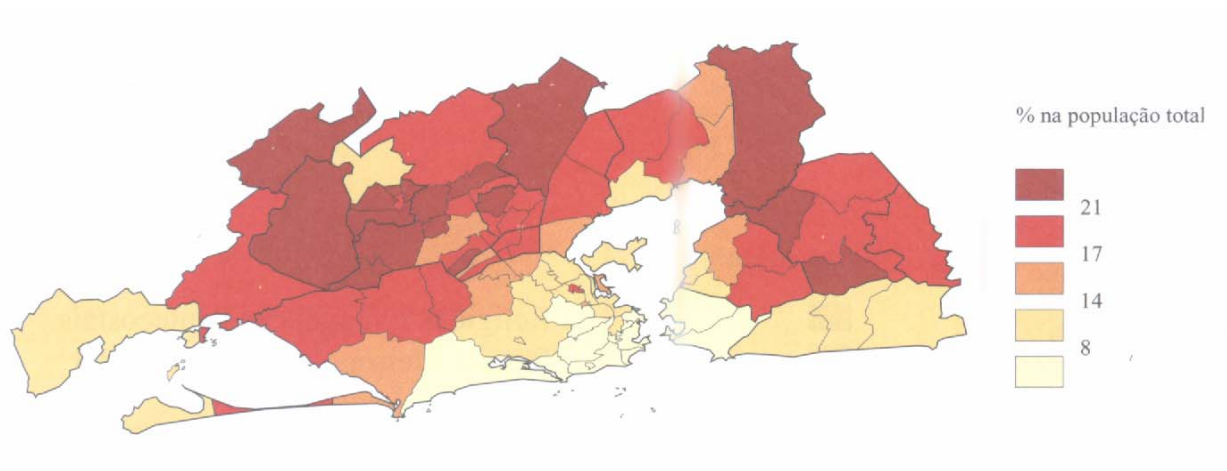


Figura 02 – Religiões Evangélicas Pentecostais: Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Fonte Censo Demográfico IBGE 2000.

A análise de conteúdo das entrevistas envolveu três etapas: a pré-análise, a codificação das informações e o tratamento e interpretação dos resultados.

A codificação consistiu na transformação sistemática dos dados brutos em unidades agrupadas que expressavam áreas a fins de significado. Essas áreas de significâncias correspondem aos assuntos afins que foram extraídos de cada participante dos questionários investigativos. Ainda na fase de codificação, processou-se a classificação temática, que consistiu em agrupar os temas correlacionando-os aos temas de interesse específico.

Nos questionários foi elaborado um jogo de liga-palavras (anexos 2 e 3) relacionando as palavras com seus significados e posteriormente associando com a origem desse conhecimento. Os assuntos foram classificados em categorias, as quais representaram uma idéia comum de vários participantes.

Para cada categoria, calculou-se a porcentagem de entrevistados que expressaram proposições a seu respeito.

Ao final, foram montadas algumas tabelas para cada tema, contendo as suas categorias com as respectivas porcentagens. Os dados foram tabulados com auxílio de uma planilha do Excel. Logo após, foram montadas figuras comparativas dos assuntos perguntados nos questionários e foi feita análise e interpretação do conteúdo dessas figuras e tabelas.

Foram observadas as três características essenciais aos estudos qualitativos, segundo Alves-Mazzotti (1998). Visão holística que parte do princípio que a compreensão do comportamento de um grupo de indivíduos só é possível conectando esse grupo ao contexto geral de sua existência. Abordagem indutiva que parte de

observações livres e durante as análises, categorias de interesse se desenvolvem

3 MEIO AMBIENTE, SUSTENTABILIDADE E SOCIEDADE

“O milagre chinês acabará em breve porque o meio ambiente não consegue mais acompanhar esse ritmo. A chuva ácida cai sobre um terço do território chinês, metade das águas de nossos sete maiores rios estão completamente inutilizáveis, enquanto um quarto de nossa população não possui acesso à água potável” (Pan Yue, do Ministério do Meio Ambiente da China, em entrevista à revista alemã Der Spiegel, transcrito pela revista Veja nº 1898 de 30 de março de 2005, p. 10).

Em julho de 1945, no Deserto de Los Alamos, Novo México, Estados Unidos, o azul do céu transformou-se subitamente em um clarão ofuscante. A equipe científica liderada pelo físico R. Oppenheimer explodia experimentalmente a primeira bomba H. Apenas dois meses depois eram jogadas as bombas atômicas sobre as populações civis de Hiroshima e Nagasaki. O *Homo Sapiens*, esta espécie surgida há pouco mais de um milhão de anos, havia conquistado o poder de destruição total de si próprio e de todas as demais espécies sobre a face da Terra. Os seres humanos adquirem, então, a autoconsciência de destruição completa do Planeta. Após o dia seis de agosto de 1945 o mundo não seria mais o mesmo. Ironicamente, a bomba plantava as primeiras sementes do ambientalismo. Estávamos entrando na “idade ecológica”. (Worster 1992). Após o primeiro teste atômico, Estados Unidos, Rússia, França, Grã-Bretanha, China, Índia, Paquistão, África do Sul e Coreia do Norte realizaram 2064 outros testes nucleares (O Globo, 10/10/2006, p. 31).

Rachel Carson publica *Silent spring* em 1962, onde correlaciona pesticidas na agricultura e desaparecimento das espécies. Ehrlich publica em 1968 *The population bomb*, alertando para o crescimento exponencial da população mundial e aponta limites de existência da civilização moderna a médio prazo. A entrada das ciências sociais na

problemática ambiental se deu em março de 1970 na conferência internacional realizada no Japão sobre o “meio ambiente como desafio às ciências sociais”. Até 1973 não podemos falar em “movimento ecológico”. São diversos os matizes do que poderia ser chamado de movimento ecológico que autores como Dupuy (1980) preferem falar em “nebulosa ecológica”.

O primeiro fórum internacional para buscar soluções para os problemas ambientais aconteceu em Estocolmo em 1972, abordando os principais problemas com o meio ambiente: industrialização, explosão demográfica, crescimento urbano e apontando para uma visão interdisciplinar. Como resultado, criou-se o PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio ambiente) e a CMMAD (Comissão Mundial para o meio Ambiente e Desenvolvimento). Segundo Sachs (1995), havia duas correntes de pensamento na época. Havia aqueles que diziam: “Há apocalipse para amanhã! Temos que parar o crescimento. Se continuarmos o crescimento econômico, teremos dentro de pouco tempo uma única opção: escolher se morreremos por esgotamento de recursos ou por poluição, mas estaremos mortos de qualquer maneira”. Por outro lado diziam aqueles que desconfiavam dos países desenvolvidos: “O meio ambiente é uma invenção dos países ricos para frear a industrialização dos países pobres. É uma invenção da burguesia para desviar a atenção de problemas mais importantes”. De qualquer forma, vislumbraram-se contradições entre os países ricos, que pretendiam controlar a produção e a explosão demográfica, e os pobres, que viam a necessidade de desenvolvimento.

Em Estocolmo ficou claro, por um lado, que não se pode lutar contra a pobreza sem levar em consideração o meio ambiente, por outro, não haveria política ambiental

bem sucedida se ela não fosse organicamente ligada a uma política de progresso social. Uma conclusão foi unânime: desenvolvimento e meio ambiente não podem estar dissociados.

Na Declaração de Estocolmo, em sua resolução 96, a educação ambiental tem importância fundamental na busca da qualidade de vida. Ainda no ano da conferência de Estocolmo, técnicos do MIT – Massachusetts Institute of Technology – elaboram o relatório *Meadows*, encomendado pelo Clube de Roma, um grupo de empresários preocupados com os impactos ambientais que a crise ecológica poderia trazer. Este relatório propõe reduzir o capitalismo em escala localizada, tirando a oportunidade de desenvolvimento dos países do terceiro mundo com sua proposta de “crescimento zero”. A aceitação de tal proposta implicaria no aprofundamento das desigualdades sociais e conseqüentemente houve oposição dos países do Terceiro Mundo. Ainda em 1972, é publicado em Londres o *Manifesto pela sobrevivência*, culpando o consumismo e a industrialização pela degradação ambiental. A crise do petróleo em 1973, força a população mundial a buscar alternativas de produção energética. Isso leva à proliferação de usinas nucleares. As sociedades se mobilizam e começam de fato os movimentos ecológicos.

Um grupo de ecologistas denominado UNITED TASMANIAN GROUP se reuniu pela primeira vez em 1972 na Tasmânia (Austrália), dando origem ao Partido Verde como instituição política. O objetivo era impedir o transbordamento do Lake Pedder. Mais tarde adotou o nome de Green Party. Hoje, o Partido Verde é parte decisiva na política australiana tendo eleito deputados e senadores.

Da Austrália para a Nova Zelândia, depois para a Europa e hoje em todo o

mundo. O Partido Verde está constituído em mais de 120 países.

Na Europa os Verdes surgiram nos anos 70 e se consolidaram como partidos políticos nos anos 80. Hoje o Partido Verde participa de vários governos e é a quarta maior bancada no Parlamento europeu.

No Brasil a primeira manifestação político partidária com o nome de Partido Verde ocorreu no Estado do Paraná em 1982. O candidato a Deputado Federal pelo PTB Hamilton Vilela de Magalhães utilizou em sua propaganda, inclusive na televisão, o nome do Partido verde e uma baleia como símbolo. Essa, no entanto, foi uma manifestação isolada. O Partido Verde veio a ser criado em 1986 no Rio de Janeiro. Um grupo composto por escritores, jornalistas, ecologistas, artistas e também por exilados políticos começou a dar forma ao PV. Participaram nesse grupo Alfredo Sirkis, Herbert Daniel, Guido Gelli, Lucélia Santos e Fernando Gabeira, entre outros.

Todos os países que o Partido Verde está presente comungam os 12 valores fundamentais. A Ecologia: A preservação do meio ambiente, o ecodesenvolvimento, ou desenvolvimento sustentável, a reciclagem e a recuperação ambiental permanente; A Cidadania: O respeito aos direitos humanos, o pluralismo, a transparência, o pleno acesso à informação e a mobilização pela transformação pacífica da sociedade; A Democracia: o exercício da democracia representativa, através do processo eleitoral e da existência de um poder público eficiente e profissionalizado, combinado com mecanismos participativos e de conselhos partidários com o poder público; A Justiça Social: condições mínimas de sobrevivência com dignidade para todas as pessoas. Direitos e oportunidades iguais para todos. O poder público como regulador do mercado protegendo os mais fracos e necessitados, garantindo o acesso a terra e promovendo a

redistribuição da renda através de mecanismos tributários e investimento público; A liberdade: A liberdade de expressão política, criação artística, expressão cultural e informação, o direito à privacidade, o livre arbítrio em relação ao próprio corpo, a autonomia e a iniciativa privada, no âmbito econômico; O Poder Local: o fortalecimento cada vez maior do poder local, das competências municipais e das formas de organização da comunidade. Para transformar globalmente é agir localmente; A Espiritualidade: A transformação interior das pessoas para a melhoria do planeta. Reconhecimento da pluralidade de caminhos na busca da transcendência através de práticas espirituais e de meditação ao livre arbítrio de cada um; O Pacifismo: O desarmamento planetário e local, a busca da paz e o compromisso com a não violência e a defesa da vida; O Multiculturalismo: A diversidade, a troca e a integração cultural, étnica e social para uma sociedade democrática e existencialmente rica. Preservação do Patrimônio Cultural. Contra todas as formas de preconceito e discriminação racial, cultural, etária ou de orientação sexual; O internacionalismo: A solidariedade planetária e a fraternidade internacionalista diante das tendências destrutivas do chauvinismo, etnocentrismo, xenofobia, racismo e do neofacismo a serem enfrentados em escala planetária, assim como as agressões ambientais de efeito global; A Cidadania Feminina: A questão masculino/feminino deve ser entendida de forma democrática, avançando no sentido de se conceber uma profunda interação entre dois pólos, nos diversos setores da sociedade, visando a uma real adequação às necessidades circunstanciais. Homem e mulher devem buscar, como integrantes do sistema social, mudanças e transformações internas que venham a se traduzir numa prática de caráter fundamentalmente cooperativo. Maior poder, maior participação e maior afirmação da

mulher e dos valores e sensibilidade feminina, além do combate a todas as formas de discriminação machista ou sexista, por uma comunidade mais harmônica e pacífica; O Saber: o investimento no conhecimento como única forma de sair da indigência, do subdesenvolvimento e da marginalização para uma sociedade mais informada e preparada para o novo século. Erradicação do analfabetismo, educação permanente e a reciclagem de conhecimentos durante toda a vida. Prioridade ao ensino básico, garantia de escola pública, gratuita e de qualidade para todos.

No ano de 1975, a Unesco promove em Belgrado, ex-Iugoslávia, “The Belgrado Work on Environmental Education”, formulando alguns princípios básicos para um programa de educação ambiental. Em 1977, realiza-se a “Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental”, em Tbilisi, Geórgia, ex-URSS, onde a educação ambiental não deveria ser pensada em termos da criação de uma nova disciplina específica. Tampouco ela deveria ficar confinada a alguma das disciplinas já existentes. A educação ambiental deveria resultar de uma reorientação e articulação de diversas disciplinas e experiências educativas que facilitem a visão integrada do meio ambiente (Dias 1991, pp. 5-6).

Em 1983, em assembléia geral da ONU, é criada a Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Esta comissão é presidida pela Sra. Gro Harlem Brundtland – primeira ministra da Noruega – e tem como objetivo pesquisar os problemas ambientais em uma perspectiva global. Em 1987 o “Relatório Brundtland”, conhecido como “Nosso Futuro Comum” apresenta dois importantes conceitos: “desenvolvimento sustentado” e “nova ordem mundial”.

Contando com 180 chefes de Estado e a participação de todos os países do

mundo realiza-se na cidade do Rio de Janeiro a ECO-92, gerando a Agenda 21, uma “cartilha” consensual que a Comunidade Internacional elaborou para ser implantada no século XXI visando a diminuir a constante tensão entre a espécie humana e a natureza, entre o progresso técnico e a retrógrada miséria existente no planeta.

Durante a caminhada do ambientalismo pelo planeta falou-se em desenvolvimento econômico e social. Neste contexto, os politólogos alegaram que a política era importante. Os antropólogos vieram para dizer que não pode esquecer o aspecto cultural e então ficamos com o desenvolvimento econômico social-cultural-político. Com a chegada do ambientalismo começamos a falar em eco-desenvolvimento, depois desenvolvimento ecologicamente sustentável. O PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, considerou ainda que deveríamos acrescentar o adjetivo humano. Como afirma Ignacy Sachs em seu artigo para a Revista Mundo e Vida (2000 in Sachs, 1995): “Hoje para atender as necessidades da diplomacia devemos dizer: desenvolvimento econômico-social-político-cultural-sustentável e humano”.

Desenvolvimento é um conceito pluridimensional. O tema essencial é dar-se conta de que crescimento econômico não é sinônimo de desenvolvimento. Será que crescimento econômico é compatível com desenvolvimento sustentável? Primeiramente precisamos estabelecer as principais linhas de pensamentos sobre desenvolvimento sustentável. Analisaremos as principais vertentes sobre desenvolvimento sustentável baseado no trabalho de Victor Novicki e Neise Deluiz da UNESA (Deluiz e Novicki, 2004), já que as diversas matrizes teóricas abordam seus diferentes interesses políticos e ideológicos.

Segundo Acselrad (2001, p.28):

O desenvolvimento sustentável seria um dado objetivo que, no entanto, não se conseguiu ainda apreender. (...) será uma construção social? (...) poderá também compreender diferentes conteúdos e práticas? Isto nos esclarece porque distintas representações e valores vêm sendo associados à noção de sustentabilidade: são discursos em disputa pela expressão que se pretende a mais legítima. Pois a sustentabilidade é uma noção a que se pode recorrer para tornar objetivas diferentes representações e idéias.

Uma primeira concepção de desenvolvimento sustentável origina-se no interior do discurso desenvolvimentista e é defendida pelo Estado e empresariado. Foi proclamado no Relatório Brundtland (Nosso Futuro Comum, 1987), produzido pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU: desenvolvimento sustentável é aquele que “atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades” (ACSELRAD; LEROY, 1999, p.17), isto é, aquele que garante um crescimento vigoroso e, ao mesmo tempo, social e ambientalmente sustentável.

A Agenda 21 dá o suporte para essa concepção de desenvolvimento sustentável, que aponta, em seus diversos capítulos, a necessidade de “um ambiente econômico e internacional ao mesmo tempo dinâmico e propício”, de “políticas econômicas internas saudáveis”, da “liberação do comércio” e de uma “distribuição ótima da produção mundial, sobre a base das vantagens comparativas”, na perspectiva da lógica e da hegemonia do mercado.

Tanto a Comissão Brundtland, quanto a Agenda 21, propõem uma nova relação entre produção, meio ambiente e desenvolvimento econômico inspirada em uma noção de sustentabilidade pautada por uma visão econômica dos sistemas biológicos, onde

caberia ao desenvolvimento econômico apropriar-se dos fluxos tidos como excedentes da natureza sem, no entanto, comprometer o “capital natural” (HAWKEN et al., 1999). Sua estratégia conjuga crescimento econômico com progresso técnico capaz de poupar recursos materiais, mas sem restrição aos ritmos da acumulação capitalista. O mercado é apresentado como “o ambiente institucional mais favorável à consideração da natureza como capital” (ACSELRAD; LEROY, 1999, p. 24), convertendo-se o desenvolvimento sustentável, nesta concepção, em um ambientalismo de livre mercado.

Nessa definição de desenvolvimento sustentável a idéia central é procurar produzir com otimização máxima, minimizando os efeitos nocivos à natureza e desperdício mínimo, maximizando os recursos naturais. O que se propõe é reduzir o consumo de matéria e energia a partir de uma maior eficiência tecnológica.

Essa concepção de desenvolvimento sustentável liga mercado a crescimento econômico baseado nos pressupostos de Adam Smith (1983). Segundo Smith a produtividade do trabalho determina a riqueza das nações causando o crescimento econômico desde que o Estado não intervenha nesse processo. O crescimento da produtividade do trabalho produz um excedente de valor sobre seu custo de produção, permitindo um estoque de capital que proporciona novos investimentos e acarretando a expansão do mercado. Para Smith há harmonia entre os interesses gerais e individuais, sendo a liberdade na procura da riqueza à condição de todo o progresso. Segundo Hayek (1987), o Estado regulador do mercado destrói a liberdade dos cidadãos e a competição, sem as quais não há prosperidade. A citação destes dois autores, francamente liberais e neoliberais, respectivamente, não deve passar sem uma

relativização dos conceitos de estado mínimo, que vem sendo largamente criticado nos últimos anos pela grande maioria dos economistas, sociólogos e sobretudo ambientalistas. O estado mínimo representa o autocontrole no contexto ambiental, ou seja, o próprio mercado controla a qualidade do ambiente e dos recursos que utiliza. Implica, entre outras coisas a redução da atuação dos órgãos de controle ambiental. Isto não acontece nem nos Estados Unidos, “Meca” do capitalismo mundial.

Segundo Acselrad (2001, p. 31), há uma corrente do pensamento ambiental que acredita que se buscarmos nossas satisfações agora transmitirá um mundo mais produtivo às gerações futuras. São os otimistas tecnológicos. Acreditam que o desenvolvimento tecnológico resolverá os problemas decorrentes do crescimento populacional. Outra corrente acredita que os problemas da poluição são decorrência das falhas dos mecanismos de ajuste do mercado, não-internalizando a poluição nos custos da produção. A concepção de desenvolvimento sustentável estacada na lógica do mercado submete a relação trabalho e meio ambiente à supremacia do capital causando sérios danos à natureza.

A segunda concepção de desenvolvimento sustentável, orientada pela matriz discursiva da auto-suficiência, entende que a sustentabilidade seria alcançada, por um lado, com a preservação e construção de um modelo de comunidade sustentável, “que desenvolve relações históricas-tradicionais com o meio físico natural do qual depende sua sobrevivência” e, por outro, com o fortalecimento dos Estados Nacionais, em oposição aos objetivos do livre comércio e à erosão das fronteiras nacionais (ACSELRAD, 2001, p. 27). Propõe uma oposição ao capitalismo globalizado e uma volta ao passado através da sacralização das comunidades tradicionais e dos recursos

naturais. É a hipótese do “mito do eterno retorno”, as reflexões sobre a natureza anteriores à civilização moderna, consideram a ação humana humilde e dominada por seus ciclos. A natureza seria uma força superior que se deve respeitar. Como escreveu em 1854 o chefe Seattle da tribo Squamish nos Estados Unidos: “A terra não pertence ao homem, o homem pertence à terra. O homem não teceu a teia da vida, não é mais que um fio dela. O que à teia faz, a ele mesmo o faz” (Foladori, 2001).

Os estudos de Shepard, em sua publicação *A post-historic primitivism* (Shepard, 1992), indicam que a vida era farta e paradisíaca e que os seres humanos estariam sempre integrados ao seu lar – a natureza, desfrutando uma espécie de Éden. Para Shepard somos perfeitamente capazes de recuperar esse passado e até mesmo de voltar a ele, ainda que não completamente. Basta que recuperemos alguns componentes de nosso “genoma selvagem” “para entrar em contato com nossa herança perdida de uma terra verde”. O primitivismo pós-histórico permitiria um reencontro com as nossas origens, uma redescoberta daquilo que foi encoberto pela ideologia da história (Grün, 1996, p.77). Propõe uma inversão dos postulados do paradigma mecanicista, do antropocentrismo levando o homem a uma posição de subserviência em relação à natureza.

Esta concepção tem como princípio norteador a lógica da auto-suficiência e da auto-regulação na busca do equilíbrio homem-natureza e seus pressupostos estão ancorados nas idéias do naturalista inglês Gilbert White (1720-1793) e na fisiocracia do economista político François Quesnay (1694-1774), particularmente em seu *Quadro Econômico*, de 1758.

White propunha reatar o homem com a natureza em contraposição ao

mecanicismo reducionista que promoveu a adaptação da natureza pelo homem. Em contrapartida, o programa estabelecido pelo cartesianismo da mecânica newtoniana estabelece uma visão de mundo. O mecanicismo cartesiano passa a ser a única forma legítima de fazer ciência. A mecânica clássica cartesiana torna-se a visão hegemônica da realidade. Descartes/Newton são os novos Moisés a quem as tábuas da lei foram reveladas. O modelo reducionista cartesiano não é apenas mais uma nova teoria, mas a própria visão do que é a realidade. O conhecimento científico é sintetizado na forma de manuais. A possibilidade de uma descrição objetiva da natureza estabelecida pelo programa cartesiano/newtoniano não define um simples conceito de natureza. Esta possibilidade interpreta o mundo sustentado no modelo explicativo mecânico-casual. O modelo reducionista cartesiano irá estabelecer-se nas estruturas conceituais dos currículos escolares e, mais do que isso, ele passará a ser a única forma possível de conceber a realidade. De certo modo, ele passa a ser a própria realidade. Neste período todo um corpo de saberes ecologicamente sustentáveis e holísticos tradicionais é deixado de lado no currículo por não ser científico, ou seja, mecanicista, tornando-se marginais à sociedade (Grün, 1996, p. 40 e 41).

A concepção naturalista de desenvolvimento sustentável, descrita nesse segundo tópico, pode ser contestada pelo trabalho desenvolvido por Jared Diamond em seu livro *“Colapso – Como as Sociedades Escolhem o Fracasso ou o Sucesso”*, (Diamond, 2005). Jared traça um panorama catastrófico e mostra o que acontece quando desperdiçamos nossos recursos, ignoramos os sinais de nosso meio ambiente, quando nos reproduzimos rápido demais ou cortamos árvores em excesso. Quando estuda o colapso de uma sociedade procura por cinco características comuns: o grau e

a natureza do dano ambiental; o grau e a natureza das mudanças climáticas; o nível de hostilidade das sociedades vizinhas; o grau de confiabilidade dos parceiros comerciais; e a resposta da sociedade aos seus problemas. Por algumas dessas razões, diante da necessidade de alimentar uma população crescente, a civilização maia, a mais brilhante entre as pré-colombianas, chegando a ter 50 milhões de habitantes, devastou a mata, expondo a terra à erosão, dizimando sua população pela fome por conta do fracasso das colheitas. Envolvidos em guerras permanentes e golpes de Estado, os reis maias não foram capazes de pensar nas gerações futuras. Semelhantemente, a cultura da Polinésia pré-histórica na ilha da Páscoa desapareceu deixando apenas vestígios. Nem sempre voltar no tempo, pregando a incorporação das culturas antigas é solução para os problemas ambientais.

Uma terceira concepção de desenvolvimento sustentável tem como perspectiva a “sustentabilidade democrática”, “entendida como o processo pelo qual as sociedades administram as condições materiais de sua reprodução, redefinindo os princípios éticos e sócio-políticos que orientam a distribuição de seus recursos ambientais” (Acseirad; Leroy, 1999, p. 28). A base do desenvolvimento sustentável está nos princípios de justiça social, superação da desigualdade socioeconômica e construção democrática ancorada no dinamismo dos atores sociais. As diferenças na forma social de produção são determinantes do tipo de recurso que se utiliza, da velocidade com que se desenvolve a técnica e do relacionamento com o meio ambiente (Foladori, 2001, p. 105). O crescimento econômico é substituído pelo desenvolvimento democrático, repartindo a riqueza social e distribuindo igualmente o poder sobre o controle dos recursos, incluindo os da natureza. Essa concepção de desenvolvimento sustentável

critica a sociedade capitalista apontando-a como destruidora dos recursos naturais e da própria humanidade. Seus pressupostos estão ancorados no socialismo de Marx (Marx, 1978). Para o capitalismo a natureza existe como subserviente do homem, ela tem sentido se for útil para os meios de produção. Para Marx a natureza existe independentemente das necessidades do homem e a exploração desordenada e egoísta da agricultura saqueia o homem e o solo ao mesmo tempo, trazendo ruína para ambos. Essa análise permite-nos compreender que a lógica do desenvolvimento sustentável não está no capital e sim no desenvolvimento democrático, onde as categorias homem e natureza articulam-se na perspectiva da ampliação da qualidade de vida das populações e de superação da desigualdade/exclusão social e da desigualdade socioambiental.

Esta discussão pode ser contestada pelo fato de tanto o capitalismo quanto o comunismo provocar a destruição da natureza. O desenvolvimento sustentável não conflita necessariamente com uma ou outra filosofia. Da mesma forma, a repartição igualitária de riquezas não é condição para o desenvolvimento sustentável. Um interessante artigo de Jorge Hintze (¿Es posible acabar con la pobreza sin destruir el ambiente?), mostra que as estatísticas mundiais indicam que os países do primeiro e de 20º desenvolv

podemos gerar melhoria da qualidade de vida das populações e paralelamente distribuir as rendas em um mundo sustentável.

Tendo descrito brevemente o histórico do ambientalismo, três vertentes do pensamento sobre desenvolvimento sustentável, conclui-se com uma análise das diferentes concepções de meio ambiente, presentes no movimento ambientalista. Para uma análise mais profunda pode-se consultar o artigo: *Educação ambiental no Ensino Fundamental: As representações Sociais dos Profissionais da Educação* (Novicki & Maccariello, 2002).

O conceito de meio ambiente discutido na Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, realizada em Tbilisi (UNESCO, 1980), abrange os recursos naturais do nosso planeta, as instituições e valores criados historicamente pela ação social do homem e, principalmente, a tensão existente entre estes. Esta conceituação explicita a necessidade de se incorporar as dimensões social, ética, cultural, política e econômica, de modo interdisciplinar/transversal na resolução dos problemas ambientais e nas atividades de ensino/pesquisa.

Analisaremos quatro posturas sobre meio ambiente pertencentes ao movimento ambientalista. A primeira é o “Tecnicismo”.

...as soluções técnicas e de manejo e gestão dos recursos naturais são apontadas como capazes de resolver os dilemas atuais. Com estes fundamentos, tende-se a ignorar ou subdimencionar os aspectos políticos e econômicos, que contextualizam as opções tecnológicas e seus desdobramentos na sociedade. Nesse caso, privilegia-se a defesa da razão técnica da instrumentalização da vida e da supremacia da ciência (Loureiro, 2000, p. 20).

Nesta abordagem existe a mobilização do meio empresarial como conseqüência conjunta de uma maior conscientização deste meio, pressão dos consumidores,

legislação ambiental (nacional/internacional) e de organismos financeiros internacionais. Podemos verificar as conseqüências pela multiplicação dos cursos de especialização, pós-graduação *latu sensu*, especialização em gestão e administração de negócios (MBA), voltados para a gestão ambiental. Estes empresários defendem o chamado “capitalismo verde”:

O Capitalismo Verde, ao não questionar formas de produção, paradigmas econômicos e modelos de consumo, legitima o Consumismo Verde, procurando contemporizar uma modalidade de consumo, que é perdulária, com uma nebulosa “preocupação ambiental”. Para o capitalismo verde, a defesa da ecologia passa pela fabricação de carros que poluam menos e não pela defesa de meios alternativos de transporte (como as ciclovias) ou melhoria do transporte público. Propõe métodos de reciclagem e recuperação de matérias-primas, mas não produtos com maior coeficiente de durabilidade. O capitalismo verde passa a ser o objetivo de todos aqueles que, embora discordando da depredação, não questionam valores e relações de poder existentes no interior desta mesma sociedade (Waldman, 1998, p. 30).

Uma segunda corrente teórica denominada *romantismo ingênuo*, busca sacralizar o meio ambiente, desconsiderando a própria dinâmica da natureza e a inevitável ação do homem sobre esta. Grün (1996, p. 71 e 72) denomina esta abordagem como “arcaísmo-naturalista”:

A nostalgia pelo passado é uma característica central do emergente discurso da educação ambiental. Parece estar em curso uma “geografização” do passado. Um lugar espacialmente delimitado, um ponto que teria a propriedade de servir de referência ao presente. Como alternativa ao discurso racionalista que dicotomiza sujeito/objeto, natureza/cultura está surgindo um discurso que valoriza ideais perdidos em algum passado distante. Existem inúmeras variantes do discurso do retorno à natureza. Uma dessas variantes valoriza a experiência direta com a natureza por meio de referências a metáforas inscritas na linguagem do amor romântico. Outra variante desse discurso promove um verdadeiro retorno à natureza através do privilégio(e glamourização) de ecologias, cosmologias e mitologias de povos indígenas. A educação ambiental parece alimentar uma representação bastante idealista das

culturas não-ocidentais ou primitivas...

... Aqui, de certa forma, existe uma inversão dos motivos cartesianos; a natureza é totalizada e o homem torna-se, em sua posição de reverência, seu objeto. É claro que toda essa operação (ou inversão) epistemológica é temperada com um simpático romantismo.

Mazzotti (1998, p. 235) identifica esta corrente teórica (“romantismo ingênuo” - ”arcaísmo-naturalismo”) no *Manual Latino-Americano de Educação Ambiental* (Viezzer & Ovalles, 1995), na qual a produção humana só tem sentido se efetivar a riqueza da natureza, ou seja, garantir e desenvolver a biodiversidade. Segundo este manual:

Para se garantir e desenvolver a biodiversidade nos ecossistemas é preciso retomar e apoiar as “culturas tradicionais”, uma vez que elas têm mantido a pluralidade da vida. Mais importante, o realismo ingênuo dos ambientalistas está a serviço de uma política: a que julga correto justificar a manutenção das “culturas populares” porque elas mantêm e desenvolvem a biodiversidade, a qual julgam ser próprio das “culturas populares”.

Uma terceira abordagem sobre meio ambiente pode ser denominada de socioambiental pela influência da teoria social crítica. As agressões ao meio ambiente afetam as pessoas que dele dependem para viver e trabalhar. Quanto maior a miséria maior as conseqüências sobre as pessoas e maior a degradação do meio ambiente. Grupos em piores condições sócio-econômicas estão mais expostos do que os outros aos riscos ambientais. Existe uma dificuldade em ligar as questões ambientais com as de justiça social.

(...) uma é que crianças famintas não rendem bem na escola e provavelmente vão abandoná-la. Assim, o direito à educação não tem muitas chances de ser plenamente realizado sem que sejam dados passos para eliminar a fome. A segunda razão é que a fome e a falta de condições de vida torna as pessoas desesperadas e inclinadas a degradar o ambiente, (Viola e Nickel, 1994, p. 183).

De acordo com a visão desses autores ao buscar um meio ambiente saudável e um desenvolvimento auto-sustentado, uma das condições básicas é que se alcançará um padrão de vida adequado para que a população deixe os níveis de pobreza e abraça a sua cidadania.

A abordagem socioambiental da crise ambiental leva em consideração que no cenário político nacional existem distintos e antagônicos projetos educacionais, que expressam diferentes concepções de mundo, de ciência, de educação e de homem (Arroyo, 2000). Entretanto, ao lado do consenso acerca da gravidade da crise socioambiental, da necessidade de intervir na reversão deste quadro e do papel preponderante da Educação Ambiental nesta questão, constata-se de forma preocupante a ausência ou o mascaramento de divergências a respeito dos objetivos, princípios e diretrizes de atuação da Educação Ambiental entre estes projetos educacionais.

Uma quarta corrente está relacionada ao mito antropocêntrico, que considera o homem como o centro ou a medida do universo, sendo-lhe por isso destinadas todas as coisas, possui origem nos princípios básicos das grandes religiões. Da compreensão de que a divindade criou todos os bens naturais para propiciar a vida humana, a modernidade emendou o princípio de dominar, perscrutar, exaurir, esgotar e degradar. O mito antropocêntrico é o responsável pelo desequilíbrio ambiental que presenciamos e que proporciona riscos que ainda temos dificuldade de mensurar. Por outro lado a visão antropocêntrica é distorcida pela sociedade, já que na maioria das religiões a divindade se coloca no centro de tudo e o homem não é dono e sim mordomo da criação.

4 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

4.1A NATUREZA COMO UM RECURSO EXPLORÁVEL E OS CAMINHOS TECNOZÓICO E O ECOZÓICO

O sentimento de que a natureza é um recurso explorável e consumível está tão enraizado em nossa cultura industrial que talvez seja difícil encontrar um equilíbrio. Florence Kluckhohn (1953) defende três orientações que formam a base da relação entre o ser humano e a natureza: o ser humano como subjugado à natureza; o ser humano como dominador da natureza; e o ser humano como uma parte integrante da natureza.

Na primeira visão o mundo natural é todo poderoso, incapaz de ser dominado ou controlado. Possui qualidades sobrenaturais e demoníacas. O ser humano é incapaz de entender os processos da natureza e não pode domá-la para seus objetivos.

A segunda orientação encontra sustentação após a revolução industrial e científica. O ser humano se considera senhor dos seus atos e a natureza é um campo a ser explorado e entendido por intermédio de leis específicas. Há possibilidades ilimitadas de progresso. Nessa idéia é defendida a concepção do ser humano como separado e distante do mundo natural e não depende deste para a sua sobrevivência. A natureza apenas tem valor como meio de servir ao homem. A investigação científica procura conhecer os processos da natureza com a finalidade de domá-la e explorar seus recursos.

A terceira orientação é contrária à exploração irracional do mundo natural. A vida das pessoas está intimamente ligada ao meio ambiente em que vivem, e há uma

interligação entre o físico, o intelecto, o emocional e esse meio ambiente. Sob a perspectiva dessa visão ecológica, “*não podemos nos impor à natureza*”, escrevem Altman e Chemers (1980, p.21) “*em vez disso, devemos fluir com ela, ser parte dela, compreender seus padrões de transformação... adaptar-nos a eventos naturais... e trabalhar dentro de seus limites*”. Segundo essa orientação o ser humano é visto como parte integrante dessa grande engrenagem e não o personagem central. Ele é subserviente também como as demais espécies que convive com ele. Segundo essa orientação o ser humano é considerado coadjuvante no processo da vida e não a consequência central. Há uma reciprocidade entre o homem e a natureza e não uma subserviência de um ao outro. As três orientações estão presentes no contexto ambiental, porém a orientação que coloca o homem como o dominante da natureza é mais influente, consequência do sistema capitalista presente nos dias atuais, orientando o planejamento pedagógico na maioria das instituições de ensino.

Como Brian Swimme e Thomas Berry (1992) temos dois caminhos para escolher: o tecnozóico e o ecozóico:

O futuro pode ser descrito em termos da tensão entre as duas forças (a tecnozóica e a ecozóica). Se o tema político-social dominante do século XX gira em torno dos mundos capitalista e comunista, de liberdades democráticas e de responsabilidade socialista, a questão dominante do futuro imediato será, claramente, a tensão entre o empreendedor e o ecologista, entre aqueles que continuarão saqueando e aqueles que realmente preservarão o mundo natural entre o mecanicista e o orgânico, entre o mundo visto como uma coleção de objetos e o mundo visto como uma comunidade de sujeitos, entre as normas antropocêntricas e biocêntricas de realidade e de valor (p. 250).

A visão tecnozóica repousa no fato do homem sempre achar uma solução para seus problemas atuais e futuros e o progresso social é considerado sinônimo de

crescimento econômico.

A visão ecozóica marca o reengajamento humano com a comunidade da Terra e com os aspectos mais integrais do mundo natural. Há um compromisso com toda a comunidade biótica e não apenas o bem-estar do ser humano.

Há evidências claras de uma transição para a era ecozóica presentes nos movimentos ambientalistas, pacifistas e outros movimentos sociais e essa reformulação se estendeu para o domínio educacional, em termos de tipos de conhecimento, de atitudes e de valores.

4.2 TRÊS FILOSOFIAS APLICADAS À EDUCAÇÃO: A TECNOCRÁTICA, A PROGRESSISTA E A HOLÍSTICA

A reforma tecnocrática realizada nas escolas nos séculos XIX e XX criaram um currículo para atender as necessidades do comércio e da indústria em constante expansão para garantir a eficiência dos meios operacionais. Houve um declínio das habilidades de alfabetização, de matemática e de raciocínio das crianças e dos adultos por conta da competição pelos mercados na sociedade pós-industrial. Os principais esforços do sistema educacional são apontados para os indicadores da tendência demográfica e de emprego. A primeira obrigação das escolas é garantir aos estudantes seu lugar no mercado de trabalho formando pessoas altamente capacitadas para a área empresarial, científica, técnica e administrativa.

Referindo-se à posição tecnocrata, Herman Daly (1989, p.74) escreve que “a

ideologia do crescimento é extremamente atraente, em termos políticos, por oferecer uma solução à pobreza sem exigir a disciplina moral do compartilhamento”.

Como crítica à filosofia tecnocrática não podemos prever suficientes empregos de alta especialização em substituição aos de baixa. O progresso social não pode ser considerado apenas como crescimento econômico e seu limite não pode se impor na escassez da força de trabalho humana alta e especificamente especializada. Também a filosofia tecnocrática não ignora a gravidade dos problemas ambientais, porém ignora as dimensões culturais mais amplas desses problemas. Assumem uma visão limitada de como se envolver para a solução desses problemas.

Surgindo como uma reação à natureza autoritária e antidemocrática tradicional do final do século XIX, a influência inicial a filosofia progressista alcançou o ápice nos anos 20 e 30, sob a liderança de educadores como John Dewey (1859-1952) e William Heard Kilpatrick (1871-1965). Para Dewey a democracia era mais de uma forma de governo. Uma sociedade verdadeiramente democrática tinha participação em todas as decisões importantes. Seu público teria que ser bem-informado para a construção da comunidade; daí a necessidade de um sistema educacional que apoiasse habilidades de pensamento independente e de aprendizagem cooperativa. A educação tradicional era um conceito atomístico de um universo fixo e predeterminado que relava um conjunto de “valores permanentes” e de “conhecimento estático” que podiam ser transmitidos de modo isolado para cada geração sucessivamente. Assumindo uma visão oposta, Dewey defendia que os seres humanos vivem em um mundo inderteminado, o qual sofre constantes mudanças e movimentos. A fim de criar um senso de significado e de finalidade para seu “universo em processo”, os seres

humanos tradicionalmente se voltavam para a autoridade estanque de vários sistemas religiosos e filosóficos, os quais ofereciam um contexto abrangente para a vida diária, mas em uma era de rápido progresso e avanço tecnológico, uso excessivo desses sistemas ultrapassados não era sensato ou indicado.

Através do uso disciplinado do método científico e de seu processo de solução de problemas, os seres humanos poderiam aprender a solucionar a maior parte desses problemas e a dirigir o curso de experiências futuras.

Kilpatrick (1927) adaptou o processo de solução de problemas de Dewey para o método de projeto ensino/aprendizagem. Seguindo atentamente o modelo experimental de investigação apresentado por Dewey, o método de projeto dava aos estudantes a oportunidade, com o apoio dos professores, de planejar e dirigir suas próprias experiências de aprendizagem e de buscar seus próprios interesses de pesquisa. Os estudantes não eram mais apenas receptores passivos de matérias impostas externamente. Agora eles estavam livres para serem construtores de suas próprias experiências de aprendizagem, seguindo o trajeto apresentado pelo método experimental. Do mesmo modo, os professores, liberados de seu papel tradicional de doutrinadores, tornavam-se facilitadores da experiência e de recursos aos quais os estudantes podiam voltar-se para obter orientação. A definição tradicional das escolas como locais para transmitir conhecimentos era agora ampliada para incluir uma preocupação com a vida emocional e social das crianças, com a cultura na sala de aula e com o papel do grupo de companheiros na socialização. As atividades curriculares e os programas planejados para aumentar a auto-estima das crianças e para construir habilidades sociais começaram a fazer parte das salas de aulas.

Significativamente, muitos progressistas não compartilhavam a visão de reconstrução social que propunham aqueles que acreditam que a função principal das escolas era a de servir como catalisadora para a mudança social. Em vez disso, eles acreditavam que as necessidades expressas individualmente pelas crianças deveriam ser o foco central das escolas. Isso estabeleceu uma dicotomia entre os esforços dos educadores progressistas, defensores de que o currículo progressista deveria ser delineado em função das necessidades e dos interesses da criança, e aqueles que argumentavam que o currículo deveria refletir os problemas sociais e políticos do momento.

As bases ideológicas do progressivismo (incluindo a ala de reconstrução do movimento) refletem um compromisso com o “progresso social” e “com o crescimento econômico” que é bastante consistente com a idéia de progresso enunciada pelos proponentes da filosofia tecnocrática. Embora os progressistas preferissem ver um compromisso mais rigoroso com a proteção ambiental, embora apoiem um papel intervencionista do governo nessas questões, seu fracasso para enunciar uma crítica incisiva às fundações materialistas e antropocêntricas do mundo industrializado, assim como com seu compromisso com uma abordagem monolítica à solução de problemas, significa que seus esforços visando à renovação democrática e cultural tendem a não exercer mais que um papel superficial na abordagem às raízes ideológicas do impasse ambiental atual.

A filosofia holística refere-se a um sistema de educação ou a um currículo que cruza dois limites ou mais entre as disciplinas. A visão holística da educação surge dentro do contexto perene da filosofia que apresenta uma visão ecológica do mundo.

Sob a perspectiva holística, todos os fenômenos na natureza são vistos como interligados em um universo interdependente. Essa experiência está baseada em uma reciprocidade dentro e entre os mundos natural, físico e cultural que permeiam nossas vidas e toda a comunidade biótica. Surgindo de um conceito ecológico do mundo, a perspectiva holística emerge em radical contraste com a noção atomística de um mundo desconectado, fragmentado, como John P. Miller (1988) escreve em seu trabalho sobre a educação holística:

No atomismo, o universo é visto como uma coleção de átomos; no progressivismo, é visto como um processo contínuo; na visão holística, é percebido como harmonioso e interconectado. O holismo reconhece partes individuais e reconhece que as coisas estão em processo; entretanto, existe uma unidade fundamental subjacente ao processo, conectando as partes...a ênfase está sobre as relações entre o todo e as partes(p.18).

A noção de espiritualidade é essencial à filosofia holística. Neste caso, o termo não implica quaisquer dogmas religiosos em particular ou uma tradição de outro mundo; em vez disso, envolve nossa busca contínua por significado e por finalidade no mundo. Os proponentes holísticos consideram a espiritualidade algo pessoal e culturalmente construído, interna e externamente dirigido. Como indivíduos, estamos constantemente engajados em uma busca por significado e propósito ao longo de nossas vidas, mas tal sentido também é informado por vários fatores culturais, incluindo nossas identidades nacionais e raciais; afiliações religiosas, crenças e tradições de outras pessoas importantes; nossas famílias e as comunidades. Escreve Ron Miller (1992, p.20), a filosofia holística começa com um respeito profundo pelo ser humano em crescimento e tenta oferecer um ambiente de aprendizagem congruente e sensível às tarefas

desenvolvimentais de estágios sucessivos do desenvolvimento.

Montessori e Waldorf foram os mais conhecidos educadores holísticos. As abordagens de ambos estão integradas no sentido de prestar atenção aos detalhes necessários para o entendimento da criança sob uma perspectiva desenvolvimentista e, cada vez mais, dentro do contexto de uma visão ecológica de mundo.

Três críticas específicas sobre o movimento de educação holística precisam ser examinadas. Em primeiro lugar, o fracasso do movimento em distanciar-se das correntes ecologicamente problemáticas da reforma educacional radical; em segundo lugar, o fracasso de muitos educadores holísticos em reconhecer embasamentos antropocêntricos das correntes humanísticas e transpessoais na educação holística; e finalmente, a necessidade de que a educação holística aborde melhor as questões de justiça pessoal e social. Sua posição liberacionista afirma a liberdade e a autonomia individuais como objetivos básicos da educação, mas vincula pouca ou nenhuma importância ao valor da comunidade em geral. Os teóricos da liberação argumentam em favor de uma noção de liberdade e de individualidade fundamentalmente atomística e autovantajosa em sua natureza e bastante insatisfatória em termos das necessidades da comunidade maior da Terra. Incluir a tradição liberacionista sob o véu da educação holística seria, de modo desnecessário, tornar esta última tão ecologicamente problemática quanto às posições progressista e tecnocrática examinadas anteriormente, servindo apenas para afastar a atenção dos elementos da educação holística que refletem responsabilidade pelo meio ambiente.

Na medida em que a educação holística é vista simplesmente como provedora de um caminho para o engrandecimento pessoal, para a satisfação individual e para a auto-realização, as dimensões culturais da crise ecológica tendem a permanecer ignoradas.

A glorificação do indivíduo dentro de certas correntes humanísticas e transpessoais de educação holística revela um grau de antropocentrismo que combina com o das filosofias tecnocrata e progressista. Como a saúde dos seres humanos precisa estar ligada ao bem-estar da comunidade da Terra, também nossas experiências sagradas precisam estar enraizadas dentro de uma cosmologia biocêntrica, em vez de antropocêntrica.

O maior desafio com que o movimento holístico se depara atualmente não surge da perspectiva da crise ecológica, mas, em vez disso, de um fracasso em abordar seriamente questões de justiça pessoal e social.

Sob a perspectiva da reforma educacional, a educação holística é a mais promissora para que possamos lidar efetivamente com a crise ambiental com que nos defrontamos atualmente. Em nível ideológico, nem a filosofia tecnocrática nem a filosofia progressista aborda adequadamente o estado frágil dos sistemas de vida do planeta ou o papel do ser humano dentro de um contexto mais abrangente da comunidade do planeta. Ao contrário, tem sido argumentado que a filosofia tecnocrática é, em si mesma, um sintoma de tal problema e que a filosofia progressista não aborda as raízes culturais da crise. Apesar de estar ainda iniciando-se como um modelo para a

educação e de carecer, atualmente, de um foco sobre questões de justiça pessoal e social, a filosofia holística é considerada o melhor contexto educacional para lidarmos com os desafios ambientais da atualidade.

A filosofia tecnocrática valoriza formas de conhecimento com forte base cognitiva que estão enraizadas em disciplinas intelectuais tradicionais. Na prática, isso se traduz em um enfoque sobre a aprendizagem para o domínio, para a aquisição de habilidades técnicas, e em formas padronizadas de avaliação. A posição progressista expande esse entendimento um tanto limitado da cognição para também incluir aquilo que pode ser verificado através da experiência e do método experimental. E, igualmente importante, ao evidenciar as necessidades individuais da criança, a filosofia progressista incorpora o campo afetivo da consciência na experiência educacional por meio de atividades que promovem o crescimento social dos alunos e o desenvolvimento saudável do autoconceito. Finalmente, a filosofia holística incorpora os modos intuitivo e metafórico de conhecimento ao conceito lógico/analítico da cognição e introduz uma dimensão espiritual à experiência educacional, a qual aborda a busca de significado e de propósito no mundo pela criança.

5 ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS E MOVIMENTOS SOCIAIS

“O Mundo é das ONGs” diz o ex-presidente Bill Clinton, que quer ser o campeão do mundo globalizado apostando nas ONGs e descrendo dos políticos (*notícia veiculada na revista Veja nº 1918 de 17 de agosto de 2005, p. 11*).

ONGs são instituições, associações, fundações e filantropias empresariais, cujo motor comum é o interesse público e a construção do bem comum.

As ONGs, tanto quanto os Movimentos Sociais são também auto-definidos como:

“espaços públicos por fora da esfera do Estado, responsáveis pela instituição de novos valores, normas e padrões de comportamento que questionam profundamente o atual modelo de desenvolvimento” e que por isso “são hoje, talvez, os atores potencialmente mais capazes de romper com a lógica individualista e predatória”. (Fórum das ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1992).

As Organizações Não-Governamentais – ONGs – e os Movimentos Sociais têm se apresentado no cenário brasileiro como alternativas de exercício de cidadania e como atores políticos necessários para alcançar o desenvolvimento sustentável, aquele que promoveria a um só tempo justiça social e equilíbrio ambiental. Sendo organizações privadas movidas pelo interesse público sem fins lucrativos, ONGs e Movimentos Sociais representam um lado da Sociedade Civil que vem lutando pela justiça social e ambiental, suprimindo as falhas das ações do Estado.

No campo da sociedade civil, as organizações se apresentam de diferentes maneiras:

- 1) Um associativismo de cidadãos: engloba desde as associações ambientalistas *strictu sensu*, sejam elas conservacionistas ou preservacionistas, em defesa de florestas, áreas verdes, animais e ecossistemas, incluindo também as associações de excursionistas, de amantes da natureza, etc., até as associações de moradores, que reivindicam qualidade de vida urbana.
- 2) Os institutos e fundações: são formados por profissionais predominantemente apoiados política e financeiramente por outros institutos e fundações de âmbito internacional; podem ser formal ou informalmente ligados a partidos políticos ou a igrejas, a federações sindicais, estar em simbiose com gabinetes de parlamentares

nacionais, ou serem fundados por profissionais egressos de organismos de governo. Têm uma função pedagógica, atuando como assessoria à cidadania e como instrumentos de pressão, firmando-se como interlocutores componentes diante do Estado e da imprensa, em favor de políticas públicas diretamente ambientalistas ou em consonância com políticas ambientalistas.

3) Outros movimentos sociais sintonizados com a temática ambientalista: apresentam-se com alta organicidade e institucionalidade. No caso brasileiro, podemos citar como interfaces sociais do ambientalismo o Conselho Nacional dos Seringueiros, cuja defesa do extrativismo da borracha e da castanha se harmoniza com a defesa da Floresta Amazônica. E ainda movimentos mais institucionalizados, como o indígena, o negro e de mulheres, que invocam a cultura silvícola, a essência da natureza feminina e da religiosidade negra como evidências da convergência natural destes atores sociais com as políticas ambientalistas.

No contexto brasileiro, foi a partir da UNCED/CNUMAD, United Nations Conference on Environment and Development (Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento), realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1992 e suas conferências paralelas, organizadas estas últimas por iniciativa da sociedade civil e das ONGs, que a sigla começou a se popularizar entre nós, passando a ser, atualmente, uma palavra cotidiana e corriqueira na nossa imprensa.

Assim, as ONGs surgiram no contexto internacional: o termo “ONG - organizações não-governamentais” - vem do vocabulário da ONU (a Ata de Constituição da ONU o menciona em seu artigo 71, ao estabelecer que seu Conselho Econômico Social - ECOSOC – poderia fazer acordos adequados de consultoria com

organizações não-governamentais). É, segundo Castillo (1982), um conceito genérico, que pode se referir a centros de pesquisa, partidos, organizações sindicais, igrejas, associações profissionais, universidades, órgãos de setores populares, entidades de cooperação financeira internacionais ou localizadas no terceiro mundo e dedicadas especificamente a promover e realizar projetos de desenvolvimento. “Uma definição tão ampla incluiria até mesmo a Ku-Klux-Klan, criticou o Ministro do Exterior holandês, em 1979. O termo ONG foi definido como “a broad umbrella for a kaleidoscopic collection of organizations” (um amplo guarda-chuva para uma coleção caleidoscópica e organizações) e também como “um novo profissionalismo”.

As ONGs de cooperação para o desenvolvimento surgiram a partir da criação do PNUD (Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas): são as ONGs no Norte, TRANGOs, segundo Castillo (1982), pois são transnacionais e lidam com um fluxo de ajuda Norte-Sul da ordem de bilhões de dólares.

Segundo Onorati (1991), há ONGs européias, que ele define como “quase ONGs” - QUONGs – que foram criadas por instituições tais como igrejas, os partidos políticos e as centrais sindicais, para movimentar as cotas mais relevantes da ajuda pública para o desenvolvimento, proveniente dos governos e que saem dos impostos dos cidadãos. Há as BINGOs (big ONGs), com orçamentos de centenas de milhões de dólares, com ligação direta com bancos e governos, com uma visão assistencialista e uma ação de sustentáculos dos grandes partidos políticos europeus. Há ainda, na tradição cultural de países europeus, o sistema de fund raising para fins de caridade.

Em 1960 foi assinada a convenção de criação da OECD (Organization for Economic Cooperation and Development), que se efetivou a 30/09/1961, para promover

políticas de garantia de crescimento econômico e crescente elevação de padrão de vida aos seus membros (de início 20 signatários). Em torno dela várias ONGs surgiram e outras a ela se vincularam: o Catálogo da OECD para 1991 arrolava 457 ONGs, dedicadas a linhas de solidariedade: pão para o mundo, médicos, engenheiros e veterinários sem fronteiras, centros de educação sanitária, de tecnologias agrícolas, de rede de água, redes de centros de desenvolvimento, auxílio a idosos, as crianças, pelo desenvolvimento das mulheres, de alívio à pobreza, associações cristãs de solidariedade, sem teto, centros de apoio à África, etc. As ONGs para o meio ambiente começaram a aparecer a partir da segunda década de 80, predominantemente.

As ONGs do Terceiro Mundo, receptoras dos recursos das Tringos, Quongos e Bingos, foram definidas por Castillo (1982) como APDs (associações privadas de desenvolvimento), entidades genéricas que na América Latina se denominaram “*centros de desenvolvimento*”, na África “*entidades de animação*” e na Ásia “*organizações voluntárias*”. Landim (1988), para sublinhar sua especificidade e sua diferença em relação às ONGs em geral (Tringos, Quongos e Bingos), as denomina por SMP, “*a serviço do movimento popular*”.

Segundo Fernandes (in Landim, 1988) as ONGs do Terceiro Mundo remontam aos anos 50 e apresentaram notável proliferação no Brasil na década de 1970; seus membros provém das elites intelectuais, com origens nas universidades, igrejas, partidos e/ou organizações de militância de esquerda que tiveram “*laços mútuos de relacionamento*” baseados em “*experiências passadas comuns*”, sendo uma alternativa ao “isolamento da academia”. Para o autor, “os quadros das ONGs são membros das elites e não perdem a sua familiaridade com as transações de alto nível”. Nas relações

entre Estado e Sociedade Civil, as ONGs preferiram dar as costas ao Estado e atentar para os poderes difusos que circulam nas bases da sociedade, em algo que lembra ao autor o populismo russo em seu mote “*vamos ao povo*”. (in Landim, 1988, p. 11).

As ONGs aproximadamente na teoria e prática, integra intelectuais aos movimentos sociais, promovendo participação popular no sentido de consolidar a sociedade civil. Fernandes as define como “*pequenos barcos no oceano social*” e “*pequenas ilhas que se querem anunciadoras de um mundo melhor*” (in Landim, 1988). Quanto ao seu estilo de pensamento, seriam, segundo ele, “anarco-socialistas-liberais-conservadoras” e manteriam suas características básicas - a autonomia e o anti-institucionalismo - ao mesmo tempo em que se fortaleceriam através da existência de redes. Financiadas por agências estrangeiras, não formariam um campo de paz idílica e sim um campo rico de tensões difusas.

Segundo Souza (1991), as ONGs se definem pelo que não são: “não são Estado, não são mercado nem instituições clássicas do mundo religioso, acadêmico ou político”. Foram uma “espécie de espaço alternativo para a militância política”, “em oposição ao Estado e de costas para o mercado”. Buscando “democratizar o mercado”, submetendo-o ao controle democrático da sociedade, e “democratizar o Estado, desprivatizando-o e restabelecendo seu caráter público”, as ONGs são definidas pelo sociólogo como “instituições geneticamente anti-capitalistas” que recebem verbas do próprio Estado e/ou de fundações internacionais. O Banco Mundial descobriu as ONGs. Elas eram honestas, competentes, pequenas, flexíveis e eficientes. Tinham todas as vantagens para substituir o Estado corrupto, incompetente, gigante, burocrático e ineficiente. O papel das ONGs na década de 90 é pura e simplesmente propor à

sociedade brasileira, a partir de sua posição na sociedade civil, uma nova sociedade (Sousa, 1991).

O supranacionalismo das ONGs e seu sentimento de fraternidade universal em busca de uma cidadania planetário parecem, com efeito, característica marcante: segundo o cientista político Hector Leis (1992), as ONGs seriam os únicos atores para uma política global que poderia enfrentar a ação deletéria do mercado internacional, uma vez que seriam promotores de instância de articulação mundial e germes de uma nova institucionalidade planetária. Seriam coletivas de cidadania transnacionais, com a missão de resolver nossa crise civilizatória.

O uso da expressão “movimento social” pretende se referir à espontaneidade de manifestações associativas de cidadãos, aludindo a características gerais de informalidade, baixa organicidade, intermitência, fluidez, inspiração política das esquerdas e maior expressão numérica de participantes.

Os “Movimentos sociais” obedecem a três lógicas: 1) a necessidade estratégica das ONGs/SMP em sublinharem sua diferença em relação às associações de cidadãos que assessoram, ou seja, entre o corpo técnico das ONGs/SMP e sua clientela, os cidadãos assessorados; 2) a preocupação em salientar a visão e a atuação mais crítica destes movimentos, herdeiros da influência teórica marxista aplicada às ciências sociais, distinguindo-os das demais associações civis sem a mesma inspiração política; 3) a naturalização da sua presença intermitente, de seus fluxos e refluxos, de seus recessos, relacionados aos momentos diferentes dos ciclos vitais de sua militância.

Segundo Scherer-Warren (in Doimo, 1993), a expressão ONG teria sido criada por volta de 1840 para designar o surgimento do movimento operário europeu, que

ingressou no marxismo para “representar a possibilidade de transformação racial das relações econômicas privadas do sistema capitalista”; posteriormente, “Movimento Social” passou a significar novas formas de participação, “também destinadas a alterar a lógicas capitalista, só que agora espontaneamente organizadas na esfera da cultura”.

A expressão “movimentos sociais” se consagrou a partir dos estudos do sociólogo Manuel Castells, na década de 70, ao acompanhar as reivindicações e protestos urbanos das classes pobres de Madrid, no contexto do final da ditadura franquista. A partir de uma análise marxista, Castells procurou inovar teoricamente esta perspectiva, vendo os movimentos sociais urbanos em busca do direito aos meios de consumo coletivo (escola, hospitais, ruas asfaltadas, abastecimento de água, rede de transporte, etc.) como tão contestatórios ao capitalismo, no que diz respeito ao consumo, quando movimento proletário, no que diz respeito à esfera da produção.

De acordo com Habermas (1981), desde os anos 60 começaram novos conflitos, que não estariam mais na área da reprodução material nem seriam canalizáveis pelos partidos e organizações. Seriam formas sub-institucionais e extra-parlamentares de protesto, buscando defender estilos de vida ameaçados. Não teriam a ver com problemas de distribuição, mas com a “gramática das formas de vida”, com uma nova política que enfoca problemas da qualidade de vida, igualdade, auto-realização individual, participação e direitos humanos. Esta nova política teria como sujeito uma nova classe média, os jovens e os grupos de alta escolaridade. A crítica ao crescimento econômico os unificaria. Suas expressões européias eram o movimento anti-nuclear, o movimento ambientalista, o pacifismo, os alternativos, as minorias, os movimentos de ação do cidadão (Habermas, 1981, p. 33).

Embora perceba uma diferença nesses movimentos, entre aqueles que seriam de resistência e recuo (os verdes) e aqueles com potencial emancipatório (as mulheres), Habermas os define no seu conjunto como movimentos de resistência às tendências de se colonizar o mundo vivo.

O Movimentos Sociais caracterizariam um ator coletivo engajado num conflito pela gestão social, enquanto que os novos Movimentos Sociais não atacariam a divisão do trabalho ou formas de organização da economia, mas sim os valores culturais, o progresso. O conceito de luta de classes seria insuficiente para entendê-los. Marcariam o início de um movimento romântico que estaríamos começando a viver. O próprio fato de serem fracos e de influência difusa mostraria sua autonomia em relação às instâncias políticas e em relação ao Estado.

No Brasil, a história recente dos Movimentos Sociais costuma ser apresentada como cortada em dois momentos, com características diversas:

a) um primeiro momento, durante a ditadura dos anos 70, quando os movimentos de mães e de moradores pobres das periferias metropolitanas, assessoradas pela Igreja e por militância política que não tinha outro canal de expressão, colocavam suas reivindicações de atendimento a demandas básicas diante do Estado, e expressavam seu descontentamento em manifestações contra a carestia (os chamados movimentos sociais urbanos).

b) um segundo momento, a partir do início da década de 80, quando novos partidos, um novo sindicalismo, associações de bairro e suas federações se organizam, movimentos de mulheres, de etnias, movimentos ambientalistas surgem, todos ainda tendo como traço comum a eleição do Estado como interlocutor básico, dele demandando políticas

públicas efetivas e adequadas.

6 A ORIGEM DA IGREJA EVANGÉLICA E SEU CONTEXTO NA ATUALIDADE

Durante a Idade Média, a Igreja Católica acumulou muito poder. Ela era rica, possuía vários feudos. Quase todas as pessoas, inclusive os nobres, lhe pagavam taxas. A igreja alimentava as idéias de uma sociedade estamental, isto é, não poderia haver migrações de classes. O camponês não poderia mudar sua situação social. Era “vontade de Deus” que ele nascesse camponês e deveria permanecer assim por toda a sua existência, enquanto os nobres e o clero gozavam de uma vida cheia de privilégios. Sem o trabalho duro dos camponeses servos a vida humana não seria possível na Europa medieval.

Diante das injustiças, da venda de indulgências pela Igreja Católica, comercialização da fé, opressão dos povos humildes, aliado aos padres e pensadores humanistas da época, que questionavam a submissão à Igreja, ocorreu na Alemanha a primeira Reforma, através do monge Martinho Lutero (1486-1546) pertencente à Igreja Católica. Lutero estava convencido de que somente a fé poderia levar à salvação (sola fide), somente a graça como providência de Deus para franquear a salvação (sola gratia), somente a Bíblia tinha autoridade da revelação de Deus para os homens (sola scriptura), e que o ser humano poderia entrar diretamente em contato com o Criador sem a intermediação de um padre ou de uma igreja.

Era 31 de outubro de 1517 quando a cidade de Wittenberg acordou com a notícia de que Frei Martinho anunciara que sua igreja não venderia mais indulgências,

e, à porta da mesma, afixou papel que continha 95 teses. Entre outras coisas afirmava nelas que o papa não podia perdoar pecados, mas apenas declarar o pecado por Deus. Que por meio da verdadeira contrição e do sacrifício substitutivo de Jesus na cruz do Calvário, o cristão estaria livre da culpa.

A expansão dos seguidores de Lutero foi proibida na Alemanha. Contra essa medida protestou a minoria luterana: daí o nome “protestante”.

Na Suíça desenvolveu-se um protestantismo diferente do luteranismo: o protestantismo “reformado”. Seu primeiro líder foi Úlrico Zuíglia (1484-1531), radicado na cidade de Zurique. Sendo a sua formação humanista, Zuíglia queria voltar às fontes, principalmente a Agostinho.

Próximos aos luteranos e reformados foram os anabatistas. O alvo destes foi uma igreja santa. Encararam a santificação não como fruto do sacrifício de Cristo, mas como a realização dos próprios crentes, na medida em que estes vivem de acordo com as leis do Novo Testamento.

Mais importante que Zuíglia para o protestantismo reformado foi João Calvino, nascido em Noyon, no Norte da França em 1509. Desfrutou de boas escolas e conviveu com a aristocracia, a classe social superior. Em Genebra, em 1541, Calvino lançou sua obra: “ordenanças Eclesiásticas”, que devia servir de base para a organização da igreja. Em certo sentido esta governa a si mesma. Cristo reina por meio de oficiais sujeitos à Palavra; tanto o Estado como a igreja devem se submeter à Palavra, mas os dois têm tarefas distintas. Calvino se esforçou para implantar uma teocracia. Cristo ocupa o lugar central do pensamento de Calvino e Deus predestinou todas as coisas. Sua providência inclui até os atos pecaminosos do homem. É a doutrina da eleição.

Por volta de 1600, a Holanda constituiu um centro para os reformados e um refúgio para outros, inclusive até judeus da Espanha e Portugal. Entre os ingleses refugiados em Amsterdã, encontrava-se um ex-clérigo anglicano, João Smyth. Através dos estudos e por meio dos contatos com os anabatistas, Smyth ficou convencido de que o batismo apostólico exigia arrependimento e fé por parte do batizado. João Smyth pode ser chamado o primeiro batista.

Na Inglaterra o rei Henrique VIII, por causa da proibição de igreja romana de contrair seu segundo casamento, tinha estabelecido a igreja estadual daquele país, a igreja Anglicana. Esta possuía doutrina reformada, porém formas de culto e governo romanas. Dentro da igreja, havia pessoas que consideravam a Reforma na Inglaterra ainda inacabada. Desejando completar a Reforma na Igreja Anglicana eram os “Puritanos”, assim chamados porque desejavam purificar a Igreja dos restantes católicos. Os puritanos também podem ser chamados “presbiterianos”, porque, em vez do governo eclesiástico preferido pelos reis, isto é: governos por bispos, os puritanos desejavam um governo por presbíteros (anciãos). Seu líder foi Tomás Cartwright.

Também na Inglaterra surgiram os “independentes”. Quanto à doutrina eram calvinistas, mas chamavam-se independentes ou congregacionalistas porque ensinavam que a igreja local era independente do estado, do bispo e do sínodo. Pregaram a tolerância religiosa.

Na Inglaterra, ainda, um estudante da Universidade de Oxford, João Wesley (1703-1791), seu irmão Carlos, Jorge Whitefield e outros se reuniam regularmente para estudar a Bíblia, orar e praticar boas obras. Por serem metódicos na sua prática e conduta, receberam o apelido de metodistas. Dos metodistas, essas práticas passaram

para uma parte da Igreja Anglicana. Um dos resultados disto foi a organização, no ano de 1804, da “Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira”. Um século antes, Francke e outros assumiram controle de uma sociedade bíblica em Halles.

A Reforma se expandiu pelo mundo através de missões. Ela teve origem na Igreja Católica e sua mais pura manifestação aconteceu no Ramo Radical, Calvinismo, Luteranismo e Anglicanismo, gerando os Congregacionistas, Batistas, Presbiterianos, Reformados, Metodistas e Episcopais.

No Brasil colônia, assim como em Portugal a igreja estava sujeita ao Estado. A expansão do domínio português significou a expansão do domínio da Igreja Católica. Os jesuítas chegaram ao Brasil em 1549 e foram os que mais contribuíram para a catolização do país e nos dois séculos em que ficaram foram os responsáveis pelo ensino público. As duas primeiras colônias protestantes instaladas aqui no Brasil fracassaram: a dos franceses na Guanabara e a dos holandeses no nordeste.

No Brasil imperial, havia, do lado do Estado, do povo e do próprio clero romano, fatores propícios à introdução do protestantismo. Os imperadores ainda mantinham o sentimento regalista do período colonial, isto é, a igreja está sujeita ao Estado. O governo, inclusive o Regente Padre Feijó, enquanto não era anticatólico, era antipapal. Dom Pedro II percebeu a necessidade da reforma moral do clero. Ele entendeu também que o Brasil precisava de imigrantes e, por isso, o país devia ser conhecido no estrangeiro como um país liberal quanto à religião.

Um clima favorável também existia entre o povo em geral. O “culto familiar” isento de intervenção da igreja preparou os brasileiros para o advento de uma concepção leiga da religião. Outro fator positivo foi a obra das sociedades bíblicas

britânica e americana, distribuindo Bíblias. As Bíblias foram distribuídas, no início, por comerciantes estrangeiros, e, desde 1847, pelo metodista, Daniel Parish Kidder. Assim contribuiu para o clima favorável ao protestantismo não somente o governo, mas também o povo em geral. Além do povo e do governo, as falhas do próprio clero romano facilitaram a entrada do protestantismo. Em Bettenson (1967), encontram-se, nos documentos da época, referências freqüentes à falta de educação, de moralidade e do espírito apostólico por parte dos padres; muitos se preocupavam mais com o ensino, a política ou negócios. A baixa qualidade e a quantidade insuficiente de padres também facilitaram a introdução do protestantismo.

A primeira igreja protestante brasileira no Brasil foi fundada por Roberto Reid Kalley (1809-1888). Médico escocês, Kalley e alguns de seus convertidos vieram para o Brasil da ilha da Madeira, onde sofreram perseguições. No dia 11 de julho de 1858, Kalley batizou o seu primeiro convertido brasileiro: Pedro Nolasco de Andrade. Kelley fundaria o que mais recentemente se chamaria A Igreja Fluminense (Congregacional).

Depois de Kalley chegaram os presbiterianos Ashbel Green Simonton (1859) e

com as igrejas denominadas Assembléia de Deus, que foi a reunião de diversas igrejas que tinham a mesma visão. Acreditavam nos chamados dons do Espírito Santo e manifestavam esses dons em seus cultos. Este movimento é bastante forte no interior e há bastante membros dessas igrejas no Brasil, não sendo registrados no Censo 2000 do IBGE.

Das décadas de 20 a 60 podemos destacar alguns trabalhos que fizeram prosperar o protestantismo no Brasil. O Pastor Nilson do Amaral Faninni, da 1ª Igreja Batista de Niterói, com o seu projeto Renascer. O Pastor Davi Gomes, da Igreja Batista do Brasil, construindo o edifício da fé, na rua 1º de março, no centro do Rio de Janeiro e instituindo o seu programa de rádio baseado no seu ministério EBAR (Escola Bíblica do Ar), fundada em 1949. Esses pastores tiveram penetração a nível nacional.

Houve pequenos trabalhos por todo o território nacional, destacando o Pastor Benjamim Lenz de Araújo César, pertencente a Igreja Presbiteriana do Brasil, que militou por mais de cinquenta anos na cidade de Campos, reconhecidamente uma cidade que sofreu forte influência de seu trabalho. O Pastor Antonio Elias, também da Igreja Presbiteriana do Brasil, que fundou a Igreja Presbiteriana de Teófilo Otoni, MG, a Igreja Presbiteriana de Porto Alegre, RS, e que desde 1962 trabalha na cidade de Niterói, ampliando em muito a 1ª Igreja Presbiteriana de Niterói, e fundando igrejas nas redondezas, tais como a Igreja Presbiteriana Betânia do bairro de São Francisco, Niterói, a Igreja Presbiteriana da Barra da Tijuca, região Oceânica de Niterói, bairro de Barreto, Icaraí, dentre outras.

Da década de 70 até os dias atuais aconteceu uma verdadeira explosão do movimento protestante em todo o Brasil, que atingiu vários segmentos culturais do país.

A música evangélica, que tinha apenas os cantores tradicionais, tais como Feliciano Amaral, passou a ter vários grupos, cantores e cantoras que trouxeram uma nova visão. Começa com grupos paulistas como Vencedores por Cristo que instituiu o samba como uma forma de música que também poderia ser tocada nos templos e depois o Grupo Logos que disseminou sua música, chamada de louvor, por todo o Brasil. Depois foram surgindo vários outros a ponto de hoje termos tantos cantores chamados gospel quanto cantores da música popular brasileira.

Destacamos nas duas últimas décadas os trabalhos do Reverendo Caio Fábio d'Araújo com a VINDE (Visão Nacional de Evangelização), O Bispo Macedo com a Igreja Universal do Reino de Deus, O Missionário R. R. Soares com a Igreja Internacional da Graça, A Igreja de Nova Vida, fundada pelo missionário canadense Robert McAlister, O missionário Davi Miranda com a Igreja Deus é Amor, que, através de seus trabalhos, influenciaram o aumento do número de membros da igreja protestante no território nacional com suas pregações seja via culto, televisão, rádio ou congressos para igrejas.

Segundo o Censo Demográfico 2000 do IBGE, existem 8.477.068 evangélicos chamados de missão no Brasil, sendo 37.31% Batistas, 14.27% Adventistas, 12.53% Luteranos, 11.57% Presbiterianos, 4.02% Metodistas, 1.76% Congregacionais, 0.21% Menonitas, 0.20% Anglicanos, 0.04% Salvacionistas. Esses números certamente cresceram do ano de 2000 até hoje.

A igreja, sendo um movimento socialmente organizado, destaca-se como agente transformador histórico da sociedade. Ela possui estratégias básicas para essa transformação: é socialmente organizada, estabelecida em todo o planeta e sua

doutrina é ética, apesar de existir riscos quanto aos resultados esperados, pois verificamos constantemente desvios de rumo traçados por seus líderes. Por um lado a estrutura montada mundialmente e sua doutrina ética facilita a penetração de qualquer movimento educativo, por outro verificamos que constantemente essa ética pregada não é internalizada por alguns de seus membros e líderes, constatando-se desvios de comportamento.

A igreja brasileira na atualidade encontra-se dividida em denominações. A partir das igrejas históricas (igrejas Batista, Presbiteriana, Metodista e Congregacional, fundadas por missões dos séculos XIX e XX), aconteceram vários movimentos separatistas. O momento da igreja evangélica brasileira é muito confuso, pois a maioria de suas denominações acham que a verdade divina se encontra em sua doutrina. A falta de uma liderança única provocou um fenômeno interessante: a proliferação de igrejas separadas das igrejas históricas, apresentando doutrinas próprias e a não submissão entre elas. Podemos notar esse momento apenas pelos nomes de algumas dessas igrejas²:

- Igreja Evangélica Florzinha de Jesus (Londrina - PR)
- Igreja Pentecostal Trombeta de Deus (Samambaia - DF)
- Igreja Pentecostal Alarido de Deus (Anápolis - GO)
- Igreja pentecostal Esconderijo do Altíssimo (Anápolis - GO)
- Igreja Batista Coluna de Fogo (Belo Horizonte - MG)
- Igreja de Deus que se Reúne nas Casas (Itaúna - MG)
- Igreja Evangélica Pentecostal a Volta do Grande Rei (Poços de Caldas - MG)
- Igreja Evangélica Pentecostal Creio Eu na Bíblia (Uberlândia - MG)
- Igreja Evangélica a Última Trombeta Soará (Contagem - MG)
- Igreja Evangélica Pentecostal Sinal da Volta de Cristo (Três Lagoas - MS)
- Igreja Pentecostal Jesus Nasceu em Belém (Belém - PA)

²Fonte: <<http://www.exsurgedomini.hpg.ig.com.br>>

- Igreja Evangélica Assembléia dos Primogênitos (João Pessoa -PB)
- Igreja Evangélica Explosão da Fé (Belford Roxo - RJ)
- Igreja Pentecostal do Fogo Azul (Duque de Caxias - RJ)
- Igreja Pentecostal o Poder de Deus é Fogo (Rio de Janeiro - RJ)
- Ministério Favos de Mel (Rio de Janeiro - RJ)
- Igreja Evangélica Pentecostal Labareda de Fogo (Rio de Janeiro - RJ)
- Igreja a Serpente de Moisés, a que Engoliu as Outras (Rio de Janeiro - RJ)
- Assembléia de Deus com Doutrinas e sem Costumes (Rio de Janeiro - RJ)
- Igreja Pentecostal Assembléia dos Santos (Rio de Janeiro - RJ)
- Templo Evangélico da Sétima Trombeta (Rio de Janeiro - RJ)
- Igreja Primitiva do Senhor (Campos - RJ)
- Igreja Evangélica Universal Jesus Breve Vem (Vilhena - ES)
- Igreja Pentecostal Remidos do Senhor no Brasil (Pimenta Bueno - RO)
- Igreja de Jesus Cristo no Universo (Porto Velho - RO)
- Assembléia de Deus da Reforma Universal (Porto Alegre - RS)
- Igreja Atual dos Últimos Dias (Araras - SP)
- Igreja Cristã Pentecostal Universal Sarça Ardente (Cabreúva - SP)
- Igreja Despertai Para Jesus (São Vicente - SP)
- Igreja Evangélica Facho de Luz (São Bernardo do Campo - SP)
- Igreja Pentecostal Barco da Salvação (Mauá - SP)
- Igreja Pentecostal Jesus Vem e Vencerá pela Fé (São Paulo - SP)
- Igreja Evangélica Pentecostal a Última Embarcação Para Cristo (São Paulo - SP)
- Igreja Pentecostal Jesus Vem Você Fica (São Paulo - SP)
- Igreja Lugar Forte (São Paulo - SP)
- Igreja Pentecostal o Senhor Pelejará por Vós (Santo André - SP)
- Igreja Pentecostal Povo de Deus Marcha (Orlândia - SP)
- Igreja Pentecostal Uma Porta para a Salvação (Presidente Prudente - SP)
- Igreja Evangélica Pentecostal Cuspe de Cristo (São Paulo - SP)

A permissividade alterou os costumes tradicionais e a própria doutrina da Reforma, trazendo para algumas igrejas os costumes da sociedade e não vice-versa. Apesar das boas intenções, algumas denominações estão disseminando o evangelho sem a preocupação doutrinária encontrada neles. O importante para essas comunidades é pregar a Palavra de Deus não importando os meios para que essa missão seja realizada. Estamos diante de uma realidade na qual as aparências enganam. O que parece frondoso à distância pode se mostrar enganoso de perto. O templo que parecia ativo em sua função de ser o lugar onde o nome de Deus era

invocado revelou-se em uma aberração espiritual e moral. Vende-se de tudo e a importância ao dinheiro é condição para ter a certeza das bênçãos de Deus. À medida que esta entidade “mercado”, com seus valores e paradigmas, aperfeiçoa seu funcionamento e sofisticada sua capacidade de formar paradigmas, ela estende seus tentáculos sobre cada esfera da vida humana, inclusive sobre a própria igreja. E essa igreja não está tendo capacidade de discernir esse processo. É como a rã na chaleira, que vai se adaptando à temperatura da água sem perceber que corre o risco de explodir com a intensidade do calor. Assim, parte da igreja brasileira está absorvendo valores e objetivos que ameaçam sua obediência às escrituras. Alguns membros de igrejas trazem para o “templo” um sistema idolátrico com cara de piedade evangélica. Este é o mal mais terrível – o mal com cara de bem. Foi assim com o nazifascismo e outras ideologias lembradas pelas cicatrizes deixadas no rastro da história. A igreja tem dado boas-vindas, de forma acrítica, a toda e qualquer novidade que bate à porta pelo simples fato de ser mais uma novidade. O mercado se tornou o eixo da espiritualidade evangélica.

Segundo o “Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil”, PUC (2003), p. 221 a 224, as denominações se multiplicam no Brasil. A cada semana centenas de igrejas são fundadas e passam a funcionar sem qualquer fiscalização. É notória a idéia de que algumas pessoas tentam diversos negócios e não tendo sucesso fundam uma igreja para comercializar a boa fé das pessoas, geralmente pobres, passando por sofrimentos e necessitando de soluções rápidas para seus problemas. Sob esse aspecto foi transcrito abaixo trecho do trabalho de Fragale (2004):

“O século XX, que deveria ser o século da razão, com a hegemonia da ciência e das demais explicações desencantadas do mundo, não cumpriu

sua promessa, pois a ciência e a aplicação de seus resultados teriam sido insuficientes para a resolução tanto de problemas sociais como existenciais. A isso, soma-se o fato de que a maioria das pessoas foi excluída do pensamento científico, das filosofias laicas e das possibilidades de escolhas racionais. Em face de tais circunstâncias, surgem alguns reflexos possíveis, tais como o expansionismo das religiões ligadas a estes rituais mágicos e a diminuição das comunidades religiosas comprometidas com uma prática efetiva vinculada à coletividade participativa, (...)

(...) O pentecostalismo rejeita o mundo externo, mas não procura transformá-lo. Ele cria, assim, uma espécie de enclave fortificado purificado para seus fiéis, livre da perdição mundana e também do outro, do diferente, do plural. Entretanto, apesar do mundo externo ser condenado, o dinheiro passou a ser não mais como coisa do diabo, e sim como instrumento para a obra de Deus. O uso da palavra, da mídia eletrônica e de uma prática política partidária marcada pelo clientelismo, visando privilégios e assegurando interesses específicos da religião, também são traços marcantes das pentecostais. A disputa pelo mercado-religioso, representada por conversões, inclui agressões diversas e insere-se numa perspectiva empresarial tanto quanto o oferecimento, devidamente propagandeado, de serviços mágicos estendidos a membros ou não da igreja, geralmente mediante pagamento.”

Os autores retratam bem o estado atual de muitas igrejas ditas evangélicas em nosso país, porém dentro do movimento pentecostal há igrejas com probidade.

Nesse movimento neopentecostal é certo quando os autores falam do objetivo mercadológico de algumas dessas igrejas. É um “negócio da China”. Vende-se um produto, que são os milagres, e quando esse produto apresenta um defeito, a reclamação é feita com a “gerência”, isto é, Deus. Os líderes ficam totalmente isentos da culpa.

Por causa de abusos ligados às finanças e pelo fato de não haver até então instrumentos que fiscalizassem as contabilidades eclesiásticas pelos órgãos competentes, o Código Civil foi alterado, na sua Lei 10.406 de 10 de janeiro de 2003, na tentativa de fiscalizar essas entidades. As igrejas passaram de “Sociedades Pias e

Religiosas” para “Associações”. As igrejas têm que ter um Regimento Interno, e seu presidente, conjuntamente com a sua diretoria, deveriam ter a maior cautela possível quanto à disciplina e exclusão de seus membros, agora associados. Também tanto a igreja quanto seu presidente devem apresentar declaração de rendimentos, forçando, desta maneira, a investigação de suas finanças pelo órgãos competentes.

Segundo o Censo Demográfico 2000, IBGE, em “Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais”, PUC (2003, p.33 e 34), 73,9% da população brasileira é católica e 15,6% são evangélicos. O período de 1980 a 2000 se caracteriza por um amplo movimento de diversificação religiosa, ligado à redução do número de católicos (-15,1 pontos percentuais), a um forte aumento do número de evangélicos (+9 pontos), principalmente dos pentecostais, e há um expressivo crescimento das pessoas sem religião (+5,8 pontos). Esse grupo evangélico vem crescendo a cada dia. A representação política desta comunidade tanto a nível local como nacional, através das bancadas evangélicas, comprova a importância que estes vêm tomando no cerne das decisões do país. A representação evangélica no Congresso Nacional cresce a cada eleição. Da legislatura anterior para a atual, a Frente Parlamentar Evangélica avançou de vinte e sete para sessenta deputados, filiados a quatorze partidos³. Há pelo menos oito parlamentares batistas. Os demais parlamentares evangélicos pertencem a denominações como Metodista, Quadrangular, Presbiteriana, Mórmons e Sara Nossa Terra. Neste contexto, parece importante identificar de que maneira o tema ambiental vem sendo trabalhada nas igrejas. Devemos aproveitar as estruturas das chamadas “Escolas Dominicais”, que todas as igrejas possuem, espaços destinados ao ensino bíblico. Elas são estruturadas em classes de instrução progressivas e abertas para

debates, sendo esse espaço socialmente organizado e estabelecido em todo o território nacional uma rica oportunidade para se trabalhar as questões ambientais.

³Fonte: <<http://www.jbonline.terra.com.br>>

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

7.1 INTERAÇÃO ENTRE OS GRUPOS ESTUDADOS

As figuras 3 e 4 mostram os resultados da questão 7 do questionário aplicado aos membros da igreja (Visita regularmente outras igrejas?) e a questão 4 do questionário aplicado aos não-membros (Tem algum vizinho de seu convívio que frequenta igreja evangélica?). As figuras indicam a existência de forte interação entre os dois grupos estudados. É possível observar ainda que vários membros da igreja evangélica frequentam outras igrejas regularmente, interagindo também com a comunidade onde está situada a igreja pesquisada.

Há uma interação entre os grupos estudados neste trabalho. Dos 50 não-membros entrevistados 45 têm vizinhos evangélicos de seu convívio e somente 5 não têm. Dos membros da igreja apenas 14 fazem intercâmbios com outras igrejas de mesma confissão e 36 não fazem.

Esses gráficos nos mostram que há uma possibilidade de interatividade entre os membros e não-membros de igreja. Da mesma forma existe a possibilidade de membros da igreja sofrerem influências de outros membros de igreja, apesar de haver pouco intercâmbio, como nos mostra a figura 04. Esses dois grupos estudados não estão estanques. Eles constantemente sofrem influências da sociedade, pois tanto os membros da igreja quanto os não-membros trabalham, lêem periódicos, vêem televisão, têm contato com seus vizinhos, escutam rádio, estudam e é muito difícil identificar onde foram obtidas certas informações sobre assuntos ligados ao meio ambiente. O questionário investigativo, no jogo de liga-palavras tenta identificar estatisticamente

onde o indivíduo obteve essas informações.

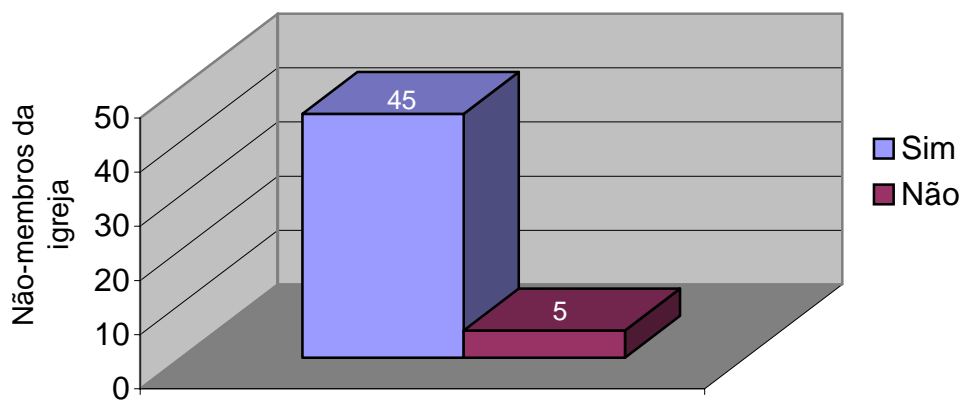


Figura 03 – Convívio dos não-membros com membros de igreja

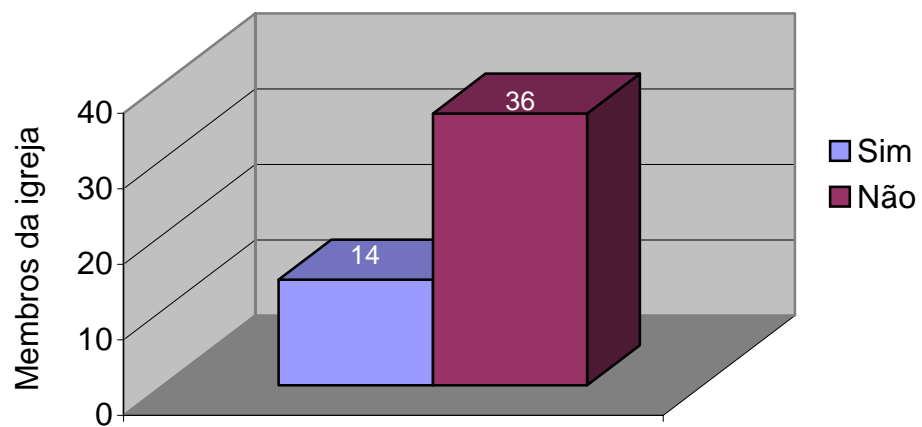


Figura 04 – Visitas dos membros da igreja estudada a outras igrejas

7.2 CONHECIMENTOS DOS MEMBROS E NÃO-MEMBROS DA IGREJA SOBRE PRÁTICAS AMBIENTALMENTE ADEQUADAS

As respostas quanto à percepção de meio ambiente foram muito semelhantes para os dois grupos estudados como indicado nas figuras 8 a 17. As exceções são apresentadas na figura 5 que indica o consumo de animais da região mais intenso pelos não-membros, na figura 6 que indica que não-membros da igreja têm preferência por caminhar na mata e na figura 7 que indica que não-membros têm maior afinidade pela presença de árvores, mesmo sabendo do incômodo causado pelas folhas mortas.

As duas comunidades praticam muito pouco a coleta seletiva, conforme a figura 8, porém não podemos afirmar que essa atitude denota desinteresse pelo meio ambiente, pois na região não há campanhas públicas e nem recipientes para este tipo de coleta. Embora a cidade de Niterói tenha sido pioneira na coleta seletiva de lixo, esse programa ficou mais restrito ao bairro de São Francisco através de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Niterói e a Universidade Federal Fluminense. De qualquer forma, aparentemente os pastores também têm pouca participação com relação à conscientização dos membros da igreja.

Analisando a figura 9, existe uma preocupação grande em relação às doenças veiculadas pela água. Provavelmente as campanhas da dengue têm papel significativo.

A ocorrência de plantas frutíferas (figura 10), se comparado com a figura 7 (Preferência por árvores ou ambiente cimentado), mostra uma certa incoerência. Embora muitos prefiram ambientes cimentados, ou sejam, indiferentes, têm muitas árvores frutíferas. Conclui-se que a arborização talvez esteja mais vinculada à produção

de frutas do que apreciação da natureza. Também nesta figura não é observada nenhuma diferença significativa entre membros e não-membros.

A possessão de animais silvestres, particularmente aves, sugere um certo desprezo pelas coisas da natureza e uma falta de conscientização quanto ao papel destes animais no equilíbrio ecológico trófico, disseminação de sementes, etc.

As respostas sobre possessão de animais (figura 11) estão provavelmente relacionadas à segurança, já que a maior parte dos animais domésticos são cães, em sua maior parte vacinados (figura 12). Os cães na região são muito utilizados para proteger as residências contra assaltantes.

Com relação ao hábito de ter animais da região em cativeiro (figura 13), observamos um número afirmativo significativo, considerando que a posse de animais silvestres constitui crime inafiançável. Não houve preocupação na pesquisa de saber qual animal da região estava em cativeiro, mas as respostas poderiam se referir a gatos e cães. Embora o número de pessoas que têm animais da região seja maior entre os não-membros, os valores não são significativamente distintos, já que a quantidade total de pessoas nesta categoria é muito pequena (8 pessoas das 100 questionadas).

A grande maioria dos membros das duas comunidades não participa de movimentos de preservação da Lagoa de Piratininga (figura 14). Os fóruns para participação mais tradicionais estão presentes na região e as comunidades estudadas aparentemente não têm veiculação a estas organizações, pois as respostas denotam desconhecimento destes órgãos por parte dos grupos.

Analisando o gráfico da figura 15 (vota em candidatos evangélicos), o mito de que os membros da igreja evangélica somente votam em candidatos evangélicos não

se aplica a essa comunidade, incluindo seus três pastores que responderam não votar, conforme anexo 4 (transcrição dos questionários dos pastores). É interessante notar que esta informação deveria gerar uma reestruturação dos conhecimentos sociais de grupos religiosos, onde se assume a existência de uma irmandade muito fechada e integrada. Na verdade, este estudo indica que as comunidades podem até ser críticas umas com as outras. Evidentemente, a sociologia dos grupos religiosos deveria constituir assunto de estudos muito mais aprofundados do que os disponíveis hoje na literatura. Esta informação tem implicações muito significativas na percepção ambiental dos grupos estudados.

Quanto à participação em programas de reciclagem de lixo (figura 16), as respostas estão coerentes com os resultados apresentados na figura 8. Há duas razões para a baixa participação: desinformação e inexistência de programas de reciclagem.

As respostas da figura 17 (A mata é um ambiente de repouso?), estão incoerentes com as respostas da figura 6, principalmente os membros da igreja que responderam afirmativamente. Quando essa questão foi elaborada, seu objetivo era identificar a consciência em relação ao papel da vegetação na saúde ambiental. A resposta denotaria o entendimento da importância da mata no equilíbrio paisagístico, térmico e estético. Referindo-se à figura 6, poderia sugerir que as pessoas querem a mata “longe do seu jardim”.

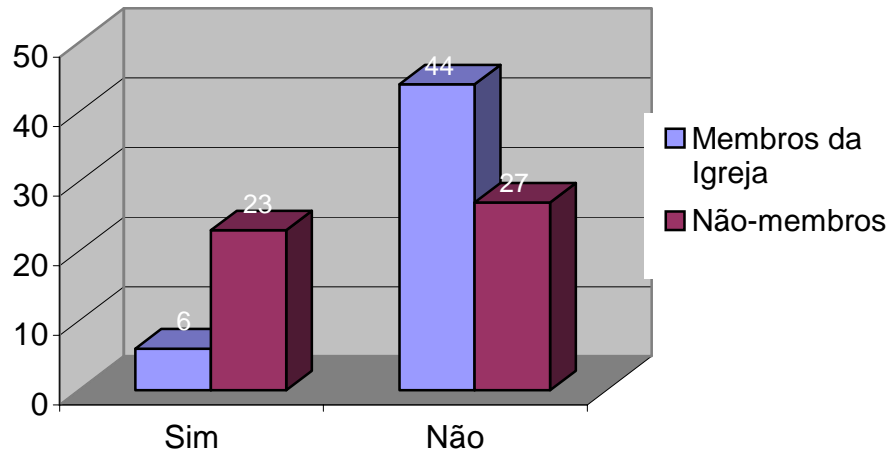


Figura 05 – Consumo de animais da região

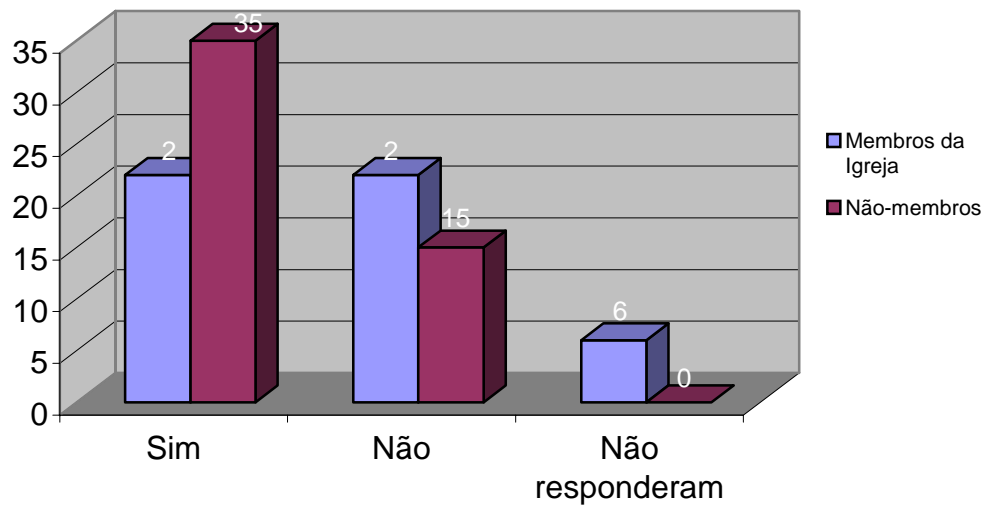


Figura 06 – Gosto por caminhar na mata

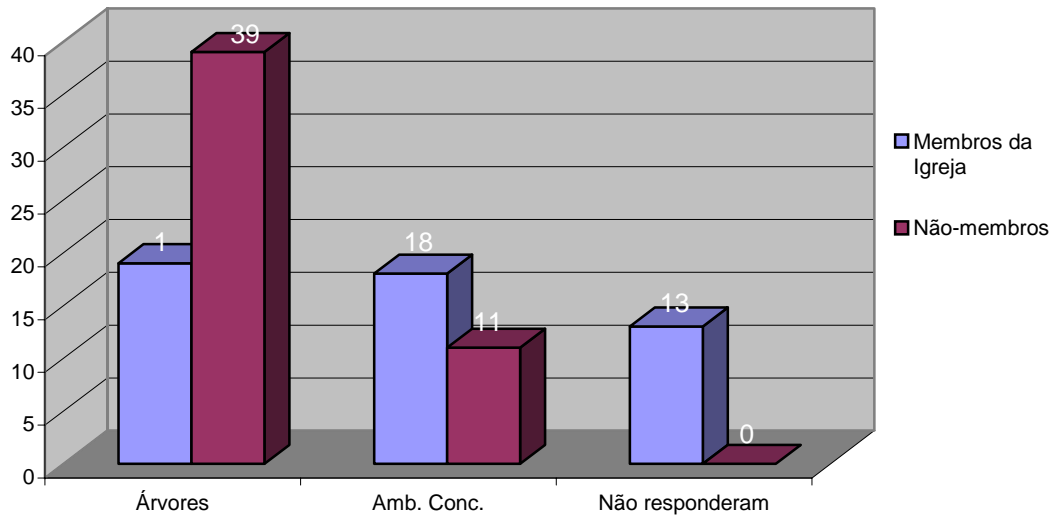


Figura 07 – Preferência por árvores ou piso cimentado

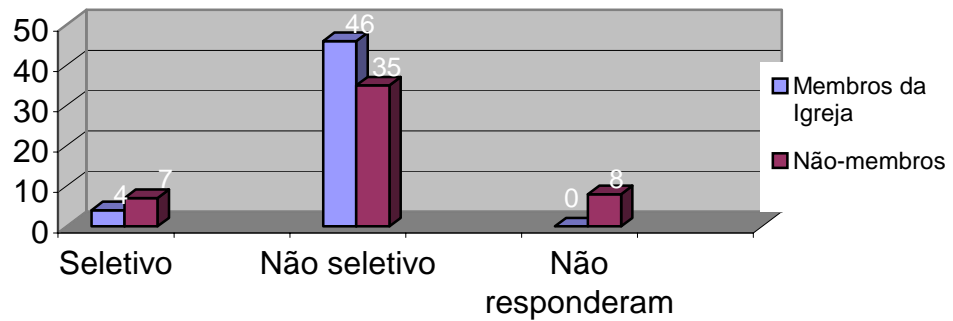


Figura 08 – Modo de descarte do lixo

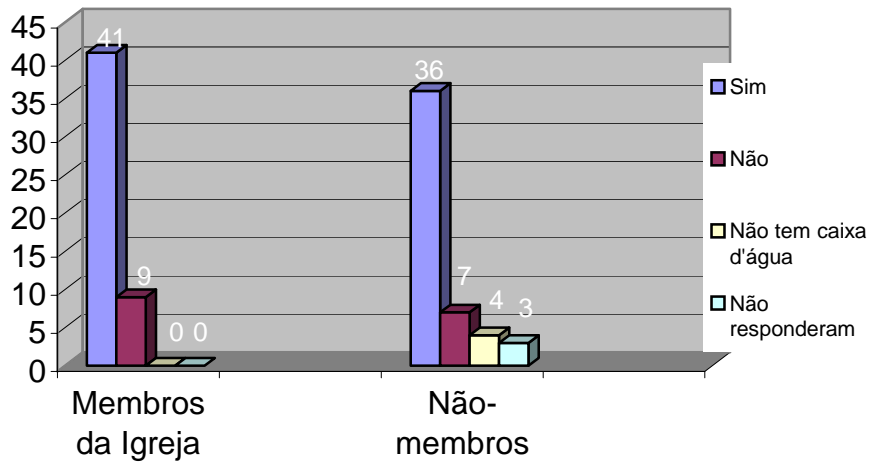


Figura 09 – Hábito de limpeza da caixa d'água

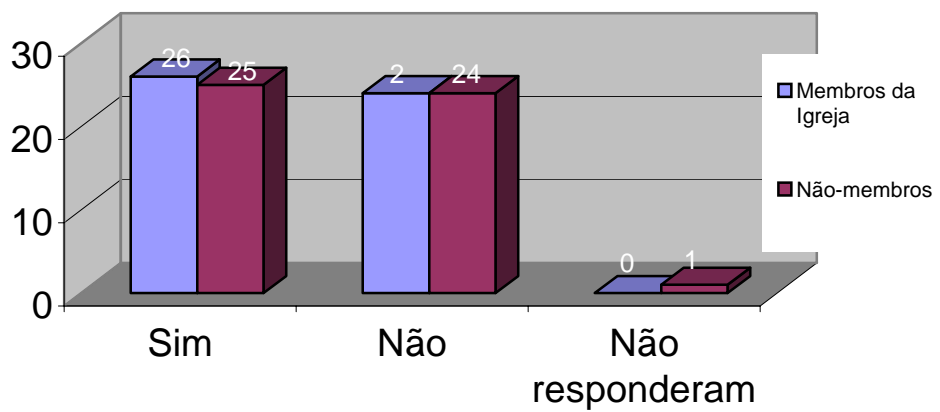


Figura 10 – Ocorrência de plantas frutíferas

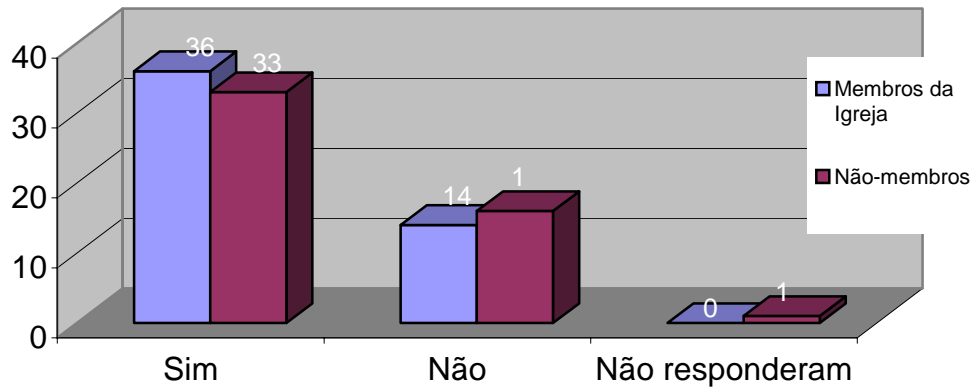


Figura 11 – Ocorrência de animais

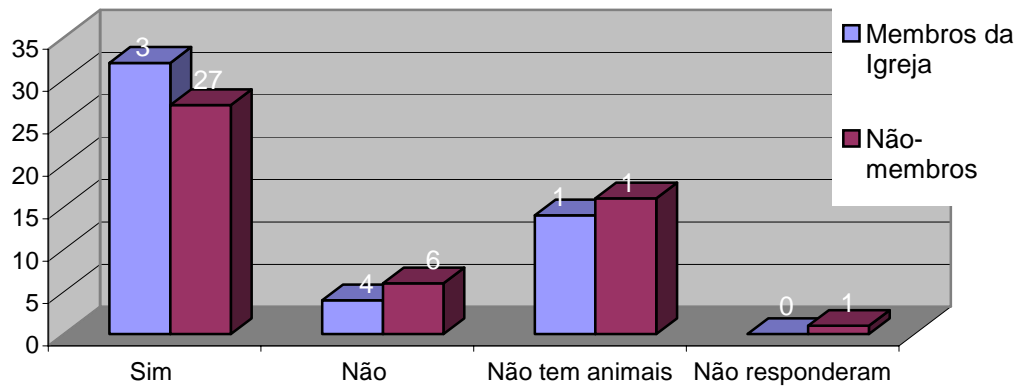


Figura 12 – Hábito de vacinar os animais

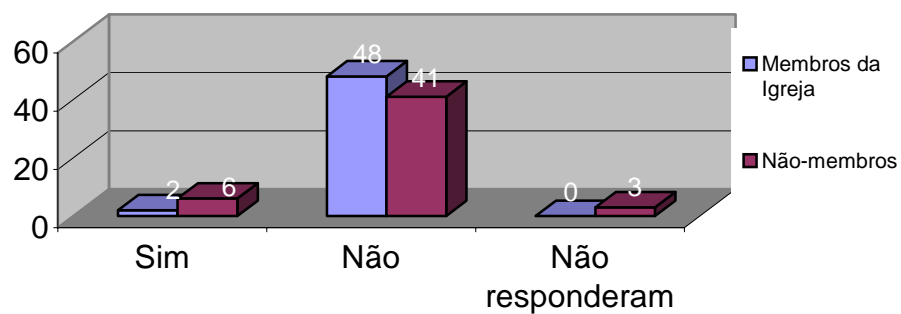


Figura 13 – Hábito de ter animais da região em cativeiro

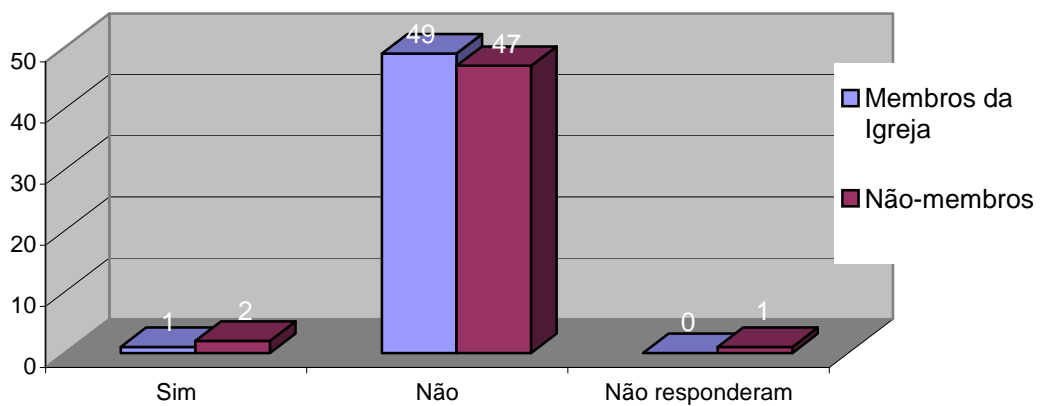


Figura 14 – Participação de movimentos de preservação da Lagoa de Piratininga

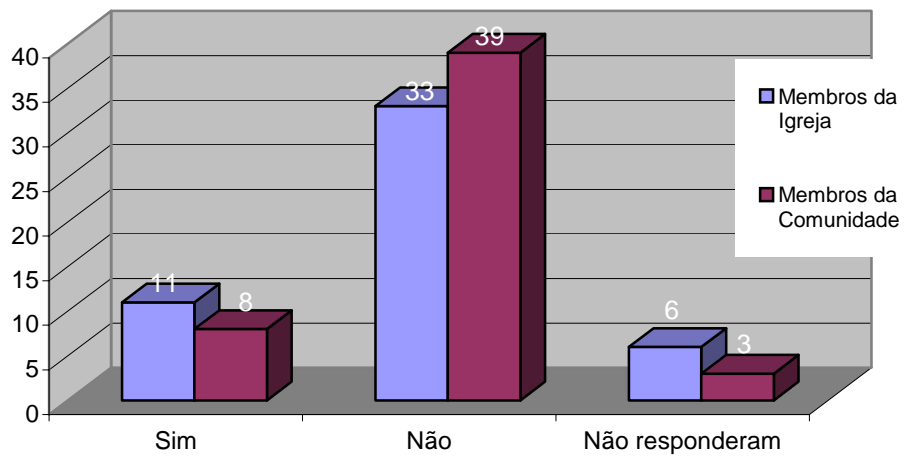


Figura 15 – Frequência de votos para candidatos evangélicos

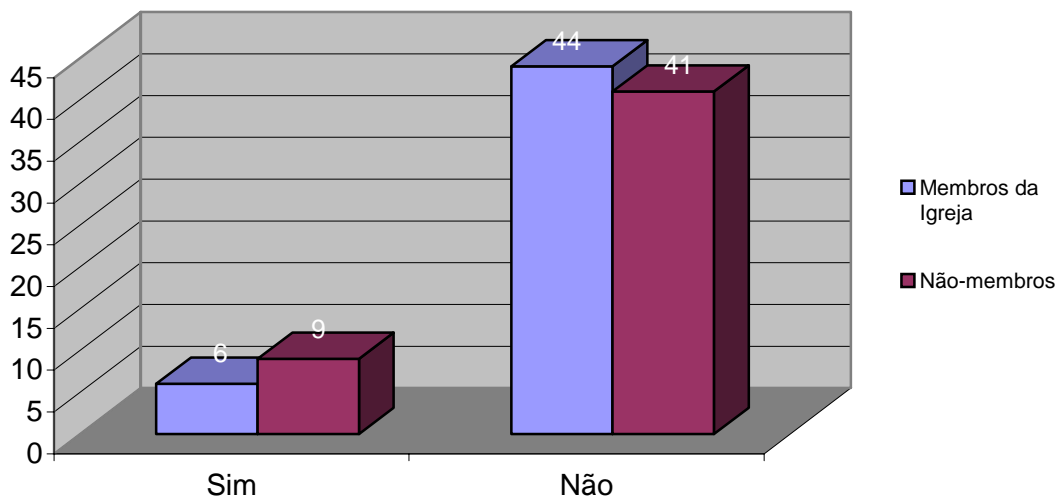


Figura 16 – Participação em programas de reciclagem de lixo

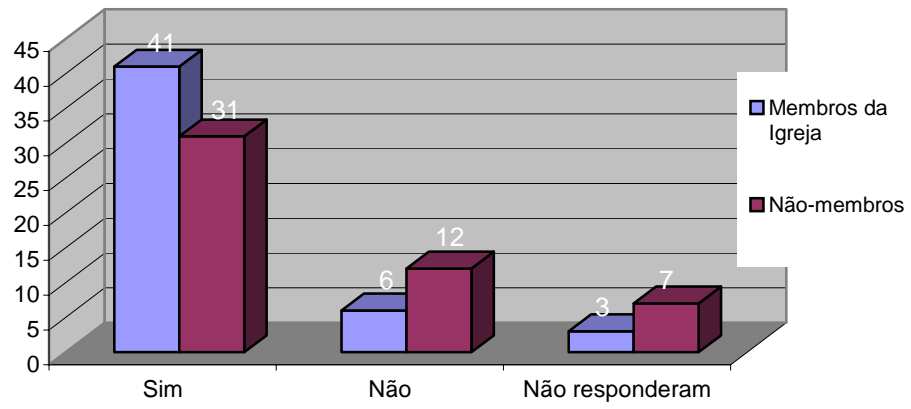


Figura 17 – Preferência pela mata

7.3 INFORMAÇÕES SÓCIO-ECONÔMICAS DOS GRUPOS ESTUDADOS

A maior parte dos membros da igreja mora em Piratininga ou próximo e escolheu a igreja pelo fato de ser perto de suas residências (figura 18). Pela mesma razão (proximidade da igreja), muito poucos membros moram no bairro de Camboinhas ou Itaipu. Não há não-membros em Camboinhas ou Itaipu, pois estes foram escolhidos na própria comunidade em Piratininga. O resultado apresentado na figura 19 para os membros é coerente com o padrão de desenvolvimento da região, onde há 20 anos houve impulso muito forte na ocupação. Na figura 20, o padrão é distinto, indicando uma onda migratória de não-membros nos anos 80, oriundos do Grande Rio (provavelmente o mesmo processo que trouxe os membros). Uma segunda onda migratória é identificada nos anos 90 de não-membros oriundos de outras regiões. O padrão aqui é bem distinto do dos membros. Considerando o padrão de crescimento evangélico no Estado do Rio de Janeiro, segundo “Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais”, PUC (2003), no futuro há grandes possibilidades dessa faixa aderir à igreja.

O grau de escolaridade dos membros acompanha os padrões do país e está concentrado no ensino fundamental e médio (figura 21), levando em consideração a publicação temática do Censo 2000 do IBGE sobre educação que nos revela que entre a população de 25 anos ou mais de idade (85,4 milhões), 5,8 milhões concluíram o curso superior (graduação, mestrado ou doutorado), o equivalente a 6,8%.

É importante observar que todos os membros estiveram nos bancos escolares. Alguns membros com cursos mais avançados, outros com menos tempo de estudo, pó-

rém nenhum deles deixou de receber instrução de escolas formais.

Durante a pesquisa constatamos que apenas cinco membros da igreja apresentaram nível superior completo (10%), sendo que entre estas uma tinha doutorado completo (2%), e outra com mestrado completo (2%). A maioria dos entrevistados (52%), vinte e seis pessoas, apresentou o 3º ano do ensino médio. Oito pessoas concluíram o 2º ano do ensino médio (16%). Duas pessoas concluíram o 1º ano do ensino médio (4%). Três pessoas apresentaram a 8ª série do ensino fundamental completa (6%). Uma pessoa concluiu a 7ª série do ensino fundamental (2%). Nenhuma pessoa apresentou a 6ª série do ensino fundamental (0%). Uma pessoa apresentou a 5ª série do ensino fundamental completa (2%) e 2 pessoas apresentaram a 4ª série do ensino fundamental completa (4%).

Também o grau de escolaridade dos não-membros acompanha os padrões brasileiros (figura 22).

Neste grupo, duas pessoas têm ensino superior (4%), nenhuma apresentando pós-graduação. Treze pessoas concluíram o 3º ano do ensino médio (26%). Três pessoas apresentaram o 2º ano do ensino médio (6%), Duas pessoas concluíram o 1º ano do ensino médio (4%). Nove pessoas apresentaram a 8ª série do ensino fundamental (18%). Seis pessoas apresentaram a 7ª série do ensino fundamental (12%). Cinco pessoas concluíram a 6ª série do ensino fundamental (10%). Quatro pessoas concluíram a 5ª série do ensino fundamental (8%). Três pessoas apresentaram a 4ª série do ensino fundamental (6%) e três pessoas não freqüentaram escolas (6%).

Observamos que nesse grupo três membros (6%) não freqüentaram escolas. O nível de escolaridade do grupo é menor do que os membros da igreja estudada.

Tanto os membros da igreja quanto os não-membros residem numa área pobre. O local de estudo é considerado área de favela.

É interessante notar que, embora a orientação pastoral pregue o planejamento familiar, não existe diferença significativa de perfil entre as duas comunidades estudadas, caracterizadas por uma dominância de famílias com quatro membros (figuras 23 e 24).

A figura 25 mostra um quadro previsível. Todos os entrevistados moram em casas, na medida que existem poucos edifícios na região, e estes mais concentrados em áreas mais valorizadas. No final dos anos 90, o padrão construtivo da região foi modificado e edificações com até 6 andares estão atualmente permitidas. Não obstante, o perfil socioeconômico destas novas construções é bastante elevado.

Embora a distribuição indique que os membros da igreja dispõem um pouco mais de área de lazer que os não-membros, na verdade a distribuição não permite dizer se as diferentes comunidades valorizam ou não tais áreas, pois a sua disponibilidade depende também do poder aquisitivo de cada um dos grupos (figura 26).

Da mesma forma, o fato de ter ou não jardim (figura 27), não determina se a família valoriza ou não o meio ambiente, já que a disponibilidade da área pode ser uma questão puramente financeira. A incoerência entre estes resultados e o da figura 26, pode indicar que embora disponha de área de lazer, a comunidade evangélica talvez não preza a construção e, sobretudo a manutenção de jardim.

As pessoas que não têm ligação de esgoto (figura 28) com a rede pública sabem de sua existência, já instalada pela Companhia Águas de Niterói, contudo, por questões de ordem financeira, não priorizaram suas ligações. Uma pessoa quando investe em

saneamento básico é porque valoriza a questão ambiental, mesmo que faça sacrifício em outras áreas.

No questionamento sobre água tratada (figura 29), não aparecem diferenças significativas, pois todos buscam este serviço por se tratar de um item essencial. A água subterrânea que há alguns anos era a única disponível na região é de muita baixa qualidade, salina e tão concentrada em ferro que em muitas localidades a água fica amarelada e com forte odor de ferrugem.

Uma grande parcela dos membros da igreja freqüenta regularmente os cultos há um tempo relativamente pequeno (figura 30). A razão reside no fato do movimento evangélico ser recente, segundo “Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais”, PUC (2003).

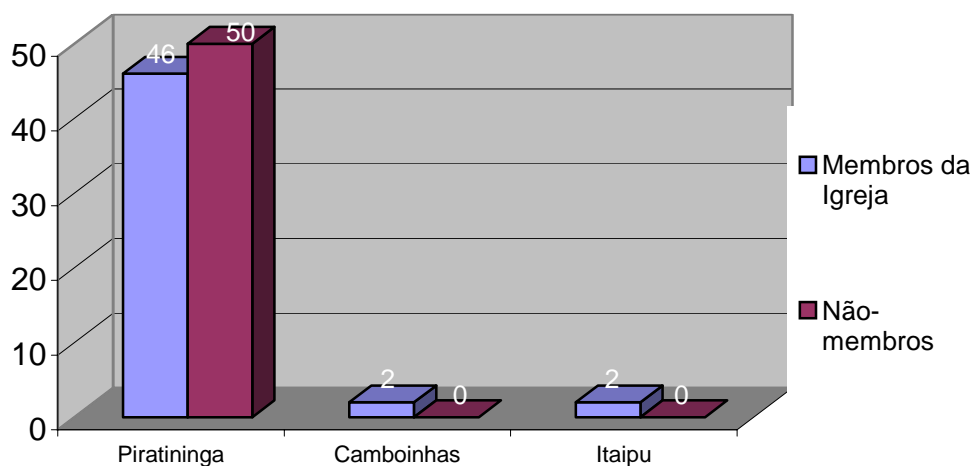


Figura 18 – Local de moradia

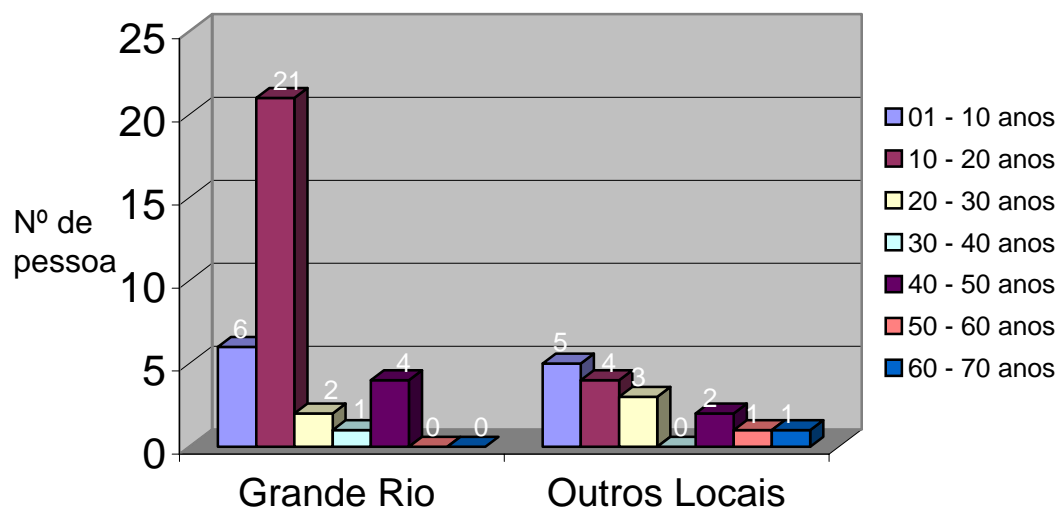


Figura 19 – Tempo de moradia dos membros da igreja

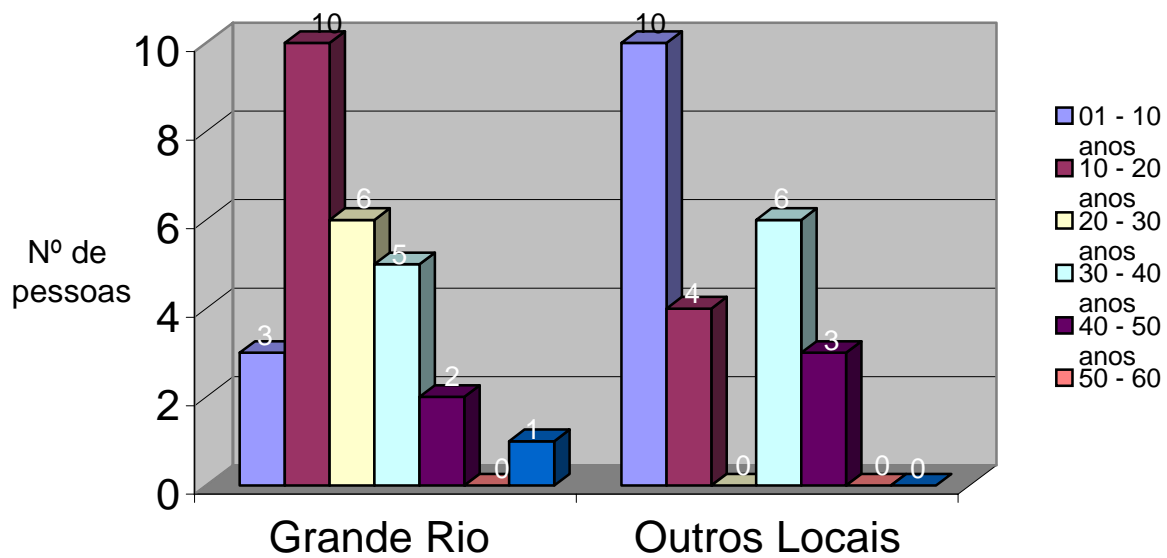


Figura 20 – Tempo de moradia dos não-membros

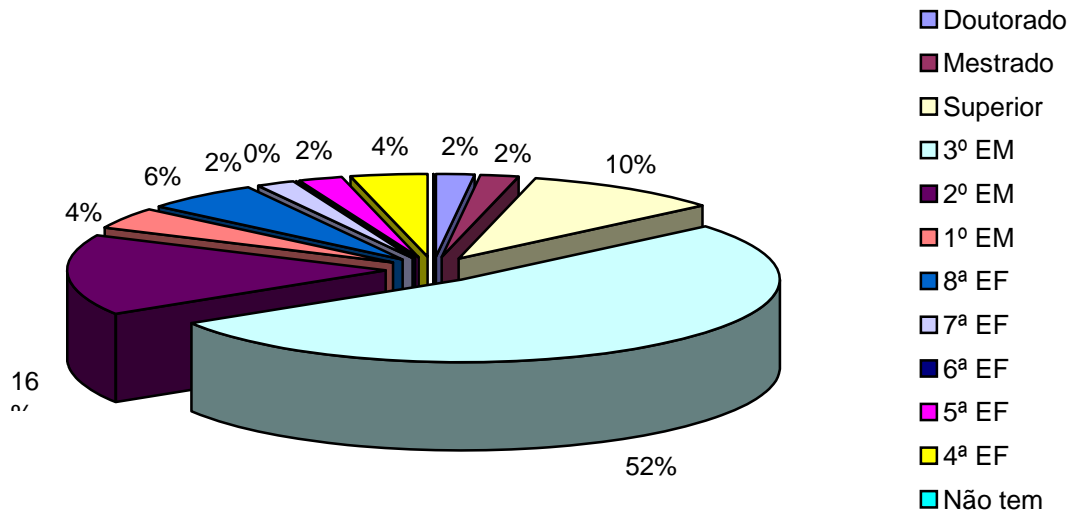


Figura 21 – Grau de escolaridade dos membros da igreja

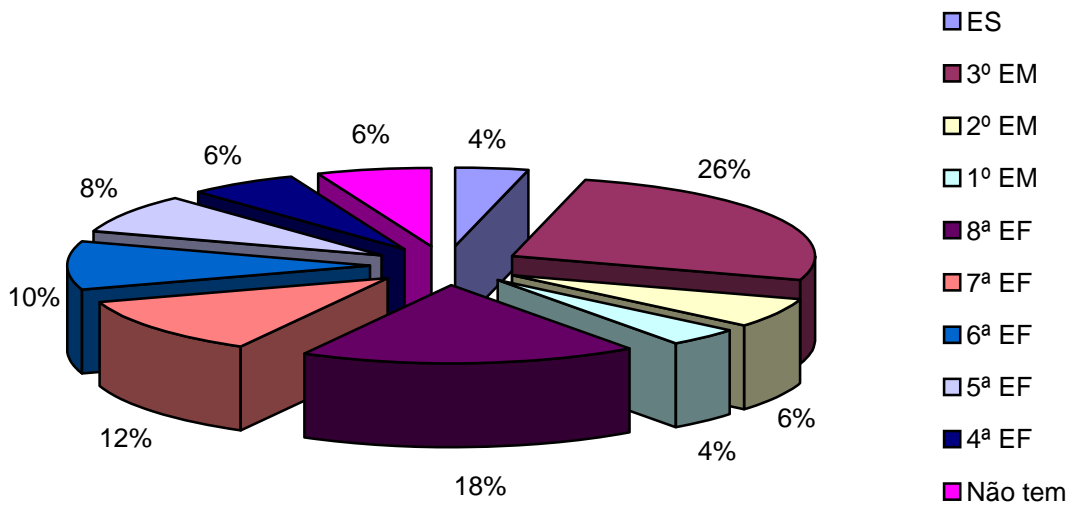


Figura 22 – Grau de escolaridade dos não-membros

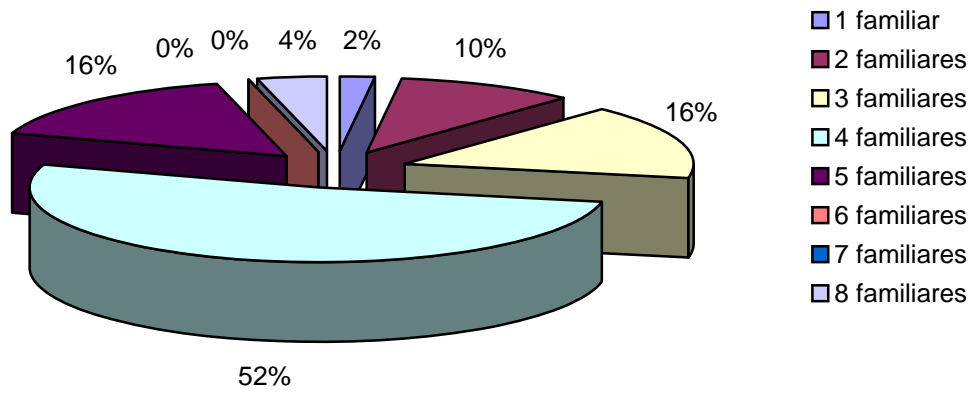


Figura 23 – Número de familiares dos membros da igreja

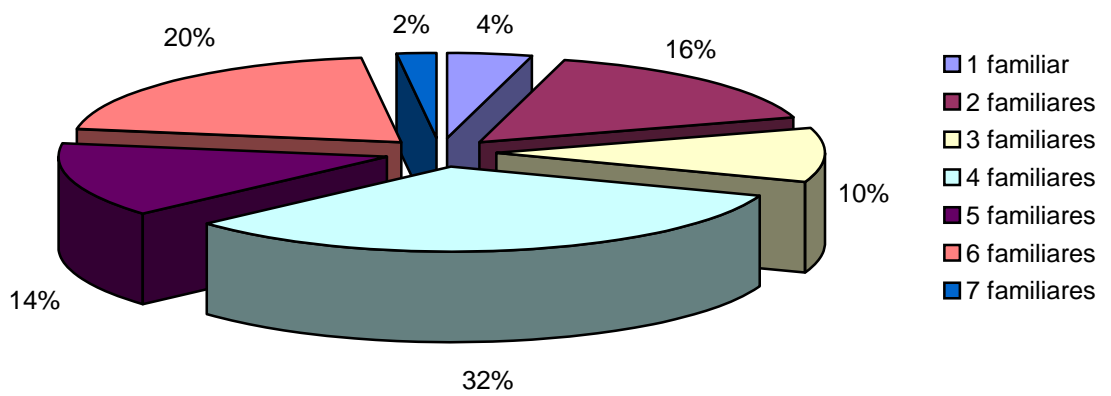


Figura 24 – Número de familiares dos não-membros

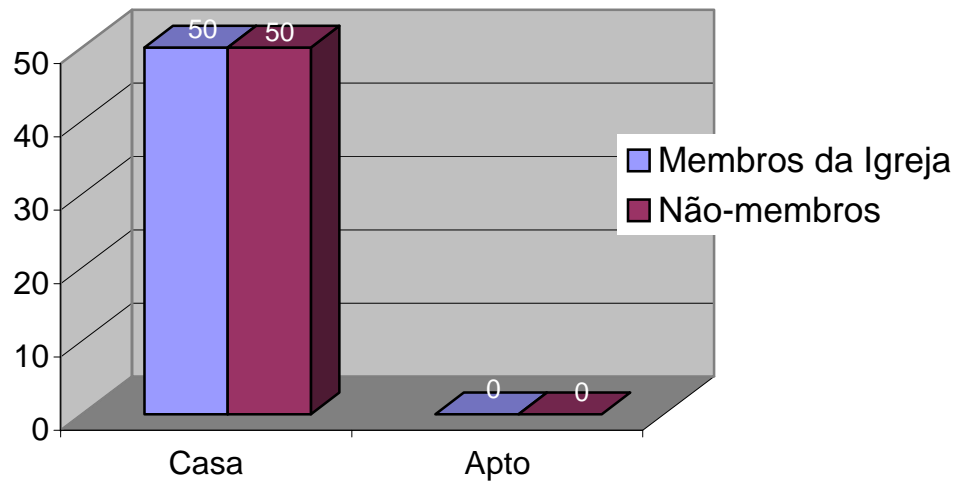


Figura 25 – Tipo de moradia

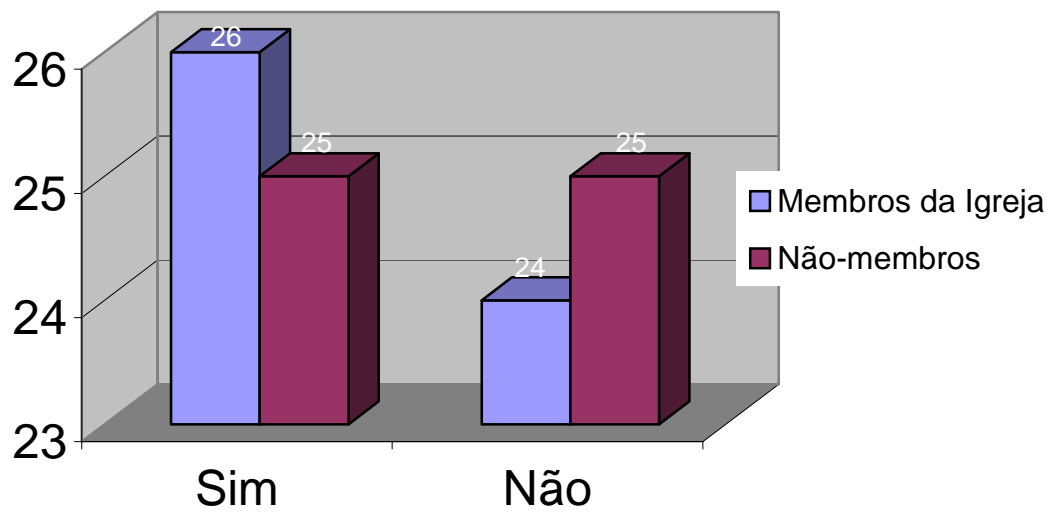


Figura 26 – Área de lazer

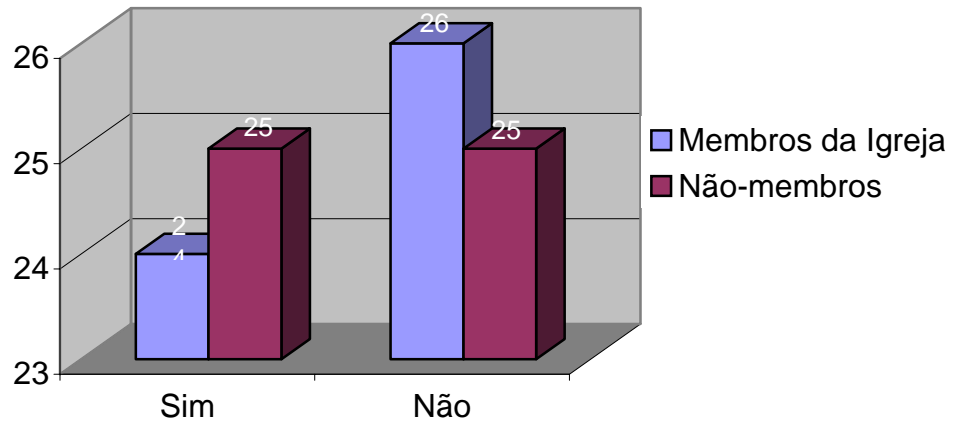


Figura 27 – Ocorrência de jardim

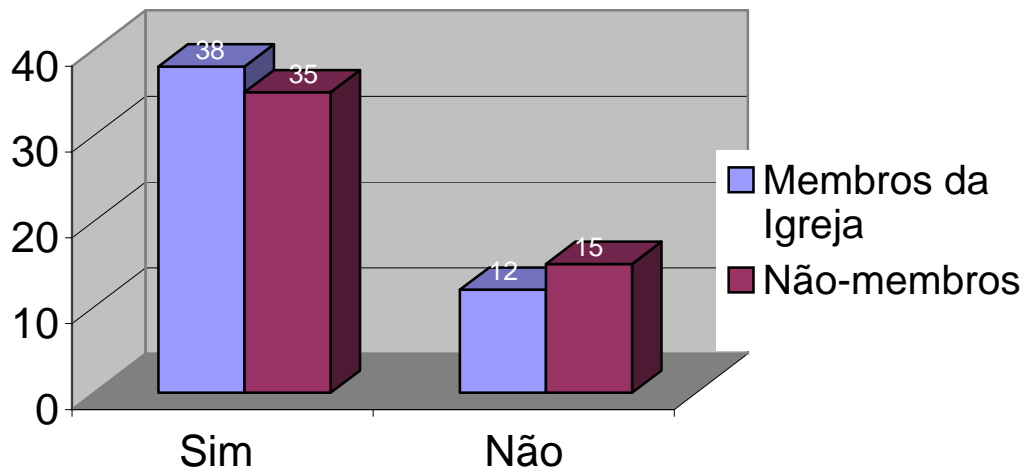


Figura 28 – Ligação de esgoto com a rede pública

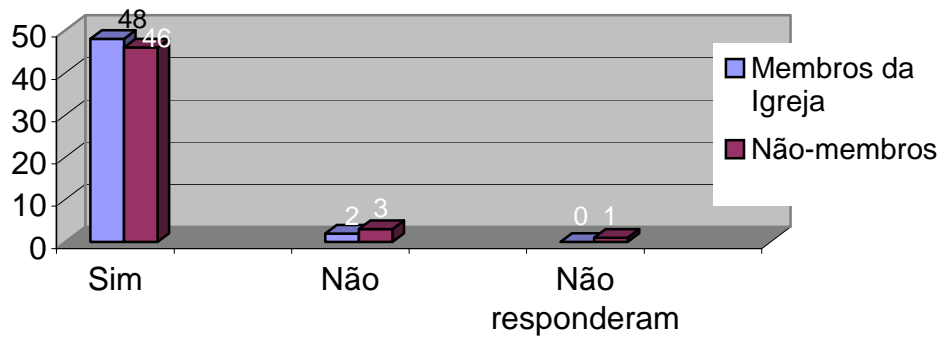


Figura 29 – Disponibilidade de água tratada

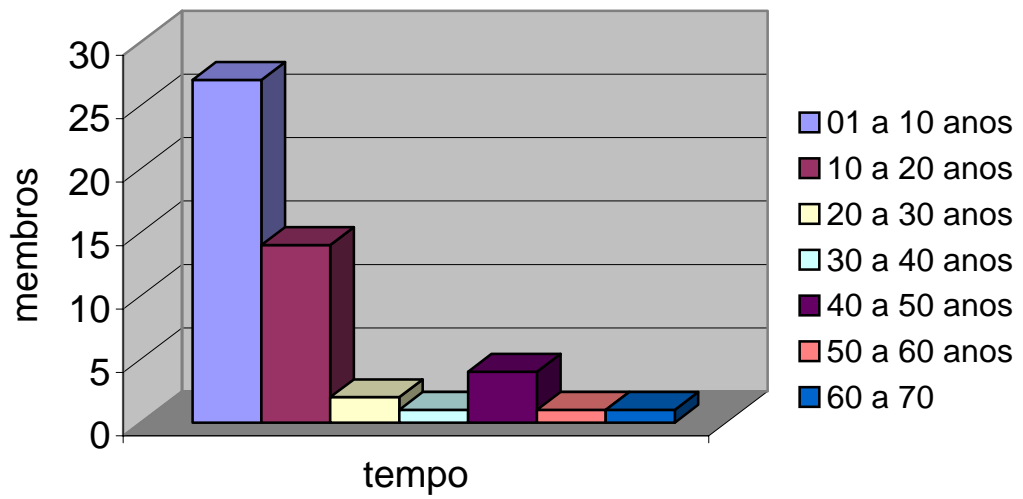


Figura 30 – Tempo de freqüência na igreja

7.4 INFORMAÇÕES EXTRAÍDAS DO JOGO DE LIGA-PALAVRAS

O objetivo do jogo de liga-palavras foi investigar o nível de entendimento de conceitos simples relacionados ao meio ambiente. Foram selecionadas palavras por pares, relacionadas uma a outra para o entrevistado associar. As palavras foram divididas em entendimentos simples, médios e difíceis. Nenhum significado trata tecnicamente do assunto, pois esse jogo foi elaborado para ter uma noção do conhecimento ambiental do entrevistado. É uma tentativa de investigação no sentido de saber se o entrevistado tem boa observação sobre o meio em que vive. Se ele observa a fauna, a flora, a questão da contaminação ambiental, se dá importância ao problema de resíduos liberados na lagoa, se há uma preocupação com o lixo, se apresenta interesse por temas ligados à educação ambiental.

É importante salientar que no jogo de liga-palavras cada pessoa associa trinta palavras relacionadas ao meio ambiente com seu significado correto. O grupo de membros da igreja teve 803 acertos de um total de 1.500 possíveis (53,53%). O grupo de não-membros teve 596 acertos de um total também de 1.500 possíveis (39,73%), conforme figuras 31 e 32. Esta diferença pequena, mas significativa pode ser atribuída à distinção no nível de escolaridade das duas comunidades, como indicado na comparação entre as figuras 21 e 22.

Nas associações dos significados das palavras com a origem do conhecimento ficou determinado o importante papel da escola formal. A escola bíblica (cursos de curta duração para membros da igreja evangélica, ministrados nos fins de semana) teve um percentual insignificante no aprendizado dos assuntos pertinentes ao meio ambiente.

Muitas pessoas ligaram as palavras, porém não fizeram associação à origem desse conhecimento. Os membros da igreja associaram 509 palavras a suas respectivas fontes de conhecimento cabendo destaque para a escola formal com 269 associações, ou seja, 52,84% do total de palavras associadas à fonte (figura 33). Já os não-membros puderam associar 468 palavras a suas fontes de conhecimento, sendo destaque também a escola formal com 281 associações, 60,04% do total de palavras associadas (figura 34). Isso nos leva a confirmar a importância da educação formal na construção da cidadania e no desenvolvimento do país.

Comparando as figuras 31 e 32 percebemos um número de pessoas com maior quantidade de acertos entre os membros da igreja do que entre os não-membros, destacando uma forte predominância de pessoas com número bem pequeno de acertos entre os não-membros. Visto que neste estudo não há nenhuma indicação que o maior conhecimento ambiental dos membros seja oriundo da informação ou formação recebida nos cultos e outras atividades, supõe-se que este maior conhecimento seja construído em uma formação escolar mais avançada, como indicam os gráficos de escolaridade do grupo de membros (figuras 21 e 22).

Tanto na figura 33 quanto na 34 a contribuição da televisão é significativa para a origem do conhecimento, porém existe uma forte predominância da contribuição escolar destacando-se a pouquíssima contribuição da escola bíblica dominical para os membros da igreja.

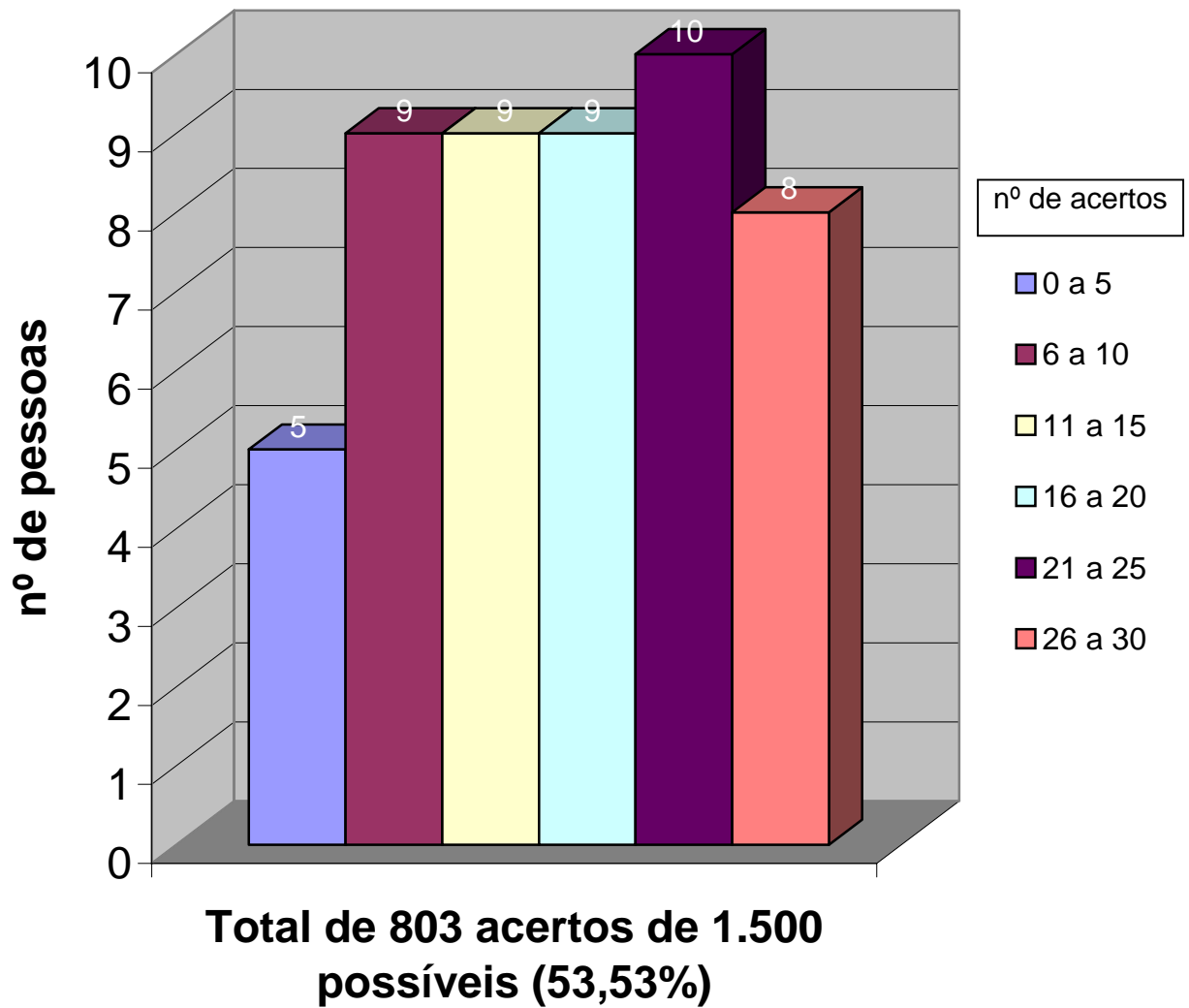


Figura 31 – Associações corretas das palavras com seus significados (membros da igreja)

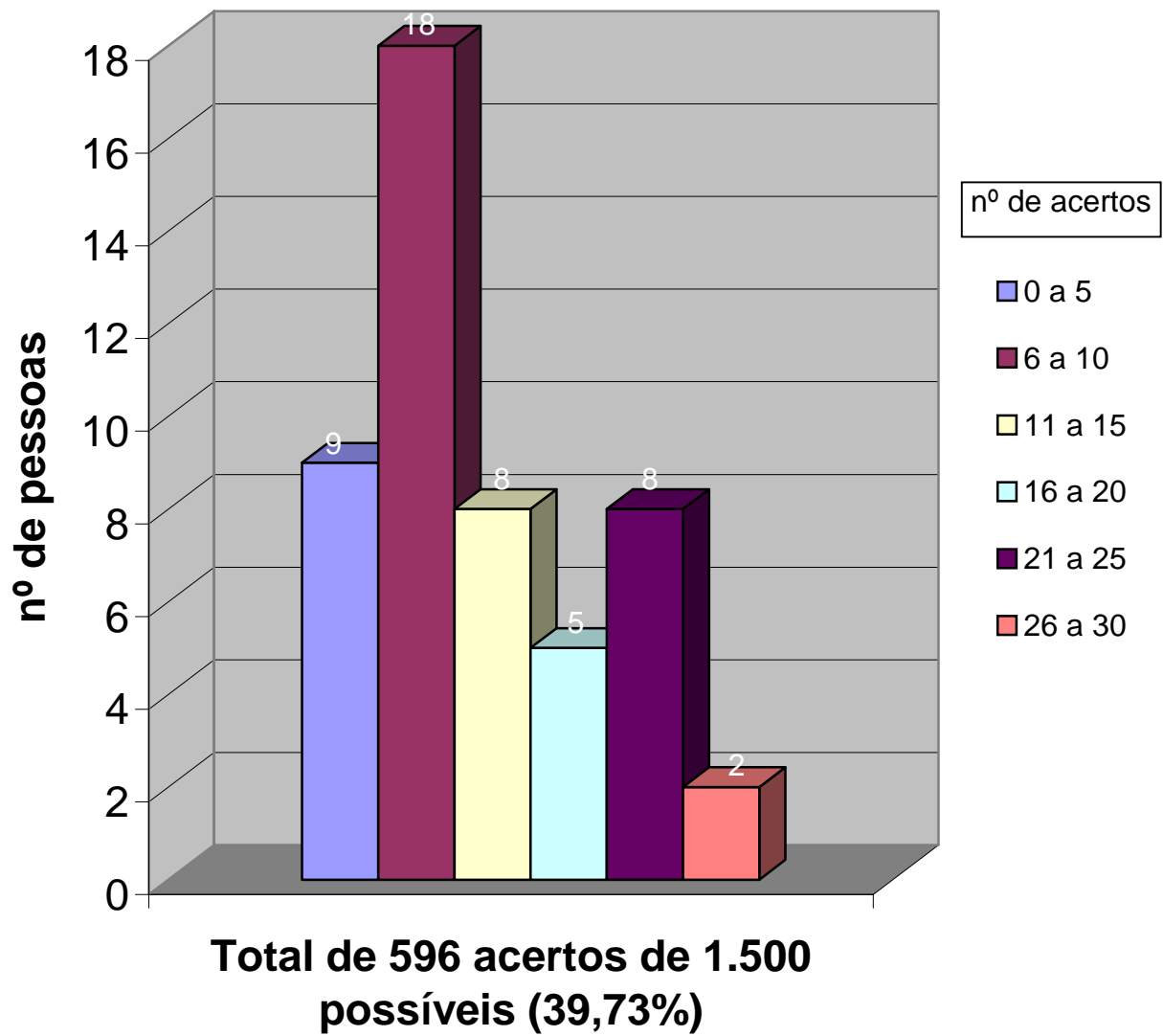


Figura 32 – Associações corretas das palavras com seus significados (não-membros)

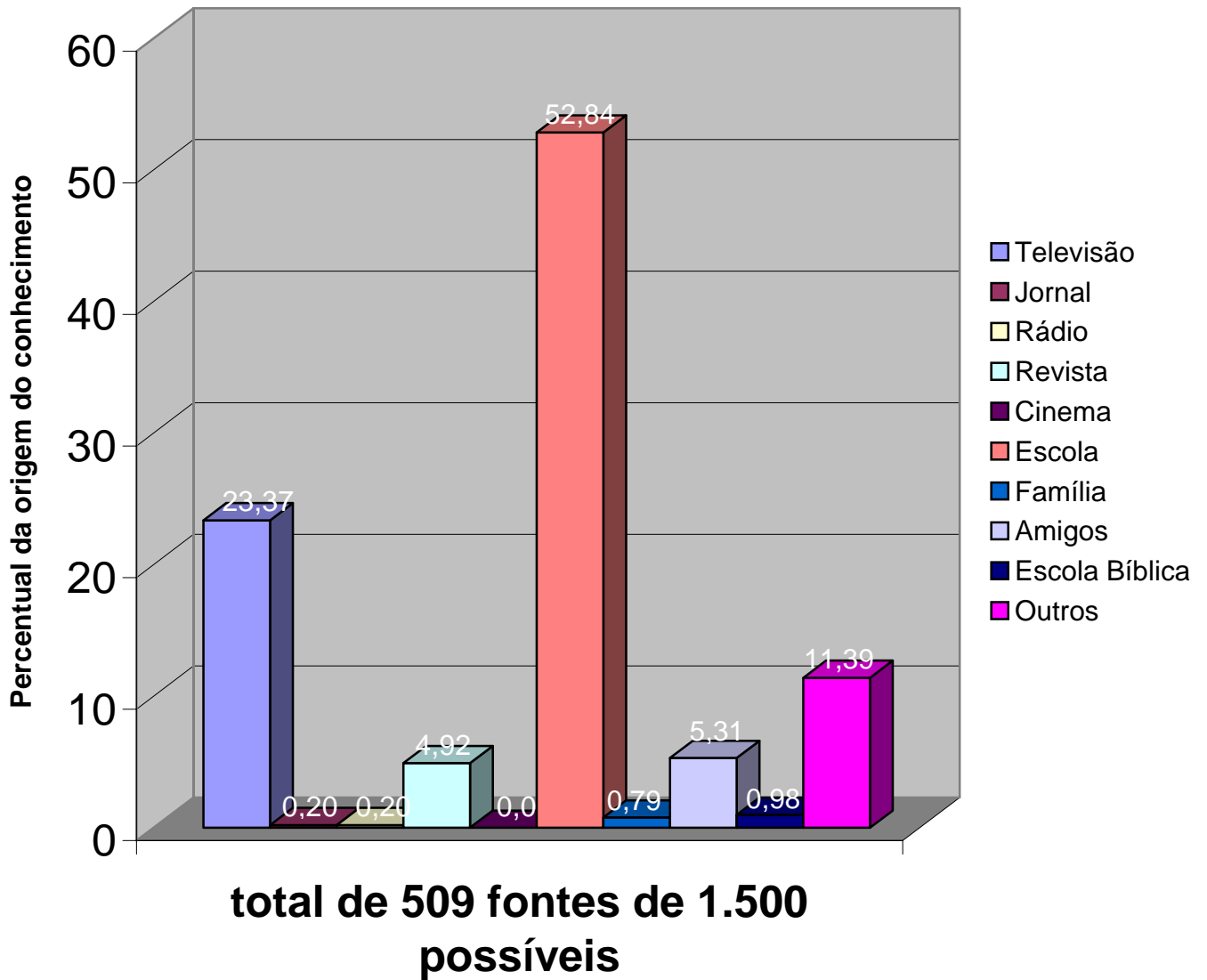


Figura 33 - Associações dos significados das palavras com a origem do conhecimento (membros da igreja)

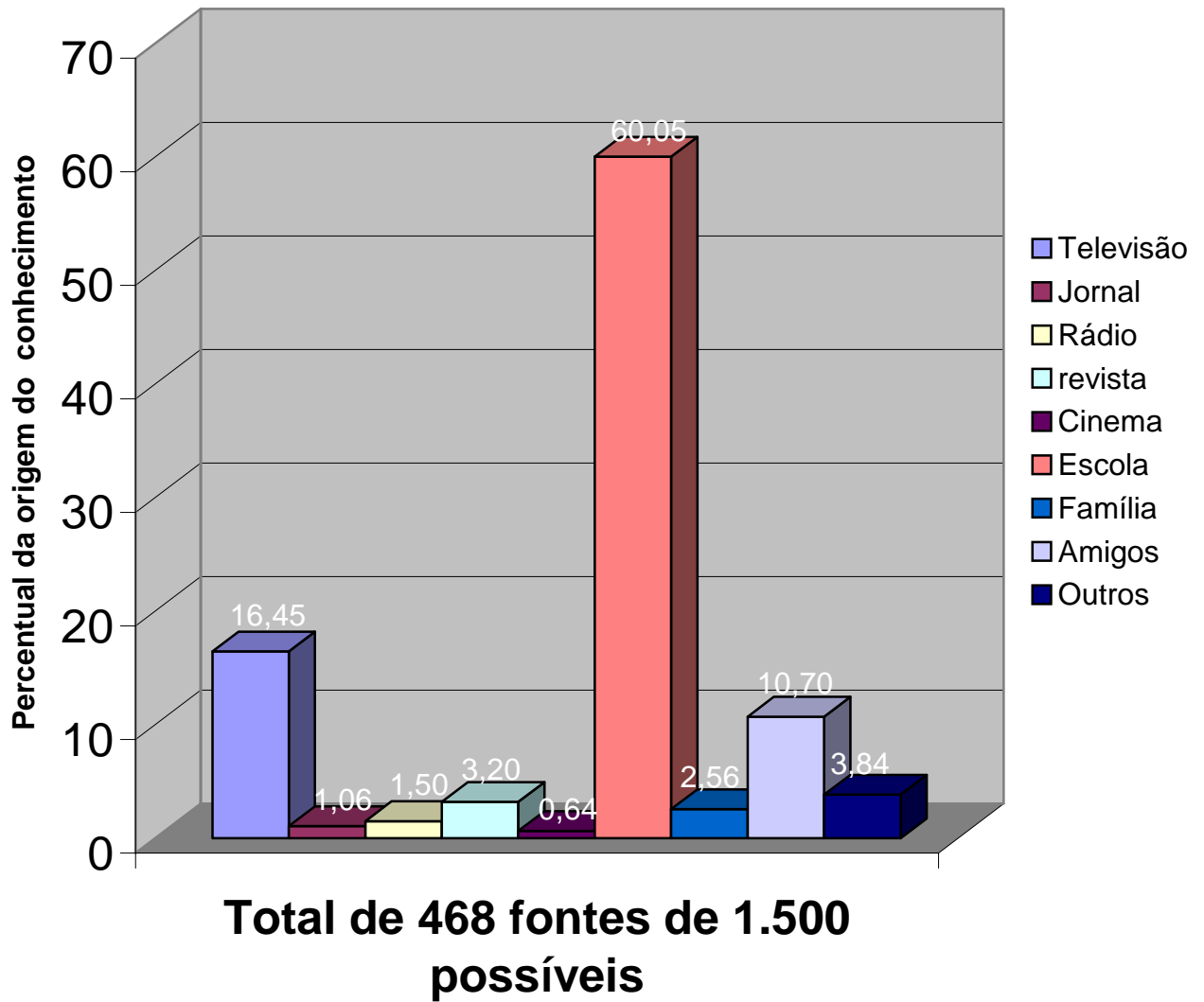


Figura 34 – Associações dos significados das palavras com a origem do conhecimento (não-membros)

7.5 CONCEPÇÃO AMBIENTAL DOS PASTORES, MEMBROS E NÃO-MEMBROS DA IGREJA

Calazans em “*Sinalizações para apoiar o trabalho de campo na pesquisa: levantamentos de depoimentos coletivos*” (1994), direciona para a análise das representações sociais dos professores, conforme destacado por Reigota (2001). Essa análise constitui um passo fundamental para o entendimento do processo de educação ambiental por parte da comunidade estudada. É fundamental analisar as concepções de meio ambiente dos pastores, já que são os atores sociais responsáveis pelo ensino religioso e pela transmissão dos conteúdos das pregações nos cultos religiosos regulares.

Analisando as concepções de meio ambiente dos pastores, nenhum deles correlaciona meio ambiente com as concepções do Tecnicismo (Capitalismo Verde), romantismo ingênuo (sacralização da natureza), a concepção ligada a problemas sócio-político e o mito antropocêntrico, conforme analisadas na introdução desta dissertação. Os pastores apresentam noções sobre coleta seletiva de lixo, tratamento de água, higiene, porém não discutem as causas. A exceção acontece sobre a opinião da diminuição do espelho d’água da Lagoa de Piratininga, onde o Pastor Cláudio Paranhos Barrozo associa a diminuição do espelho da lagoa à má gestão habitacional da região, acarretando uma ocupação desordenada da área. Liga a favelização crescente aos depósitos de lixos e entulhos às margens da lagoa. O Pastor Alex de Oliveira Rangel correlaciona a diminuição do espelho d’água da lagoa ao poder econômico das grandes construtoras, relatando que há décadas a lagoa foi loteada e vendida. Sugere o

cumprimento da “PUR” através do Ministério Público e a punição dos infratores. Já o Pastor Henrique Callado apenas sugere um trabalho sério para a recuperação da lagoa e suas margens. Nenhum dos pastores correlacionou o efeito da diminuição do espelho d’água com as atividades de produção e conseqüente acumulação de riquezas em detrimento do meio ambiente.

A pergunta 09 do formulário aplicado aos pastores se refere à percepção do pastor para o desaparecimento de animais e plantas da região. Dois pastores responderam que não perceberam esse desaparecimento. No entanto na pergunta 13, que se refere aos pastores falarem sobre meio ambiente para a transformação dos hábitos dos membros, eles foram firmes na posição de que precisam expor mais o assunto, pois é uma importante ferramenta para a transformação de hábitos. Isso denota que há uma contradição sobre a percepção de preservação da natureza, pois eles não reparam nas transformações ambientais a sua volta, porém acham que devem falar sobre essas transformações com os membros da igreja.

Com relação à pergunta 11, sobre o significado das palavras relacionadas com o meio ambiente, de 99 palavras totais, eles conheciam o significado de 87, dando um percentual 87,9%, significando que há um potencial para transmitir conceitos ambientais para os membros das igrejas. A exceção foi o conceito de meio ambiente com ênfase na concepção generalizante e antropocêntrica: “é tudo que nos rodeia”.

Na pergunta 12 os pastores relacionaram o aprendizado das palavras à televisão, revista, internet, jornal, amigos, família e escola.

Por fim as respostas dos pastores para a pergunta 07 sobre a valorização dos temas nas pregações de outros pastores apresentam uma ênfase para uma

transferência dos conhecimentos e valores bíblicos. Eles falam de unção, valorização de uma palavra bíblica, uma palavra natural que fuja ao estereótipo do discurso, o ser humano como ser integral, reflexão sobre a existência humana, a forma sábia e inteligente de se viver como assuntos de profundidade espiritual.

As concepções de meio ambiente expressas nas respostas dos formulários, tanto dos membros da igreja quanto dos não-membros, em sua maioria direcionaram para uma visão generalizante, ou seja, uma visão abstrata de meio ambiente como podemos verificar nas respostas a seguir: “É tudo que nos cerca; são plantas, as ruas e a poluição; poluição em geral; ambiente em que se vive; qualquer lugar; todo o sistema que integra a vida; são animais e plantas; é tudo o que faz parte da natureza; é tudo o que está presente na natureza; habitat dos seres vivos que devem ser cuidados; tudo é poluição; conscientização do meio em que vivemos; lugar limpo e saudável; envolve tudo; é o conjunto dos elementos vivos e não vivos do ambiente que se relacionam entre si; é onde vivemos”.

Também outras respostas significativas apontaram para uma visão antropocêntrica, utilitarista da natureza constatadas nas seguintes respostas: “Foi feito para ser preservado; é o mais importante de nossa vida perante a natureza; é necessário para as nossas vidas; sem ele ninguém sobrevive; é o local onde vivemos; é lugar limpo e consciente e possível de habitar seguramente; é muito importante para a nossa sociedade; todo espaço que é e pode ser utilizado pelo homem; é o meio onde nós vivemos; é tudo o que nos rodeia em casa, no trabalho e fora dele; o nosso futuro tem a ver com o meio em que vivemos; devemos conservar e plantar mais, pois é necessário para que possamos respirar e viver melhor”.

Um pouco menos que as visões generalista e antropocêntrica se situa a concepção naturalista, enfatizando a necessidade de preservação ambiental constatadas nas seguintes respostas: “As plantas, os animais, etc.; é o jardim, árvores, lazer, etc.; é a preservação da natureza; é a paisagem e limpeza; trabalho na casa de um ambientalista; é a natureza limpa com muitos animais e vegetação; fala sobre a natureza; mata fechada; está relacionado com árvore; ambiente saudável; é o que tem plantação, árvores, plantas e animais; é limpeza; é pantanal, Amazônia; ambiente natural de cada região; existe meio ambiente na cidade na forma de reservas florestais, tais como a Floresta da Tijuca, Lagoa de Piratininga, restingas, etc.”

Tanto os pastores quanto os membros e não-membros não relacionaram em suas respostas meio ambiente a problemas sócio-políticos, crise sócio-ambiental e modo de produção capitalista. Não foi observada a conexão da defesa do meio ambiente com as relações sociais de poder, classe dominante e dominada. Também não foram observados questionamentos quanto à responsabilidade da aplicação da educação ambiental. Se é somente da escola formal ou das organizações da sociedade civil, pois a separação entre escola e organizações da sociedade civil dificulta uma ação coletiva em Educação Ambiental (Novicki, 2002).

8 CONCLUSÃO

Comparando as respostas dos membros da igreja com os não-membros foi observado que foram muito semelhantes no que tange à moradia e sua infraestrutura, condições sócio-econômicas, participação de movimentos a favor da preservação da natureza e a capacidade para definir o que se entende por meio ambiente. Verificamos que no item liga-palavras, os membros da igreja estudada tiveram um índice de acerto (803 de 1500 possíveis, 53,53%) maior do que os não-membros (596 de 1500 possíveis, 39,73%). Constatou-se que grande parte do conhecimento das palavras relacionadas com o meio ambiente veio da escola formal, tanto dos membros quanto dos não-membros. Apenas cinco respostas certas foram relacionadas à escola bíblica dominical pelos membros da igreja. O processo de aprendizado acontece nos meios sociais e ao constatarmos que grande parte do aprendizado das palavras relacionadas ao meio ambiente aconteceu na escola formal, não podemos negligenciar a importância dessa escola na formação da cidadania dos indivíduos e na formação da consciência de preservação do meio ambiente.

Os meios de comunicação são instrumentos importantes na propagação da cultura e informação em nossos dias. A televisão tem um peso considerável nesse cenário, como ficou constatado nas figuras 33 e 34. Das 509 associações dos significados das palavras, 119 (23,37%) obtiveram o conhecimento através da televisão. Das 468 associações dos significados das palavras, 77 (16,45%) foram obtidas da mesma fonte.

Analisando as concepções de meio ambiente dos pastores, nenhum deles

correlaciona meio ambiente com as vertentes do Tecnicismo (Capitalismo Verde), romantismo ingênuo (sacralização da natureza), a concepção ligada a problemas sócio-políticos e o mito antropocêntrico, conforme analisadas no item Resultados e Discussão.

As concepções de meio ambiente expressas nas respostas dos formulários, tanto dos membros da igreja, quanto dos não-membros, em sua maioria direcionaram para uma visão generalizante, ou seja, uma visão abstrata de meio ambiente. Também outras respostas significativas apontaram para uma visão antropocêntrica, utilitarista da natureza. Um pouco menos que as visões generalista e antropocêntrica se situa a concepção naturalista, ligada à natureza e recursos naturais, enfatizando a necessidade de preservação ambiental, também visto no item Resultados e Discussão.

Apesar dos membros da igreja terem tido um índice de acerto um pouco maior do que os membros da comunidade (53,53% contra 39,73%, figuras 31 e 32) e levando em consideração o alto índice de acerto (75,75%; 93,93% e 93,93%) do item 11, relativo aos formulários dos três pastores, os mesmos não estão conseguindo passar mensagens sobre preservação do meio ambiente ou não despertaram para a importância do assunto.

Como foi exposto na metodologia, o baixo retorno dos questionários distribuídos tanto para os membros da igreja, quanto para os não-membros, pode sugerir uma falta de interesse pela pesquisa. Uma justificativa freqüente para o desinteresse por pesquisas é a falta de retorno, ou contra-partida. Vários grupos aplicam os questionários, gastam o tempo das pessoas, e no final desaparecem, sem dar nenhum tipo de retorno para a comunidade.

O pastor Cláudio Paranhos e o pastor Henrique Callado relatam que não percebem a modificação da fauna e da flora na região (pergunta 09, anexo 4), porém acham que a comunidade pode ser transformada pela igreja mediante suas mensagens o que denota uma contradição. É preciso preparar melhor os pastores para que a igreja tenha uma resposta melhor para o assunto abordado nesta dissertação, pois foi constatado nessa pesquisa que a questão da preservação ambiental não é passada para os membros da Igreja Presbiteriana Betânia de Piratininga pelos seus pastores.

Esta pesquisa é de interesse comum, já que a população evangélica vem aumentando em nosso país, porém não produziu conhecimento para que possamos tirar conclusões sobre conscientização ambiental na igreja evangélica do Brasil. Foi tomado como estudo de caso uma comunidade que apresenta apenas cinqüenta membros. As conclusões aqui apresentadas diz respeito apenas à Igreja Presbiteriana Betânia de Piratininga. É preciso uma pesquisa mais ampla para que tenhamos um panorama maior do tema aplicado à igreja Evangélica no Brasil.

9 RECOMENDAÇÕES FINAIS

A Igreja também poderá desempenhar papel educativo relevante, através de seus trabalhos de pastoral, característicos das igrejas católicas ou de trabalhos similares realizados por outros segmentos religiosos. Para tanto, torna-se necessária uma integração de dirigentes das igrejas com as outras instituições voltadas para a Educação Ambiental [...], no sentido de receber as informações necessárias para o desempenho de suas propostas assistenciais, levando a população a lutar por seus direitos quanto à qualidade de vida e destacando sua responsabilidade para com o meio ambiente (XAVIER, 1996, p. 198).

A instituição social que constitui a igreja é um fórum por excelência para a formação de uma consciência ambiental.

É preciso criar na escola bíblica dominical uma classe que trate especificamente do assunto, publicar no boletim semanal da igreja um tema de simples aplicação relacionado à preservação do meio ambiente, tentar modificar o histórico escolar dos seminários, introduzindo uma cadeira afim, passar vídeos, DVDs na comunidade evangélica chamando a atenção para o tema e promover debates e seminários periódicos.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, H. Sentidos da Sustentabilidade *Urbana*. In: ACSELRAD, H. (Org.). *A Duração das Cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. Rio de Janeiro: DP&A, pp. 27-55, 2001.

ACSELRAD, H.; LEROY, J.P. *Novas Premissas da Sustentabilidade Democrática*. Rio de Janeiro: FASE, 1999.

ALMEIDA, João Ferreira de. *A Bíblia Sagrada*, traduzida em português. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. 1094 p.

ALTMAN, I e CHEMERS, M. *Culture and Environment*. Monterey, CA: Brooks/Cole, 1980.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER Fernando. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais*. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1998. 203 p.

ARROYO, M. G. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BETTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã*. 1 ed. São Paulo: ASTE, 1967. 283 p.

BIHLMAYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 1964-1965. Três volumes. 632 p.

BOFF, Leonardo. *Nova era: a civilização planetária*. São Paulo: Ática, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas*. 2 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996. 258 p.

BOYD, H.H. *Christianity and the environment in the American public*. *Journal for the Scientific of Religion*, EUA, v. 38, n. 1, p. 36-44, mar. 1999.

BOYER, O. S. *Pequena Enciclopédia Bíblica*. 8 ed. Miami, Flórida, EUA: Vida, 1981. 672 p.

CALAZANS, Maria Julieta Costa; **NOVICKI**, Victor de Araújo; **MACCARIELLO**, Maria do Carmo Moreira Martins; **CASTRO**, Elza Maria Neffa Vieira de; **BARÃO**, Gilcilena. *Educação, Meio Ambiente e Parâmetros Curriculares – Estudo na Região do Médio Paraíba*. Rio de Janeiro: UERJ/CNPq (Projeto de Pesquisa). 1999.

CARSON, R. *The sense of wonder*. Berkeley: The Nature Company, 1990.

CASTILLO, M. *Padrón Cooperación al Desarrollo y Movimiento popular: las asociaciones privadas de desarrollo*. Lima, Centro de Estudios y Promoción del Desarrollo, 1982.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO: A AGENDA 21, Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1996. 585 p.

DALY, H. *The steady-state economy*. Londres: Andre Deutsch Limited, 1991.

DALY, H. *Steady-state and growth concepts for the next generation*. Em F. Archibugi & P. Nijkamp (Eds.), *Economy and ecology: Towards sustainable development* (p. 73-87). Dordrecht, The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1989.

DEKKER, P. *Religion, culture and environmental concern: an empirical cross-national analysis*. Social Compass, Reino Unido, v. 44, n. 3, p. 443-458, 1997.

DEWEY, J. *Democracy and education*. Nova York: The Free Press, 1966.

DIAMOND, Jared. *Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*. 1ª

ed. São Paulo: Record Ed, 2005. 686 p.

DIAS, g. *Os Quinze Anos da Educação Ambiental no Brasil: um depoimento*. In: Em Aberto. Brasília: v.10, n.49, jan/mar. 1991.

DOIMO, ^a M. “*Movimento Popular no Brasil Pós-70: formação de um campo ético-político*”. Ao Paulo: USP, tese de doutoramento. 1993.

FERREIRA, Damy. *Ecologia na Bíblia*. 1 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1992. 208 p.

FILHO, João A. de Souza. *Ecologia à Luz da Bíblia*. 1 ed. Miami, Flórida, EUA: Vida, 1992. 94 p. São Paulo: Cultrix/ Amaná-Key, 1999.

FOLADORI, Guillermo. *Limites do Desenvolvimento Sustentável*. Campinas, SP: Unicamp, 2001.

FÓRUM DE ONGs BRASILEIRAS, preparatório para a Conferência da Sociedade Civil sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento: Uma Visão das ONGs e dos Movimentos Sociais Brasileiros. Rio de Janeiro. Fórum de ONGs brasileiras, 1992.

FRAGALE, Roberto Filho; **ALVIM**, Joaquim Leonel de Resende; **SOARES**, Tatiana Alves; **OLIVEIRA**, Danielle Fernandes de. *O Vínculo Empregatício dos Pastores Evangélicos*. Revista Confluências, Niterói: PPGSD, UFF, nº 0, Abril de 2004. p. 32 - 33.

GRÜN, Mauro. *Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária*. 3ª ed. São Paulo: Papirus, 1996. 120 p.

GUIMARÃES, m. *Educação Ambiental: no consenso um embate?* São Paulo: Papirus. 2000.

GUSTAFSON, James. *Ethics from a Theocentric Perspective*. Chicaco, EUA: University of Chicaco Press, 1981. 272 p.

HABERMAS, J. “*New Social Movements*”. *Telos*, n.49, Fall 1981. pp 33-38.

HARDIN, Garret. *Ecology and the Death of Providence*. Germani: Zygon, 1980. 57 p.

HAYEK, F. *O Caminho da Servidão*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1987.

HAWKEN, P, LOVINS, A; LOVINS, L. H. *Capitalismo Natural: criando a próxima revolução industrial*. São Paulo: Cultrix / Amaná-Key, 1999.

HERCULANO, Selene C. *ONGs e Movimentos Sociais: a questão de novos sujeitos políticos para a sustentabilidade*. Niterói: PGCA, UFF, Meio Ambiente: questões conceituais. 2000.

JACOB, Cesar Romero; **HEES**, Dora Rodrigues; **WANIEZ**, Philippe; **BRUSTLEIN**, Violette. *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*. 1 ed. São Paulo: PUC-Rio, 2003. 240 p.

KILPATRICK, W. H. *Education for a changing civilization*. Nova York: Macmillan, 1927.

KLUCKHOHN, clyde. *Antropologia – Um espelho para o homem*. 1 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1963. 171 p.

LANDIM, L. *Sem Fins Lucrativos – as Organizações Não-Governamentais no Brasil*. Rio de Janeiro: ISER, 1998.

LEIS, Héctor R. “*Ecologia e Soberania na Antártica ou o Papel da Questão Ambiental como Agente Transformador da Ordem Internacional*. *Ecologia e Política Mundial*”.

Héctor leis (org.). Petrópolis: Vozes Ed. FASE/Airi-PUC-Rio, pp 51-64.

LÉONARD, E. *O Protestantismo Brasileiro: Estudo de Eclesiologia e de História Social*.
1 ed. São Paulo: 1963. 238 p.

LOUREIRO, C. F. B. *Teoria Social e Questão Ambiental: pressupostos para uma práxis crítica em Educação Ambiental*. In: LOUREIRO, C. F. B., LAYRARGUES, P. P. & CASTRO, R. S(Orgs.) *Sociedade e Meio Ambiente: a Educação Ambiental em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.

MARX, Karl Engels F. *A história dos homens*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1993. 592 p.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAZOTTI, Tarso B. *Uma Crítica da Ética Ambientalista*. In: CHASSOT, Atico & OLIVEIRA, Renato José de. *Ciência, ética e cultura na educação*. São Leopoldo (RS): USISINOS, 1998. p. 231-249.

MILLER, G. Tyler Jr. *Living in the Environment*. 7 ed. Belmont, CA: Wadsworth, 1992. 467 p.

MILLER, J.P. *The holistic curriculum*. Toronto: OISE Press, 1988.

MILLER, R. *What are schools for? Holistic education in American culture*. Brandon, VT: Holistic Education Press: 1990.

MILLER, R. *Defining a common vision: The holistic movement in the U.S.* Nova York: Orbit, 1992.

MUNDO E VIDA, ALTERNATIVAS EM ESTUDOS AMBIENTAIS, Niterói: PGCA, UFF,

Ano 1, Vol.1, p. 7-13, jan./dez. 2000.

MUSA, Inês Cristiane; **OLIVEIRA**, Lílian Blank de, **VIEIRA**, Rafaela. *Educação Ambiental e Religião: Percepções e Perspectivas a Partir das Denominações Religiosas Cristãs da Sub-Bacia do Ribeirão Araranguá em Blumenau/SC*. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, FUFGR, Volume 16, janeiro a junho de 2006.

NOSSO FUTURO COMUM, Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988. xviii, 430 p.

NOVICKI, Vitor; **DELUIZ**, Neise; *Trabalho, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável: implicações para uma proposta crítica de educação ambiental*. In: 27ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Caxambu. Sociedade, Democracia e Educação: qual Universidade?, 2004.

NOVICKI, Vitor; **MACCARIELLO**, Maria do Carmo M. M. *Educação Ambiental no Ensino Fundamental: as representações sociais dos profissionais da Educação*. In: 25ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Caxambu: ANPED, 2002.

ONORATI, ^a “*ONGs e a Cooperação Internacional: o mar de histórias ou o império do bla-bla-blá*”. I Encontro Internacional de ONGs e Agências do Sistema da ONU. Rio de Janeiro, Ibase et alli, 1991, mimeo.

PEARSALL, Paul. *Memórias das Células: estabelecendo um contato com a sabedoria e*

o poder da energia do coração. 1ed. São Paulo: Mercuryo, 1999. 389 p.

RAMOS, Jovelino Pereira. *Protestantismo Brasileiro: Visão Panorâmica*, em “Paz e Terra”, nº 6, abril de 1968. p. 73 a 94.

REGO, Tereza Cristina. *Vygotsky: Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação*. 1 ed. São Paulo: Vozes, 1999. 198 p.

RICKLEFS, Robert E. *A Economia da Natureza*. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1996. p.116.

SCHAEFFER, Francis. *Poluição e a morte do homem: uma perspectiva cristã da ecologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. 139 p.

SCHULTZ, P. W. *A multinational perspective on the relation between judeo-christian religious beliefs and attitudes of environmental concern*. Environment and Behavior, EUA, v. 32, n. 4, p. 576-591, julho 2000.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília, 1998, p. 29 a 31.

SHEPARD. P. “A post-historic primitivism”. In: OELSCHLAEGER (org.) *The wilderness condition: Essays on environment and civilization*. WASHINGTON: Island Press, 1992. James.

SMITH, ADAM. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo (Col. “Os economistas”): Abril Cultural, 1983.

SOUZA, H. “As ONGs na Década de 90”. Comunicações do ISER, ano 10, n.41. Rio de Janeiro: ISER, 1991.

SWIMME, B e BERRY, T. *The universe story: From the primordial flaring forth to the Ecozoic era – a celebration of the unfolding of the cosmos.* São Francisco: Harper Collins, 1992.

TARAKESHWAR, N. *The sanctification of nature and theological conservatism: a study of opposing religious of environmentalism.* Review of Religious Research, Ohio, v. 42, n. 4, p. 387-404, 2001.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das Idéias Religiosas no Brasil: A Igreja e a Sociedade Brasileira.* 1 ed. São Paulo: USP, 1968. 198 p.

VAN DYKE, Fred; MAHAN, David C.; SELDOM, Joseph K.; BRAND, Raymond H. A. *Criação Redimida.* 1ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1999. 271 p.

VIEZZER, M. L. & OVALLES, (Orgs.). Manual Latino-americano de Educação Ambiental. São Paulo: Gaia, 1995.

VYGOTSKY, Lev S. *A Formação Social da Mente.* 1 ed. São Paulo: Ed Martins Fontes, 1898. 192 p.

WALDMAN, M. *Ecologia e Lutas Sociais.* 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.

WALKER, W. *História da Igreja Cristã.* 1 ed. São Paulo: ASTE, 1967. 182 p.

WREGGE, Rachel Silveira. *As Igrejas Neopentecostais: Educação e Doutrinação.* Campinas, 2001. 135 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

XAVIER, H. *Percepção geográfica dos deslizamentos de encostas em áreas de risco no município de Belo Horizonte.* Tese de Doutorado em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1996, 222f.

- ANEXOS -

ANEXO 1

ROTEIRO DO FORMULÁRIO APLICADO AOS PASTORES DA IGREJA

FORMULÁRIO APLICADO AO PASTOR DA IGREJA

(1) Onde nasceu e há quanto tempo mora em Niterói? _____

(2) Qual o seu grau de escolaridade? Fez algum curso universitário, que não o de formação pastoral? Caso positivo, de que maneira esse curso o auxilia nas pregações?

(3) Teve formação pastoral em seminário? Se teve, qual o seminário? Se não teve formação, qual a credencial dada pela denominação religiosa para assumir o ministério pastoral?

(4) Há quanto tempo é pastor(a) da igreja? _____

(5) Tem outra atividade profissional? Se tiver, qual atividade? Essa atividade o(a) auxilia nas suas mensagens?

(6) Onde mora? _____ Quantos membros têm a família? _____ Mora em casa ou apartamento? _____ Tem área de lazer? _____ Tem jardim? _____ Tem ligação de esgoto com a rede pública? _____ Como é descartado o lixo de sua casa? _____ Tem água tratada? _____ Limpa a caixa d'água regularmente? _____ Tem plantas frutíferas? _____ Tem animais? _____ São vacinados? _____ Tem algum animal da região em cativeiro? _____ Consome animais da região? _____

(7) O que valoriza mais nas mensagens de outros pastores ministradas no púlpito e na escola dominical? O que valoriza mais no ser humano: a alma, o espírito ou o corpo? Cite alguns trechos bíblicos que mais gosta.

(8) Vota em candidatos evangélicos? Se vota, o seu candidato tem propostas para a preservação do meio ambiente? _____

(9) Conhece a fauna e a flora da região? Percebeu o desaparecimento de plantas e animais da região nos últimos anos? _____

(10) Dê sua opinião sobre a diminuição do espelho d'água da Lagoa de Piratininga.

(11) Das palavras abaixo assinale aquelas que conhece o significado:

- | | | |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Buganvília | <input type="checkbox"/> Meio ambiente | <input type="checkbox"/> Reciclagem de lixo |
| <input type="checkbox"/> Bromélia | <input type="checkbox"/> Poluição sonora | <input type="checkbox"/> Radioatividade |
| <input type="checkbox"/> Pau Brasil | <input type="checkbox"/> Fotossíntese | <input type="checkbox"/> Biotecnologia |
| <input type="checkbox"/> Guaiamu | <input type="checkbox"/> Explosão populacional | <input type="checkbox"/> Agenda 21 |
| <input type="checkbox"/> H ₂ O | <input type="checkbox"/> Devastação das florestas | <input type="checkbox"/> Biodiversidade |
| <input type="checkbox"/> Oxigênio | <input type="checkbox"/> Destruição dos habitats | <input type="checkbox"/> Desenvolvimento Sustentável |
| <input type="checkbox"/> Gás carbônico | <input type="checkbox"/> Extinção de espécies | <input type="checkbox"/> Consumo sustentável |
| <input type="checkbox"/> CFC | <input type="checkbox"/> Camada de ozônio | <input type="checkbox"/> Ecologia |
| <input type="checkbox"/> Césio-137 | <input type="checkbox"/> Aquecimento global | <input type="checkbox"/> Ecossistema |
| <input type="checkbox"/> Poluição | <input type="checkbox"/> Efeito estufa | <input type="checkbox"/> Metais pesados |
| <input type="checkbox"/> PET | <input type="checkbox"/> Agrotóxico | <input type="checkbox"/> DNA |

(12) Se conhece algumas das palavras acima, recebeu essa informação de que fonte(s)?

- Seminário Escola Bíblica Dominical TV Rádio Revista Cinema
 Internet Família Jornal Escola Amigos Outros

(13) O(A) Sr. (a) acha que falar sobre preservação do meio ambiente dentro da igreja causa alguma transformação nos hábitos dos membros? Por quê?

ANEXO 2

FORMULÁRIO DIAGNÓSTICO APLICADO AOS MEMBROS DA IGREJA

FORMULÁRIO DIAGNÓSTICO APLICADO AOS MEMBROS DA IGREJA

- (1) Onde nasceu e há quanto tempo mora em Niterói? _____
- (2) Qual o seu grau de escolaridade? _____
- (3) Onde mora? _____ Quantos membros têm a família? ____ Mora em casa ou apartamento? _____ Tem área de lazer? _____ Tem jardim? _____ Tem ligação de esgoto com a rede pública? _____ Como é descartado o lixo de sua casa? _____ Tem água tratada? _____ Limpa a caixa d'água regularmente? _____ Tem plantas frutíferas? _____ Tem animais? _____ São vacinados? _____ Tem algum animal da região em cativeiro? _____ Consome animais da região? _____
- (4) Há quanto tempo frequenta cultos na igreja? _____
- (5) Que tipo de mensagem o pastor da sua igreja costuma ministrar? Mensagens de esperança, fé, conscientização, exortação, histórica, positivas, negativas, etc. _____
- (6) O que entende sobre meio ambiente? Acha que meio ambiente só pode ser conceituado fora das cidades? _____

- (7) Visita regularmente outras igrejas? Caso positivo qual? _____
- (8) Você tem participado de movimentos de preservação da lagoa de Piratininga? Estes movimentos estão vinculados à sua igreja? _____
- (9) Vota em candidatos evangélicos? Se vota, o seu candidato tem propostas para a preservação do meio ambiente? _____
- (10) Tem participado de programas de reciclagem de lixo? Se positivo, qual? _____

- (11) A mata, para você, é um ambiente de repouso e introspecção para a busca de Deus ou isto só pode ser buscado na igreja? _____

(12) Você gosta de caminhar na mata, ou os insetos e a lama são algo que te incomodam?

(13) Na sua casa você prefere ter grandes árvores que sujam as calçadas de folhas e frutas ou que destroem o calçamento com suas raízes ou prefere um ambiente bem asfaltado, sem lama, nem sujeira, nem insetos? _____

(14) Associe as palavras abaixo com os seus significados e dê a fonte onde recebeu a informação. Use

ANEXO 3

FORMULÁRIO DIAGNÓSTICO APLICADO AOS NÃO-MEMBROS

FORMULÁRIO DIAGNÓSTICO APLICADO AOS NÃO-MEMBROS DA IGREJA

- (1) Onde nasceu e há quanto tempo mora em Niterói? _____
- (2) Qual o seu grau de escolaridade? _____
- (3) Onde mora? _____ Quantos membros têm a família? _____ Mora em casa ou apartamento? _____ Tem área de lazer? _____ Tem jardim? _____ Tem ligação de esgoto com a rede pública? _____ Como é descartado o lixo de sua casa? _____ Tem água tratada? _____ Limpa a caixa d'água regularmente? _____ Tem plantas frutíferas? _____ Tem animais? _____ São vacinados? _____ Tem algum animal da região em cativeiro? _____ Consome animais da região? _____
- (4) Tem algum vizinho de seu convívio que frequenta igreja evangélica? _____
- (5) O que entende sobre meio ambiente? Acha que meio ambiente só pode ser conceituado fora das cidades? _____

- (6) Você tem participado de movimentos de preservação da lagoa de Piratininga? _____
- (7) Vota em candidatos evangélicos? Se vota, o seu candidato tem propostas para a preservação do meio ambiente? _____
- (8) Você tem participado de programas de reciclagem de lixo? Caso positivo qual? _____
- (9) A mata para você é um ambiente de repouso e introspecção para busca de Deus ou isto só pode ser buscado em uma igreja? _____
- (10) Você gosta de caminhar na mata, ou os insetos e a lama são algo que o incomodam? _____
- (11) Na sua casa você prefere ter grandes árvores que sujam as calçadas de folhas e frutas ou que destroem o calçamento com suas raízes ou prefere um ambiente bem asfaltado, sem lama, nem sujeira, nem insetos? _____

(12) Associe as palavras abaixo com os seus significados e dê a fonte onde recebeu a informação. Use **(TV)** para televisão, **(JO)** para jornal, **(RA)** para rádio, **(RE)** para revista, **(CI)** para cinema, **(ES)** para escola, **(FA)** para família, **(AM)** para amigo e **(OU)** para outros.

CONCEITO	FONTE	PALAVRA ASSOCIADA
1. Buganvília	01-()	() Principal gás responsável pelo aquecimento global.
2. Bromélia	02-()	() Documento que contém projetos de preservação do meio ambiente para o século XXI.
3. Pau Brasil	03-()	() Aquecimento global do planeta.
4. Guaiamu	04-()	() Garrafa de polietileno.
5. H ₂ O	05-()	() Ácido desoxirribonucléico.
6. Oxigênio	06-()	() Elemento radioativo.
7. Gás carbônico	07-()	() Gás contido na atmosfera.
8. CFC	08-()	() Líquido essencial à vida.
9. Césio-137	09-()	() Crescimento descontrolado da população.
10. Poluição	10-()	() Realizada somente pelos organismos com clorofila.
11. PET	11-()	() Satisfação das necessidades atual sem comprometer as necessidades futuras.
12. Meio ambiente	12-()	() Crustáceo.
13. Poluição sonora	13-()	() Emissão de radiação.
14. Fotossíntese	14-()	() Planta.
15. Explosão populacional	15-()	() Árvore espinhosa.
16. Devastação das florestas	16-()	() Gás que destrói a camada de ozônio.
17. Destruição de habitats	17-()	() Degradação do meio ambiente.
18. Camada de ozônio	18-()	() Tudo o que nos cerca.
19. Efeito estufa	19 ()	() Transferência de genes.
20. Agrotóxico	20-()	() Variedade de espécies.
21. Reciclagem de lixo	21-()	() Corte ou queima de árvores.
22. Radioatividade	22-()	() Árvore.
23. Biotecnologia	23-()	() Ruído excessivo.
24. Agenda 21	24-()	() Extinção das espécies.
25. Desenvolvimento sustentável	25-()	() Filtro natural da radiação ultravioleta.
26. Ecologia	26-()	() Combate às pragas das plantações.
27. Ecossistema	27-()	() Recuperação de materiais que compõe o lixo.
28. Metais pesados	28-()	() É a ciência que estuda as relações dos seres vivos entre si e deles com o meio ambiente.
29. Biodiversidade	29-()	() É o conjunto dos elementos vivos e não-vivos do ambiente que se relacionam entre si.
30. DNA	30-()	() Metais tóxicos.

ANEXO 4

TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS DO FORMULÁRIO APLICADO AOS PASTORES

4.1) Pastor Cláudio Paranhos Barrozo:

1) Onde nasceu e há quanto tempo mora em Niterói? Nova Friburgo, 17 anos.

2) Qual o seu grau de escolaridade? Fez algum curso universitário que não o de formação pastoral? Caso positivo, de que maneira esse curso o auxilia nas pregações? Superior. Não fiz nenhum outro curso universitário.

3) Teve formação pastoral em seminário? Se teve, qual o seminário? Se não teve formação, qual a credencial dada pela denominação religiosa para assumir o ministério pastoral? Sim. Seminário Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro.

4) Há quanto tempo é pastor da igreja? 6 anos.

5) Tem outra atividade profissional? Se tiver, qual atividade? Essa atividade o auxilia nas mensagens? Não.

6.1) Onde mora? Itaipu.

6.2) Quantos membros têm a família? 4 membros.

6.3) Mora em casa ou apartamento? Casa.

6.4) Tem área de lazer? Sim.

6.5) Tem jardim? Sim.

6.6) Tem ligação de esgoto com a rede pública? Sim.

6.7) Como é descartado o lixo em sua casa? Seletivo.

6.8) Tem água tratada? Sim.

6.9) Limpa a caixa d'água regularmente? Não.

6.10) Tem plantas frutíferas? Sim.

6.11) Tem animais? Não.

6.12) São vacinados? Não tem animais.

6.13) Tem algum animal da região em cativeiro? Não.

6.14) Consome animais da região? Não.

7) O que valoriza mais nas mensagens de outros pastores ministradas no púlpito e na escola dominical? O que valoriza mais no ser humano: a alma, o espírito ou o corpo? Cite alguns trechos bíblicos que mais gosta.

O que mais me chama a atenção é a reflexão sobre a existência humana. A forma sábia, inteligente e proveitosa de viver a vida. Esse assunto é de profundidade espiritual.

8) Vota em candidatos evangélicos? Se vota, o seu candidato tem propostas para a preservação do meio ambiente? Não.

9) Conhece a fauna e a flora da região? Percebeu o desaparecimento de plantas e animais da região nos últimos anos? Mais ou menos. Não costumo prestar atenção.

10) Dê sua opinião sobre a diminuição do espelho d'água da Lagoa de Piratininga.

Acho que o fato se dá em função da má ocupação da área. A favelização cresce "desorganizadamente". Assim, lixos e entulhos são depositados às margens da lagoa.

11) De 33 palavras relacionadas ao meio ambiente o Pastor conhecia 25, o que dá uma porcentagem de acerto de 75,75%.

12) O pastor adquiriu o conhecimento das palavras da questão 11 através da Televisão, revistas, internet, jornal, escola e amigos.

13) O Sr. Acha que falar sobre preservação do meio ambiente dentro da igreja causa alguma transformação nos hábitos dos membros? Por quê?

Sim, porque toda transformação é fruto de uma consciência que se toma. Quando se toma conhecimento de algo, então há toda possibilidade de acontecer

alguma transformação, em específico nos hábitos.

4.2) Pastor Alex de Oliveira Rangel:

1) Onde nasceu e há quanto tempo mora em Niterói? Rio de Janeiro, 33 anos.

2) Qual o seu grau de escolaridade? Fez algum curso universitário que não o de formação pastoral? Caso positivo, de que maneira esse curso o auxilia nas pregações?

Além de Teologia fiz o curso superior de musicoterapia. Ampliando a visão do mundo e da psique humana..

3) Teve formação pastoral em seminário? Se teve, qual o seminário? Se não teve formação, qual a credencial dada pela denominação religiosa para assumir o ministério pastoral? Sim. Seminário Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro.

4) Há quanto tempo é pastor da igreja? 5 anos.

5) Tem outra atividade profissional? Se tiver, qual atividade? Essa atividade o auxilia nas mensagens? Consultório Psicoterápico. Experiências terapêuticas

6.1) Onde mora? Engenho do Mato.

6.2) Quantos membros têm a família? 2 membros.

6.3) Mora em casa ou apartamento? Casa.

6.4) Tem área de lazer? Sim.

6.5) Tem jardim? Sim.

6.6) Tem ligação de esgoto com a rede pública? Não.

6.7) Como é descartado o lixo em sua casa? Coleta seletiva.

6.8) Tem água tratada? Sim.

6.9) Limpa a caixa d'água regularmente? Sim.

6.10) Tem plantas frutíferas? Não.

6.11) Tem animais? Sim.

6.12) São vacinados? Sim.

6.13) Tem algum animal da região em cativeiro? Não.

6.14) Consome animais da região? Não.

7) O que valoriza mais nas mensagens de outros pastores ministradas no púlpito e na escola dominical? O que valoriza mais no ser humano: a alma, o espírito eu o corpo? Cite alguns trechos bíblicos que mais gosta.

Valorizo uma palavra bíblica, com ênfase no aprofundamento de pesquisa contextual. Valorizo uma palavra natural que fuja ao estereótipo do discurso. O ser humano é um todo e deve ser tratado como tal. Isaías 6:1; Lucas 9:23; Apocalipse 12:11 e Apocalipse 21.

8) Vota em candidatos evangélicos? Se vota, o seu candidato tem propostas para a preservação do meio ambiente? Não. Escolho candidatos por suas propostas gerais.

9) Conhece a fauna e a flora da região? Percebeu o desaparecimento de plantas e animais da região nos últimos anos? Já percebo a diminuição da fauna.

10) Dê sua opinião sobre a diminuição do espelho d'água da Lagoa de Piratininga.

A cidade de Niterói é, infelizmente, governada pelos construtores. Há décadas a lagoa foi loteada e vendida. A única solução é o cumprimento do "PUR", e pelo Ministério Público a fiscalização e punição dos infratores.

11) De 33 palavras relacionadas ao meio ambiente o Pastor conhecia 31, o que dá uma porcentagem de acerto de 93,93%.

12) O pastor adquiriu o conhecimento das palavras da questão 11 através da Televisão, revistas, internet, jornal, escola e amigos.

13) O Sr. Acha que falar sobre preservação do meio ambiente dentro da igreja causa alguma transformação nos hábitos dos membros? Por quê?

Sim. A falta de cultura é determinante na ausência de uma postura pessoal e social de combate a degradação do meio ambiente. Além de resgatar a noção da preservação da criação, pela palavra, é preciso desenvolver projetos de preservação e conscientização.

4.3) Pastor Henrique Callado:

1) Onde nasceu e há quanto tempo mora em Niterói? Niterói, 40 anos.

2) Qual o seu grau de escolaridade? Fez algum curso universitário que não o de formação pastoral? Caso positivo, de que maneira esse curso o auxilia nas pregações? Pós-graduação em Engenharia. Toda a vivência secular forma o background da mensagem.

3) Teve formação pastoral em seminário? Se teve, qual o seminário? Se não teve formação, qual a credencial dada pela denominação religiosa para assumir o ministério pastoral? Sim. Seminário Escola de Pastores.

4) Há quanto tempo é pastor da igreja? 8 anos.

5) Tem outra atividade profissional? Se tiver, qual atividade? Essa atividade o auxilia nas mensagens? Não.

6.1) Onde mora? Rio de Janeiro.

6.2) Quantos membros têm a família? 5 membros.

6.3) Mora em casa ou apartamento? Casa.

6.4) Tem área de lazer? Sim.

6.5) Tem jardim? Sim.

6.6) Tem ligação de esgoto com a rede pública? Não.

6.7) Como é descartado o lixo em sua casa? Não seletivo.

6.8) Tem água tratada? Sim.

6.9) Limpa a caixa d'água regularmente? Sim.

6.10) Tem plantas frutíferas? Sim.

6.11) Tem animais? Não.

6.12) São vacinados? Não tem animais.

6.13) Tem algum animal da região em cativeiro? Não.

6.14) Consome animais da região? Não.

7) O que valoriza mais nas mensagens de outros pastores ministradas no púlpito e na escola dominical? O que valoriza mais no ser humano: a alma, o espírito eu o corpo? Cite alguns trechos bíblicos que mais gosta.

A unção. Alma e espírito são a mesma coisa. Jó 3:16; Sl 23 e Rute.

8) Vota em candidatos evangélicos? Se vota, o seu candidato tem propostas para a preservação do meio ambiente? Não.

9) Conhece a fauna e a flora da região? Percebeu o desaparecimento de plantas e animais da região nos últimos anos? Não e sim.

10) Dê sua opinião sobre a diminuição do espelho d'água da Lagoa de Piratininga.

Lamentável. Deveria haver um trabalho sério para recuperação da lagoa e suas margens.

11) De 33 palavras relacionadas ao meio ambiente o Pastor conhecia 31, o que dá uma

porcentagem de acerto de 93,93%.

12) O pastor adquiriu o conhecimento das palavras da questão 11 através de revistas, internet, família, jornal, escola e amigos.

13) O Sr. Acha que falar sobre preservação do meio ambiente dentro da igreja causa alguma transformação nos hábitos dos membros? Por quê?

Certamente, pois traria essa necessidade à memória das pessoas.

ANEXO 5

**TRANSCRIÇÃO DOS DADOS GERADOS PELOS FORMULÁRIOS APLICADOS AOS
MEMBROS DA IGREJA**

1) Onde nasceu e há quanto tempo mora em Niterói? 18 pessoas nasceram em São Gonçalo (RJ) e moram aqui há 2, 12, 14, 3, 15, 45, 15, 16, 16, 16, 15, 5, 26, 16, 13, 18, 19 e 23 anos; 12 pessoas nasceram em Niterói (RJ) e moram aqui há 44, 18, 7, 16, 16, 16, 16, 5, 17, 48, 41 e 36 anos; 4 pessoas nasceram no Rio de Janeiro (RJ) e moram aqui há 2, 17, 15 e 15 anos; 3 pessoas nasceram em Vitória (ES) e moram aqui há 12, 30 e 42 anos; 2 pessoas nasceram em Belo Horizonte (MG) e moram aqui há 4 meses e 50 anos; 1 pessoa nasceu em Miracema (RJ) e mora aqui há 8 anos; 1 pessoa nasceu em Marica (RJ) e mora aqui há 2 anos; 1 pessoa nasceu em Curitiba (PR) e mora aqui há 2 anos; 1 pessoa nasceu em Araruama (RJ) e mora aqui há 43 anos; 1 pessoa nasceu em Timbaúba (SP) e mora aqui há 8 anos; 1 pessoa nasceu em Coimbra (MG) e mora aqui há 13 anos; 1 pessoa nasceu em Recife (PE) e mora aqui há 15 anos; 1 pessoa nasceu em Trajano de Moraes (RJ) e mora aqui há 30 anos; 1 pessoa nasceu em São Fidélis (RJ) e mora aqui há 60 anos e duas pessoas não responderam.

2) Qual o seu grau de escolaridade? 1 pessoa tem doutorado completo; 1 pessoa tem mestrado completo; 5 pessoas têm ensino superior completo; 26 pessoas têm o 3º ano do ensino médio; 8 pessoas têm o 2º ano do ensino médio; 2 pessoas têm o 1º ano do ensino médio; 3 pessoas têm a 8ª série do ensino fundamental; 1 pessoa tem a 7ª série do ensino fundamental; 1 pessoa têm a 5ª série do ensino fundamental e 2 pessoas têm a 4ª série do ensino fundamental.

3.1) Onde mora? 2 em Cambinhas, 2 em Itaipu e 46 em Piratininga.

3.2) Quantos membros têm a família? 1 tem 1 membro; 5 tem 2 membros; 8 tem 3 membros; 26 tem 4 membros; 8 tem 5 membros e 2 tem 8 membros.

3.3) Mora em casa ou apartamento? Os 50 membros entrevistados moram em casa.

3.4) Tem área de lazer? 26 sim e 24 não.

3.5) Tem jardim? 24 sim e 26 não.

3.6) Tem ligação de esgoto com a rede pública? 38 sim e 12 não.

3.7) Como é descartado o lixo em sua casa? 46 não seletivo, 4 seletivo.

3.8) Tem água tratada? 48 sim e 2 não.

3.9) Limpa a caixa d'água regularmente? 41 sim e 9 não.

3.10) Tem plantas frutíferas? 26 sim e 24 não.

3.11) Tem animais? 36 sim e 14 não.

3.12) São vacinados? 32 sim, 4 não e 14 não tem animais.

3.13) Tem algum animal da região em cativeiro? 2 sim, 48 não.

3.14) Consome animais da região? 6 sim e 44 não.

4) Há quanto tempo frequenta cultos na igreja?

Tabela 01 – Tempo de freqüência dos membros na igreja

Entrevistado	Tempo de freqüência
(1)	11 anos
(2)	2 anos
(3)	4 anos
(4)	2 anos
(5)	2 meses
(6)	15 anos
(7)	10 anos
(8)	3 meses
(9)	3 anos
(10)	4 anos
(11)	5 meses
(12)	15 anos
(13)	8 anos
(14)	2 anos
(15)	1 semana
(16)	16 anos
(17)	16 anos
(18)	2 meses
(19)	4 anos
(20)	18 meses
(21)	15 anos

(22)	8 anos
(23)	7 anos
(24)	5 anos
(25)	12 anos
(26)	14 anos
(27)	4 anos
(28)	3 anos
(29)	3 anos
(30)	3 anos
(31)	13 anos
(32)	16 anos
(33)	32 anos
(34)	60 anos
(35)	6 anos
(36)	18 anos
(37)	10 anos
(38)	7 anos
(39)	42 anos
(40)	50 anos
(41)	63 anos
(42)	25 anos
(43)	20 anos
(44)	12 anos

(45)	41 anos
(46)	1 mês
(47)	25 anos
(48)	8 anos
(49)	1 ano
(50)	50 anos

5) Que tipo de mensagem o pastor da sua igreja costuma ministrar? Mensagens de esperança, fé, conscientização, exortação, histórica, positivas, negativas, etc.

Numerando os entrevistados de 1 até 50 tivemos as seguintes respostas:

- 1) Negativa;
- 2) Fé;
- 3) Várias;
- 4) Várias;
- 5) Conscientização e fé;
- 6) Fé;
- 7) Esperança e fé;
- 8) esperança;
- 9) Conscientização e fé;
- 10) Esperança, histórica e positiva;
- 11) Exortação;
- 12) Esperança e perdão;
- 13) Várias;

- 14) Conscientização, esperança e fé;
- 15) Esperança;
- 16) Esperança e fé;
- 17) Várias;
- 18) Esperança, conscientização, histórica e positiva;
- 19) Fé e positiva;
- 20) Várias
- 21) Várias;
- 22) Histórica, positiva e fé;
- 23) Várias;
- 24) Várias;
- 25) Esperança, conscientização e fé;
- 26) Esperança, conscientização e fé;
- 27) Esperança, conscientização e fé;
- 28) Fé;
- 29) Histórica, esperança e fé;
- 30) Várias;
- 31) Esperança e fé;
- 32) Fé;
- 33) Fé;
- 34) Várias;
- 35) Exortação e fé;
- 36) Várias;

- 37) Várias;
- 38) Salvação;
- 39) Positiva;
- 40) Salvação e fé;
- 41) Várias;
- 42) Várias;
- 43) Evangelho;
- 44) Esperança;
- 45) Várias;
- 46) Várias;
- 47) Fé, vitória, poder de Deus, amor e exortação;
- 48) Várias;
- 49) Esperança e fé;

- 5) Devemos preservá-lo o máximo possível;
- 6) É o mais importante de nossa vida perante a natureza. Não pode ser fora da cidade;
- 7) Não respondeu;
- 8) Não respondeu;
- 9) É necessário para nossas vidas;
- 10) É tudo o que está ao nosso redor. Animais, plantas, etc;
- 11) Não respondeu;
- 12) É o local onde todos vivem. Sem ele ninguém sobrevive;
- 13) É o local onde vivemos;
- 14) Habitat onde vivemos;
- 15) É lugar limpo e consciente e possível de habitar seguramente. Pode ser vários lugares;
- 16) Pode ser conceituado na escola;
- 17) É tudo o que faz parte da natureza e ele pode ser conceituado dentro das cidades;
- 18) É o lugar que nós vivemos;
- 19) Não muita coisa;
- 20) É muito importante para a nossa sociedade;
- 21) Não respondeu;
- 22) Não respondeu;
- 23) Todo espaço que é e que pode ser utilizado pelo homem;
- 24) Tudo o que está presente na natureza;
- 25) As plantas, os animais, etc;
- 26) É jardim, árvores, lazer, etc;

- 27) Não respondeu;
- 28) Temos que preservar. É a ciência que estuda a relação dos seres vivos;
- 29) Deve ser conceituado nas escolas;
- 30) Não entendo nada;
- 31) Habitat dos seres vivos que devem ser cuidados;
- 32) É o meio onde nós vivemos;
- 33) Não sei nada;
- 34) Não jogar lixo no rio, nem nas ruas, nem fazer queimadas. Tudo é poluição;
- 35) Não sei nada;
- 36) Não respondeu;
- 37) É a preservação da natureza;
- 38) Não sei;
- 39) Conscientização, que dependendo do meio em que vivemos. Dependemos de tudo o que nos cerca;
- 40) Lugar limpo e saudável;
- 41) Todo o ambiente onde vivemos. Acho que podemos criar meio ambiente muito agradável mesmo na cidade;
- 42) Envolve tudo. Coleta de lixo, urbanização das ruas, tratamento d'água, etc;
- 43) É onde estamos, local onde habitamos, trabalhamos, tudo o que está a nossa volta, inclusive a cidade;
- 44) É o conjunto dos elementos vivos e dos elementos não vivos do ambiente que se relacionam entre si;
- 45) É onde vivemos. Devemos tomar cuidado;

46) É o local onde vivemos como um todo. O planeta terra. Pode ser conceituado nas cidades;

47) É tudo o que nos rodeia em casa, no trabalho e fora dele;

48) É tudo o que nos cerca, da natureza ou não;

49) Não entendo;

50) Não entendo.

7) Visita regularmente outras igrejas? Caso positivo qual? 14 sim e 36 não. Dos que responderam sim 3 visitam assembléia de Deus, 2 igrejas evangélicas, 1 Igreja Fonte de Vida, 2 Batista, 1 presbiteriana e 5 não responderam.

8) Você tem participado de movimentos de preservação da Lagoa de Piratininga? Esses movimentos estão vinculados à sua igreja? 1 sim e 49 não.

9) Vota em candidatos evangélicos? Se vota, o seu candidato tem propostas para a preservação do meio ambiente? 11 sim, 33 não e 6 não responderam.

10) tem participado de programas de reciclagem de lixo? Se positivo, qual? 6 sim e 44 não.

11) A mata para você é um ambiente de repouso e introspecção para a busca de Deus ou isto só pode ser buscado em uma igreja? 41 sim, 6 não e 3 não responderam.

12) Você gosta de caminhar na mata, ou os insetos e a lama são algo que o incomodam? 22 sim, 22 não e 6 não responderam.

13) Na sua casa você prefere ter grandes árvores que sujam as calçadas de folhas e frutas ou que destroem o calçamento com suas raízes ou prefere um ambiente bem asfaltado, sem lama, nem sujeira, nem insetos? 19 sim, 18 não e 13 não

responderam.

14.1) Abaixo a tabulação do número de associações corretas das palavras com seus respectivos conceitos para cada pessoa entrevistada:

**Tabela 02 - Associações corretas das palavras com seus conceitos
(membros da Igreja)**

Entrevistado	Nº de associações corretas
(1)	24
(2)	27
(3)	22
(4)	23
(5)	30
(6)	26
(7)	17
(8)	11
(9)	10
(10)	13
(11)	12
(12)	10
(13)	9
(14)	10
(15)	18
(16)	26

(17)	17
(18)	27
(19)	15
(20)	6
(21)	17
(22)	20
(23)	8
(24)	2
(25)	18
(26)	4
(27)	12
(28)	4
(29)	16
(30)	9
(31)	15
(32)	11
(33)	0
(34)	22
(35)	29
(36)	18
(37)	1
(38)	7

(39)	11
(40)	7
(41)	26
(42)	24
(43)	24
(44)	22
(45)	23
(46)	22
(47)	21
(48)	28
(49)	16
(50)	13
TOTAL (1500 POSSÍVEIS)	803
PERCENTUAL	53,53

4.2) Abaixo a tabulação da associação das questões certas com a fonte onde adquiriu o conhecimento:

Tabela 03 - Associações dos significados das palavras com as origens dos conhecimentos (membros da igreja)

Entrevistado	TV	JO	RA	RE	CI	ES	FA	AM	OU	ED
(1)	4			4		12				
(2)	4			15					1	
(3)										
(4)	12					7			1	
(5)	10					13			3	
(6)	8					13			4	
(7)	6			1		10				
(8)				1		3			2	
(9)						3				
(10)	3					3				
(11)						3			1	
(12)	1					7			2	
(13)						7				1
(14)						7			1	
(15)	3					9		1	3	
(16)	6					11		4	4	
(17)	2					12		1	1	
(18)	5		1	3		14				2

(19)						5				
(20)						1				
(21)						8				
(22)						1				
(23)	2					6				
(24)										
(25)	2					14			1	
(26)										
(27)	2					2				
(28)	1					3				
(29)										
(30)	5					3				2
(31)	4					6				
(32)						6		1	1	
(33)										
(34)	1							12		
(35)	3					5			19	
(36)	3					1		2	5	
(37)						1				
(38)						6	1			
(39)	1	1				6	2	1		
(40)	3					2	1			
(41)	8			1		7			7	

(42)						1		3		
(43)						21				
(44)	5					12		2	1	
(45)										
(46)	4					15			1	
(47)	11					6				
(48)										
(49)										
(50)						1				
TOTAL DE509	119	1	1	25	0	269	4	27	58	5
PERCENTUAL	23,37	0,2	0,2	4,92	0	52,84	0,79	5,31	11,39	0,98

ANEXO 6

**TRANSCRIÇÃO DOS DADOS GERADOS PELOS FORMULÁRIOS APLICADOS AOS
NÃO-MEMBROS**

1) Onde nasceu e há quanto tempo mora em Niterói? 15 pessoas nasceram em Niterói (RJ) e moram aqui há 12, 18, 13, 38, 43, 8, 23, 66, 39, 30, 16, 12, 33, 47 e 21 anos; 8 pessoas nasceram no Rio de Janeiro (RJ) e moram aqui há 13, 12, 17, 28, 12, 33, 6 e 12 anos; 4 pessoas nasceram em São Gonçalo (RJ) e moram aqui há 35, 23, 26 e 4 anos; 3 pessoas nasceram em Campos (RJ) e moram aqui há 9, 4 e 45 anos; 3 pessoas nasceram em Vitória (ES) e moram aqui há 33, 36 e 37 anos; 2 pessoas nasceram em Belo Horizonte (MG) e moram aqui há 40 e 20 anos; 2 pessoas nasceram em Recife (PE) e moram aqui há 10 e 36 anos; 2 pessoas nasceram em João Pessoa (PB) e moram aqui há 3 e 16 anos; 1 pessoa nasceu em Itaperuna (RJ) e mora aqui há 22 anos; 1 pessoa nasceu em São Luis (MA) e mora aqui há 2 anos; 1 pessoa nasceu em Curitiba (PR) e mora aqui há 7 anos; 1 pessoa nasceu em São Mateus (ES) e mora aqui há 43 anos; 1 pessoa nasceu em Natal (RN) e mora aqui há 8 anos; 1 pessoa nasceu em Maringá (PR) e mora aqui há 32 anos; 1 pessoa nasceu em Angra dos Reis (RJ) e mora aqui há 11 anos; 1 pessoa nasceu em Itaboraí (RJ) e mora aqui há 7 anos; 1 pessoa nasceu em São Paulo (SP) e mora aqui há 10 anos, 1 pessoa nasceu em Patos (PB) e mora aqui há 10 anos e 1 pessoa nasceu em Lisboa (Portugal) e mora aqui há 42 anos.

2) Qual o seu grau de escolaridade? 2 pessoas têm ensino superior; 13 pessoas têm o 3º ano do ensino médio; 3 pessoas têm o 2º ano do ensino médio; 2 pessoas têm o 1º ano do ensino médio; 9 pessoas têm a 8ª série do ensino fundamental; 6 pessoas têm a 7ª série do ensino fundamental; 5 pessoas têm a 6ª série do ensino fundamental; 4 pessoas têm a 5ª série do ensino fundamental; 3 pessoas têm a 4ª série do ensino fundamental e 3 pessoas não freqüentaram escolas.

- 3.1) Onde mora?** Os 50 membros entrevistados moram em Piratininga, Niterói.
- 3.2) Quantos membros têm a família?** 2 têm 1 membro; 8 têm 2 membros; 5 têm 3 membros; 16 têm 4 membros; 7 têm 5 membros; 10 têm 6 membros 1 têm 7 membros e 1 tem 20 membros.
- 3.3) Mora em casa ou apartamento?** Os 50 membros entrevistados moram em casa.
- 3.4) Tem área de lazer?** 25 sim e 25 não.
- 3.5) Tem jardim?** 25 sim e 25 não.
- 3.6) Tem ligação de esgoto com a rede pública?** 35 sim e 15 não.
- 3.7) Como é descartado o lixo em sua casa?** 35 não seletivo, 7 seletivo e 8 não responderam
- 3.8) Tem água tratada?** 46 sim, 3 não e 1 não respondeu.
- 3.9) Limpa a caixa d'água regularmente?** 36 sim, 7 não, 4 não têm caixa d'água e 3 não responderam.
- 3.10) Tem plantas frutíferas?** 25 sim, 24 não e 1 não respondeu.
- 3.11) Tem animais?** 33 sim, 16 não e 1 não respondeu.
- 3.12) São vacinados?** 27 sim, 6 não, 13 não têm animais e 1 não respondeu.
- 3.13) Tem algum animal da região em cativeiro?** 6 sim, 41 não e 3 não responderam.
- 3.14) Consome animais da região?** 23 sim e 27 não.
- 4) Tem algum vizinho de seu convívio que frequenta igreja evangélica?** 45 sim e 5 não.
- 5) O que entende sobre meio ambiente. Acha que meio ambiente só pode ser conceituado fora da cidade?** Numerando os entrevistados de 1 até 50 tivemos as seguintes respostas:

- 1) Paisagem e limpeza;
- 2) Não sabe definir;
- 3) Não sabe definir;
- 4) É natureza limpa com muitos animais e vegetação. Pode ser conceituado na cidade;
- 5) Fora da cidade é melhor porque pode ser mais cuidado;
- 6) É tudo o que nos cerca;
- 7) É preservar plantas. Não poluir;
- 8) Não sabe definir;
- 9) Não sabe definir;
- 10) São as plantas, as ruas e a poluição;
- 11) Não sabe definir, porém trabalha há muitos anos na casa de uma pessoa ligada ao ambientalismo;
- 12) Fala sobre a natureza;
- 13) Poluição em geral;
- 14) Limpeza, rua tratada e lavada. Meio ambiente é tudo;
- 15) Não sabe definir;
- 16) Tudo o que nos cerca. Pode ser conceituado nas cidades;
- 17) Tudo o que nos cerca;
- 18) Mata fechada;
- 19) Está relacionado com árvore;
- 20) Ambiente em que se vive. Qualquer lugar;
- 21) Todo o sistema que integra a vida, desde a coisa crua até a degradação hoje. Pode definir na cidade;

- 22) Qualquer lugar em que se vive;
- 23) Qualquer lugar em que se vive;
- 24) Tudo o que nos cerca;
- 25) Ambiente saudável, conceituado dentro da cidade;
- 26) É o que tem plantação, árvores, plantas e animais;
- 27) É o local em que vivemos;
- 28) É limpeza. Pode conceituar na cidade;
- 29) É pantanal, Amazônia;
- 30) Ambiente natural de cada região;
- 31) Pode ser conceituado fora e dentro da cidade;
- 32) Existe meio ambiente na cidade na forma de reservas florestais, tais como: Floresta da Tijuca, Lagoa de Piratininga. Restingas (vegetação de praias), etc;
- 33) Dentro da comunidade também;
- 34) Não pode ser conceituado em qualquer lugar;
- 35) Todos devem se preocupar com ele, pois o nosso futuro tem a ver com o meio onde vivemos;
- 36) Na cidade também;
- 37) Em qualquer lugar;
- 38) Não sabe definir;
- 39) É a própria vida;
- 40) Devemos conservar e plantar mais, pois é necessário para que possamos respirar e viver melhor. Pode ser conceituado na cidade;
- 41) Não sabe definir;

- 42) Não sabe definir;
- 43) Não sabe definir;
- 44) É tudo o que nos cerca;
- 45) Não sabe definir;
- 46) Não sabe definir;
- 47) Tudo aquilo que nos envolve;
- 48) Não sabe definir;
- 49) É tudo o que nos cerca. Ele pode ser conceituado em todas as partes do mundo, pois o meio ambiente é tudo;
- 50) É tudo o que nos cerca. Pode ser conceituado em toda a parte do mundo, pois o meio ambiente é essencial a nossas vidas.

6) Você tem participado de movimentos de preservação da Lagoa de Piratininga?

2 sim, 47 não e 1 não respondeu.

7) Vota em candidatos evangélicos? Se votar, o seu candidato tem propostas para a preservação do meio ambiente? 8 sim, 39 não e 3 não responderam.

8) Você tem participado de programas de reciclagem de lixo? Caso positivo, qual? 9 sim e 41 não.

9) A mata para você é um ambiente de repouso e introspecção para a busca de Deus ou isto só pode ser buscado em uma igreja? 31 sim, 12 não e 7 não responderam.

10) Você gosta de caminhar na mata, ou os insetos e a lama são algo que o incomodam? 35 sim e 15 não.

11) Na sua casa você prefere ter grandes árvores que sujam as calçadas de folhas

e frutas ou que destroem o calçamento com suas raízes ou prefere um ambiente bem asfaltado, sem lama, nem sujeira, nem insetos? 39 sim e 11 não.

12.1) Abaixo a tabulação do número de associações corretas das palavras com seus respectivos conceitos para cada pessoa entrevistada:

Tabela 04 – Associações corretas das palavras com os seus conceitos (não-membros)

Entrevistado	Nº de associações corretas
(1)	9
(2)	7
(3)	8
(4)	8
(5)	19
(6)	8
(7)	6
(8)	5
(9)	9
(10)	9
(11)	9
(12)	6
(13)	4
(14)	8
(15)	10

(16)	7
(17)	7
(18)	6
(19)	7
(20)	17
(21)	16
(22)	16
(23)	4
(24)	7
(25)	14
(26)	21
(27)	10
(28)	14
(29)	15
(30)	0
(31)	15
(32)	13
(33)	24
(34)	21
(35)	25
(36)	25
(37)	0

(38)	0
(39)	11
(40)	17
(41)	13
(42)	4
(43)	12
(44)	26
(45)	27
(46)	1
(47)	23
(48)	5
(49)	24
(50)	24
TOTAL (1.500 POSSÍVEIS)	596
PERCENTUAL	39,73%

12.2) Abaixo a tabulação da associação das questões certas com a fonte onde adquiriu o conhecimento:

Tabela 05 – Associações dos significados das palavras com as origens dos conhecimentos (não-membros)

Entrevistado	TV	JO	RA	RE	CI	ES	FA	AM	OU
(1)	2					6		1	
(2)	1	1				2		2	
(3)						3			4
(4)									
(5)									
(6)	1					1			1
(7)	2					2		2	
(8)	2			1		1		1	
(9)	1					5	3		
(10)	3	1		1		2		1	1
(11)	2					3	1	3	
(12)	2					3	1		
(13)	2					2			
(14)	2					3		3	
(15)	1	1				3		5	
(16)	2					2	2	1	
(17)						4		3	
(18)	1					4		1	

(19)	3					2		2	
(20)	1					14	1	1	
(21)						12	1	3	
(22)	1					13	1	1	
(23)						2		2	
(24)	5							2	
(25)						14			
(26)	1								1
(27)	1					7	1	1	
(28)						10	1	1	2
(29)	7					2			3
(30)									
(31)	2	1		1		9		2	
(32)		1				10		2	
(33)	2		2	1	3	11		4	
(34)	10		5	4					
(35)				4		19			
(36)	1			1		1			
(37)									
(38)									
(39)									
(40)				1		7			
(41)	3			1		4		1	2

ANEXO 7

O CÂNON BÍBLICO

Existem cópias muito antigas escritas em aramaico e hebraico e outras mais recentes em latim. A Bíblia foi escrita por aproximadamente quarenta homens, e a Palestina foi seu berço.

Logo que foram escritos, esses livros começaram a circular individualmente. Mas, aos poucos foram sendo agrupados em blocos e, mais tarde, juntados em um só volume. A palavra “cânone” ou “cânon” é derivado de uma palavra semita e sua raiz significa “junco”. O junco e a cana eram usados como instrumentos para medir; assim, “cânone” foi tomando o significado de uma regra ou padrão. Para os primeiros cristãos, a palavra tomou o sentido de “regra de fé” ou “escritos normativos”.

Podemos entender o cânone como sendo um corpo definido de literatura sagrada que foi reconhecido oficialmente como divinamente inspirado e autorizado. O primeiro teólogo a utilizar a expressão “cânone da igreja” foi Atanásio, no ano de 367 de nossa era, reconhecendo oficialmente os livros aceitos como padrão de fé e conduta, incluindo os do Novo Testamento.

No Egito, havia um grande número de judeus vivendo na cidade de Alexandria e produzindo literatura religiosa no templo judeu. Eles consideravam sagrados todos os livros da Bíblia hebraica, mas incluíam também os apócrifos, que significa “secreto” ou “escondido”, ou pseudoepigráficos (escritos falsos). Encontra-se na Bíblia católica sete livros a mais que a protestante: Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, 1 Macabeus, 2 Macabeus, e a parte final do livro de Daniel. Esse grupo de judeus, que falava o idioma grego, fizeram uma tradução do Pentateuco (os cinco livros da Lei de Moisés) para o grego, no ano de 250 a.C. Os demais livros foram traduzidos no ano de 150 a.C. Essa tradução recebeu o nome de Septuaginta, fazendo referência aos 70

especialistas que nela trabalharam.

Jerusalém foi destruída pelos romanos no ano de 70 de nossa era. Essa invasão forçou os eruditos a se mudarem para Jâmnia, onde continuariam seus estudos sobre os livros do Antigo Testamento. Vinte anos depois, no ano 90, reuniu-se um concílio de líderes judeus que ficou conhecido como o Concílio de Jâmnia. O resultado dessas discussões foi a aceitação dos 24 livros do Antigo Testamento hebraico, que equivalem, exatamente, aos 39 atuais. Nesse Concílio foram estabelecidos os livros apócrifos. Ainda que alguns discordassem da autoridade desse Concílio para definir tal matéria, os livros incluídos no Cânone Palestíniano continuaram a constituir a Bíblia hebraica até nossos dias.

Os livros que hoje compõem o Novo Testamento sempre gozaram de muita autoridade no seio da igreja cristã, mas só chegaram a ser separados de outras literaturas da época e reunidos num só volume, dentro de um processo paulatino que durou alguns séculos.

Para os padrões de velocidade do século XXI, o processo de canonização demorou tempo demais. No entanto, estamos falando de eventos ocorridos há dois mil anos. Naquela época, o processo de produção de cópias manuscritas era vagaroso, sem falar das dificuldades de transporte para que uma correspondência atravessasse cidades e países até chegar ao seu destinatário. Mesmo assim, a literatura cruzou os oceanos e imensos territórios da Ásia e Europa, em volumes individuais, durante muitos anos.

Depois da morte de Jesus, os autores do Novo Testamento levaram quase setenta anos escrevendo seus livros e epístolas. Aos poucos, estes escritos foram

sendo reunidos em um só volume e reconhecidos pela igreja como literatura em matéria de fé. Por todo o Império Romano, as igrejas que receberam as cartas de Paulo, por exemplo, procuravam preservá-las com cuidado e partilhá-las com outras congregações. Aos Colossenses, Paulo aconselha: “E quando esta carta for lida entre vós, fazei que o seja na igreja dos laodicenses, e a que veio de Laodicéia, lede a vós também” (4:16). Quando Pedro escreveu sua segunda carta, ele demonstrou muito apreço pelos escritos de Paulo quando se expressou: “... como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos em todas as suas epístolas...” (2 Pe 3:15,16). Isso demonstra que, em sua época, as cartas de Paulo já gozavam de grande autoridade religiosa.

Os evangelhos e as cartas de Paulo começaram a circular em um só volume já no final do primeiro século. Com o passar dos anos e a morte daqueles que conviveram com Jesus, as igrejas passaram a valorizar ainda mais a preservação desses livros.



Cena 01 - Comunidade dos membros que não freqüentam igrejas



Cena 02 - Comunidade dos membros que não freqüentam igrejas



Cena 03 - Comunidade dos membros que não freqüentam igrejas



Cena 04 - Comunidade dos membros que não freqüentam igrejas



Cena 05 - Membros da comunidade que não freqüentam igrejas



Cena 06 - Igreja Presbiteriana Betânia de Piratininga



Cena 07 - Igreja Presbiteriana Betânia de Piratininga



Cena 08 - Membros da Igreja Presbiteriana Betânia de Piratininga



Cena 09 - Membros da Igreja Presbiteriana Betânia de Piratininga



Cena 10 - Membros da Igreja Presbiteriana Betânia de Piratininga

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)